BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO
ANNO XXV — N.º 31
Rio, 1 de Agosto de 1931
— PREÇO: 1$000 —

O Indesejavel

de Adonai de Medeiros

PARA o Felicio, funcionario publico, educado no Collegio Pedro II, com referencias honrosas dos superiores hierarchicos, a leitura da extincção de seu cargo, onde perdêra um lustro de vida moça, o lançára na mais dolorosa contingencia. Emquanto collegas relapsos eram manutenidos á custa de empenhos, era elle atirado á luta cruenta do viver, em meio ao exercito de desempregados que se formava no Rio, e suspirou lembrando a odysséa de Juan Calavero na ironia maravilhosa de Blasco Ibañez. A' miseria e á subserviencia na Patria preferiu emigrar; porém, reflectindo, verificou não darem os dois mezes abonados para chegar á França, paiz onde os deshonestos enriquecidos á custa das posições officiaes eram processados e submettidos a julgamento, como nos casos da "Gazette du Franc" e do "Banque Oustric", e o Oyapock, com o seu cortejo parsifalico de victimas, appareceu-lhe como o El-Dorado: lá encontraria a "Ophir", de Henry Ford, e teria a França representada pela sua Guyana, vehiculo para a chegada á terra de seu encantamento...

* * *

A Clevelandia!... A Clevelandia!... O coração do joven tremeu, quando, ao fim de mez de viagem chegou ao logar malsinado por aquelles que o obrigavam, hoje, a supportar os mesmos supplicios, somente accusado do crime de ser honesto. Iria partilhar o nomadismo e a barbaria dos garimpeiros. A sua mentalidade repudiava o apego ao ouro, mas as exigencias mundanas, o luxo, a vida encarecida pelo augmento dos tributos, fomentando a prostituição; a miseria, ora passeando em "baratas" ao lado de vistosos uniformes, ora proliferando nos cochichos peccaminosos das esquinas — tudo isso accendeu nos seus olhos enormes a scentelha da vida breve proporcionada pelas fortunas esbanjadas nos grandes centros, fortunas cujas origens não soffrem pesquisas. A região, com a sua riqueza fabulosa, seria a Caverna de Ali-Bábá, para o seu sonho de Aladino. Quiz ser o barão de Bouças, do "Homem de [illegible]", de Camillo-Farrar, com [illegible] e "champagne", a gente arruinadora de honestidade, lusco-fusca. Emprestar dinheiro, matar a fome, conquistar a mulher e as filhas, fazer como o sr. Manoel de Castro das "Coisas Espantosas". A canalharia aquelles, surdos, aos seus gritos. Imaginava-se Edmundo Dantés, no devaneio glorificador das suas vinganças... Aquele pó amarello, lavado pela agua limpida do rio descendo da serra Tumucumaque, elle o vestia no habito sujo e rasgado do velho abbade. As vozes de S. Marcos, mandando que elle pedisse e lhe seria dado..., resoavam-lhe aos ouvidos de envolta aos versiculos do Apocalypse apontando aos despotas o Juizo Final!...

Ao seu caracter, eternamente revoltado pelas iniquidades dos dirigentes, as idéas dos emissarios russos, agindo livremente na capital paulista, não conseguiram influir, pois ainda sentia o sangue rebellar-se pelo exterminio dos Romanoff. Tinha a sua sympathia pelo Imperio, o que parecia um paradoxo, dado o seu genio exaltado; era o seu fraco, e dizia: "os homens publicos tinham vergonha... A coisa era outra".

Assim pensando, atravessou a cidade e foi hospedar-se em casa de velho cearense, ha muito atirado ás inclemencias das febres e das ambições, guardando, ainda, a acolhida proverbial da sua terra — promettendo iniciál-o na empreitada a que se impuzera.

Ao dia seguinte se reuniu a alguns exploradores e com elles subiu o rio. A travessia recordava a que fizera, no Amazonas, de Agua Preta a S. Domingos, no Iaquiry, sob os raios violentos do sol equatorial, curtindo os mil percalços da aventura, emquanto, lá longe, onde os olhos do corpo não alcançavam, mas o seu pensamento se transportava, havia quem, sem estudos nem sacrificios, pela interferencia de cartas entre ministros e a curvatura deprimente, gozasse de bem-estar e prestigio...

A esposa — Tanto barulho por causa de meia duzia de chapéus! E' mesmo mesquinho; tão mesquinho que, si fosses um phantasma, terias, até, pena de dar sustos nos outros...

* * *

Mezes se passaram.

Felicio conseguira, com mais dignidade e menos sacrificio, ingressar para o bando dos contrabandistas de ouro. Lá o sacrificio era pequeno — a vida, e o merito seria melhor apreciado. E' mais facil a um homem de bem degradar para o crime do que receber a recompensa pelo exemplo de virtude que der. No emprego, além da miseria moral exigida pelos "mandões", teria o jogo do ordenado para pagar as dividas e a honradez a lhe impedir o accesso — sujeito ás influencias do "pistolão". Em tres mezes já depositára em Cayenne alguns milhares de francos, não lhe dando sequer para dar de comer a um patriota... A convivencia rude embotara-lhe os principios rigidos, aperfeiçoando-lhe o instincto ás exigencias dos administradores; e, num labor consciente, lutando com o mysterio da mattaria, com o rigor das febres, illudindo a vigilancia das autoridades francezas, ia elle, como dizem na capital, "honradamente" fazendo as suas economias.

Os grandes criminosos são homens de bem victimas de injustiças!

* * *

Para a gloria ou para a desgraça do homem a mulher sempre é um factor. Para o Felicio, fôra aquella "gonzesse", do "Café Montparnasse", á rua des Chansonniers, na capital da Guyanna Franceza.

Margot — o nome de todas as "nières". Foi um "beguin" que o tornou "affranchi", esquecendo a Patria. Retirou o dinheiro do banco e montou um "café comptoir". Passaram a chamál-o — Félix. E o Félix prosperou. A' medida que lhe ia augmentando a fortuna, a ambição crescia. Um casamento vantajoso solucionava-lhe o desejo; mas não podia realizál-o na sociedade local, e voltou suas vistas para a Ginette do "Café La France", que tinha "aubert" no banco. A sua "maitresse" era pobre e o "affure" escasso. Foi a sua ruina. A "doublard" soube, e no sabbado da "noce", com certeiro tiro, sepultou, com o seu Monte-Christo de illusão e o apagado fogo de retorno e castigo, a "scentelha da vida breve"...

O INTRUSO

Por LAURO MENDES

GUILHERME DINIZ estava irrevogavel em sua decisão. De nada haviam servido os rogos dos amigos do casal, nem os conselhos do velho advogado. Nem mesmo as doutrinas santas e puras em que residia a solidez de sua vida tinham abalado a sua ferrea vontade. Era inevitavel o divorcio. E, no emtanto, era tão feliz com a esposa, mas uma felicidade serena como o vôo placido de uma andorinha. Feliz com elles, vivia a filha, Cléa Diniz, irrequieto passaro de quinze annos, flôr encantadora das reuniões chics da cidade. Mas havia "elle", um quarto personagem que empanava a felicidade do conhecido medico, e que o levava a desquitar-se da esposa. E Guilherme Diniz persistia em dizer que se divorciava por causa "delle", sem maiores explicações. E sua attitude dubia dava nascimento a commentarios pouco airosos, em que perigava, como fragil embarcação, a reputação de uma bôa esposa...

Criado o seu lar, custára muito a Guilherme Diniz a criação da sua primeira filha — a primeira e a ultima — dizia elle, cumprindo o accordo tacito entre os esposos. Na risonha residencia do casal muitas vezes tinha entrado a figura imponente do medico da familia, verdadeiro apostolo — medico do corpo e medico da alma. E, á custa de persistencia tenaz, estava já moça feita, com uma alma de criança. Egoistas de uma felicidade sem limites, tinham enclausurado a alma da menina dentro das quatro paredes do lar. Encantadora prisão, de sêdas farfalhantes e caricias envolventes. Deslumbrados com a dadiva dos céos, mimoso presente trazido pela mão bondosa de um "Pae Noel" ficticio, os parentes porfiavam-se em torneios de ternura por se tornarem gratos ao gentil coração que desabrochava para a vida, abrindo ao sol radioso de um grato futuro as petalas côr de rosa das faces infantis.

* * *

Na vida, não somos mais do que miseros titeres. Quando somos felizes com alguem, não sabemos o que mais nos afflige, o que mais nos prende á pessôa amada: si a felicidade que sentimos, ou o horror de per-dêl-a. Vivemos tão incostados uns aos outros, que o menor sopro do destino nos faz tombar por terra, como si, num infantil brinquedo, se divertisse o Creador em transformar-nos — mortaes — em milhões de pequenos tacos de madeira. Alinhados em fila, poderia, com um pequeno impulso inicial, deitál-os por terra. A queda de um causaria a queda de todos.

O artista (na exposição de quadros) — Agora vou mostrar-lhe a melhor obra de toda a exposição.
O amigo — Primeiro, desejo ver a sua.

E Guilherme Diniz era um escravo do "monstro de olhos verdes" de Oscar Wilde. Roía-o, intimamente, um ciume cégo, incomprehendido, unico, exacerbante, avassalador, uma ciumada louca da filha, da unica filha. Certo da fidelidade da esposa, limitava-se apenas a vêl-a e sentil-a nos momentos de descanso. Mas, apenas isto. Uma amizade serena, sem exaggeros.

Todo seu amor, toda a sua ternura se concentravam numa adoração que tocava as raias do doentio, em sua filha, na sua idolatrada Cléa. Sabia elle, por experiencia, que nada podia temer da esposa, sempre terna, a seu lado. Mas dia viria em que, obedecendo aos impulsos naturaes da mocidade, chegaria para a filha a hora doirada do amor.

E tinha com ella longas confidencias. Mas as confidencias têm a inconveniencia de se conservarem eternas e immorredouras na mente de quem as ouve. Continuamos a evoluir, e, então, nos surprehendemos humilhados, cada vez que, em nossa frente, no espelho das recordações alheias, apparece o que desejaramos esquecer...

E como um torvo cor-

(Cont. na pag. seguinte)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

* As assignaturas terminam e começam em qualquer mez
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barrozo — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa correio 1431
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Troque seu Velho Rosto por um Novo

Os especialistas de belleza de Paris declaram que as mulheres elegantes começaram a rebellar-se em todos os paizes do mundo. Em sua afanosa busca por novos elementos que permittam augmentar a belleza feminina, ellas hão terminado por verificar que, afinal de contas, os velhos amigos são sempre os melhores. Não se deixando levar pela extravagante propaganda de certos modernos productos de belleza, as mulheres de hoje em dia volvem aos simples remedios que, através dos annos, têm demonstrado a sua efficacia e que gozavam de popularidade entre as gerações que precederam immediatamente a actual. Por exemplo, durante o transcurso do ultimo anno, ha augmentado tão notavelmente o consumo da antiga cêra pura "mercolized" ("Pure Mercolized Wax"), que muitos pharmaceuticos e droguistas, com o proposito de attender á crescente procura popular, a vendem agora tambem em caixinhas de tamanho menor e, logicamente, de preço mais reduzido.

Tambem o carminol puro voltou ao seu antigo auge, pois offerece sobre o rouge a vantagem de que o colorido que empresta á cutis é muito mais natural e perfeitamente innocuo.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez "Pure mercolized Wax")

A legitima "Cêra pura mercolized" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PREÇOS DE VENDA NO BRASIL, RS. 12$000 E 7$000.

fessor, ia desenvolvendo no cerebro da filha, de que elle deveria ser o guia espiritual, uma inexplicavel ogerisa pelos homens, e arrancando-lhe, a pouco e pouco, a promessa de que nunca se entregaria aos braços cariciosos da suprema emoção da vida...

* * *

E deu-se o inevitavel. Por demais dedicado á filha, Guilherme Diniz não deu pela mudança da esposa. Gradativamente, Olga Diniz, simultaneamente abandonada pelo marido e pela filha, deixou de ser uma esposa para ser uma flor de lar, um mero ornamento de sociedade, uma brilhante portadora do nome assás conhecido do marido. Gozando de toda a liberdade, Olga Diniz procurou o circulo de amigas que a rodeavam, para divertir a sua ainda lisonjeira mocidade. E tornou-se o "potin" favorito nas rodas elegantes, onde se fumava "Abdullah", onde se apreciava Valentino, onde se jogava polo, mas onde se detestavam os philosophos que falavam em honra e outros sentimentos alheios aos tempos vertiginosos de hoje...

O INTRUSO

(Continuação)

Era de sensação a tarde de Polo que ao Rio de Janeiro elegante offerecia o Gavea Golf & Polo Club. Por um esforço insano de sua directoria, conseguira trazer ao Rio a equipe, mundialmente conhecida, dos "Red Polo Men". Uma derrota era esperada, mas o aristocratico *match* seria uma victoria conseguida pelo elegante club. E a nota de sensação, o tom bizarro da reunião, o "potin" favorito do "smart-set" era a presença, no *team* do club, de Olga Diniz, a abandonada esposa, dona de um lar que a sociedade olhava com inveja, como dos mais felizes. Era aquillo a consequencia galante, mas dolorosa, de um abandono prematuro de uma esposa, por um marido, dos que julgam que bastaria apenas o nome e uma filha, a principio, e depois somente aquelle. Um nome brilhante, mas uma reputação pouco firme. Um circulo de amigas, como abutres, imbuidas de um prazer estranho em fazer proporcionar todos os divertimentos á esposa sem lar. Mas era a época, a unica época, desde a noite dos tempos, em que a mulher, na sua quasi totalidade, perdeu todos os seus femininos attributos: o pudor, o recato, a delicadeza, as "nuances" delicadas do espirito. A mulher da nossa época monta desembaraçadamente a cavallo, fuma e diz phrases de calão. E ri-se desbragadamente quando encontra uma "pervertida" que sabe cozinhar e bordar: trabalhos de escravos. Os animaes são os unicos entes da creação que não sentem o influxo das épocas em que vivem. O sentimento maternal, na féra, é immutavel. Mas o mesmo não acontece ás muitas mães que confiam a criação de seus filhos a amas mercenarias.

Encheu-se do mundo aristocratico e elegante *cancha* do Gavea Golf. Gemeram os prélos, avidos de darem noticias de grande sensação. Encheu-se de galas o coração de Olga Diniz. Atulharam as bolsas os insaciados americanos. Perderam os brasileiros, honrados — confessavam — com a derrota. Perdeu tambem Olga Diniz. E num inexplicado jogo de olhares e signaes cabalisticos, um jogo todo elle fóra-programma, todo elegante, e muito raras vezes applaudido, perdeu a esposa do medico mais alguma coisa...

Abençoada sociedade! A que preço tu divertes, tu forneces uma felicidade ficticia e enganadora. Quanto custa a tua profusão de luzes, teu cortejo enganoso de elogios e mesuras! Atraz de tua mascara hypocrita esconde-se toda um cabedal de pequenos dramas familiares, obscuros, nojentos, repulsivos, uma infinidade de aleijões moraes que tu cobres com tuas galas fugazes.

* * *

Cléa Diniz adoeceu subitamente. Adoeceu, por uma dessas imprudencias communs na mocidade feminina inexperiente das surpresas da vida. Viuva de um carinho maternal, não tinha quem, gradativamente, lhe fosse abrindo os olhos para os diversos aspectos que offerece o amadurecimento da sazonada fruta que é a mocidade. Vendo a filha doente, Olga Diniz teve um impeto covarde de fugir. O seu movimento instinctivo de mulher fraca levava-a a procurar abrigo com as pessôas que a cercavam, como o afogado rebusca, ancioso, um ponto de apoio. Mas logo comprehendia que não a poderiam valer no afflictivo transe, e sentia-se então só, como si á sua volta se fizesse repentino vacuo, e ella ficasse só, repentinamente só, dentro de sua incomprehendida dôr. E, á proporção que a doença, tenaz, minava o organismo da filha, Olga Diniz transformava-se num automato — com tanta gente agitando-se perto, não ouvindo nem vendo ninguem — até que a dôr se vae gastando, até chegar a botar-se numa especie de torpôr. E, desatinado o homem, incompetente a mulher, resolveram, de commum accordo, entregar a um medico [illegible]nho a sorte da filha. E este, depois de ouvir a

O INTRUSO

(Conclusão)

debil exposição da doença", disse então a Guilherme Diniz que a filha morria lentamente, porque lutava com a sua natureza feminina, com seu instincto, contra a natural sequencia da vida. Que a alma ansiava por carinho e amor, e que, por causa delle, se brutalizava com a solidão da sua existencia. Isolada, ella estiolava-se, enfraquecia, e morreria. Si era forte cerebralmente, era fraca de coração, e os seus braços, que a ninguem abraçavam, tombariam involuntariamente, ao lado do corpo macio e sem calor. E era um moço quem falava assim, era um moço quem dizia, á doente, com uma voz quente, que a mulher precisava de amor, que a humanidade se ampara mutuamente, que os vencedores só vencem com amor no coração e piedade na alma. E, como uma flôr doente que fenece, Cléa Diniz dobrava-se insensivelmente sobre si mesma, como haste flexivel que se quebra quando sopra mais forte o vento irrequieto. Mas, um medico do corpo fôra vel-a e ministrára-lhe um remedio para a alma. E quando, no dia seguinte, foi novamente ver a doente, já encontrou menos curva a hastezinha flexivel que se dobra e se parte quando o irrequieto vento sopra mais impetuoso...

* * *

Foi então que começou a Via-Dolorosa do torvo confessor. Enclausurado em seu grandioso amor pela filha, abandonado pela esposa, Guilherme Diniz abandonára a vida exterior, isolado do mundo, como o alchimista de antanho, que rebuscava ansioso o "eureka" cupido do doirado metal. Como si fôra uma mysteriosa retorta, o quarto florido da desfallecente virgem era a sua boia de salvação, onde jazia, qual misero titere, o velocino de ouro de sua vida de lutador. E elle, medico, scientista, gloria da humanidade e do seu paiz, esquecêra que poderia lutar com a Morte, e afastar para longe o pavor da noite que não terminá". Mas já estava vencido. Havia "elle", que açambarcava todo o amor de sua filha, um ente apparecido subitamente, que o substituira, quasi que por completo, no cerebro quasi infantil do seu idolo. "Elle" observava, com carinho, e com minucias que não alcançavam o seu coração de pae, embora medico, a marcha da doença. Tinha cuidados especiaes, que elle invejava, mas que seguia á risca. E a fragil doente, que se revoltava contra qualquer medicamento ministrado pela mãe ou pelo pae, que se mostrava rebelde a qualquer tratamento, que desdenhava quaesquer conselhos attinentes ao resguardo que deveria ter, sob o influxo da voz insinuante do "fantasma", satisfazia a todos os desejos e ordens que eram formuladas.

E Guilherme Diniz soffria, suppondo perdida a filha. Por vezes, na sua allucinação, pedia a Deus que levasse o corpo da filha, porque assim — e sentia nisso um prazer morbido — "elle" tambem perderia. E si ella vivesse, o "fantasma" ganharia o corpo e a alma da pallida donzella.

Já trabalhava, mas contando, allucinado, as horas, que cahiam lentas e compassadas, na bacia doirado do tempo. Contava as horas que faltavam para chegar ao lar. Mas pouco durava o seu encantamento. "Elle", o fantasma, o maldito, chegava, e ella, a pallida donzella, se ataviava toda, e recebia-o de braços abertos. E o pobre pae, o arrependido confessor, ficava-se vagando, sempre fóra do quarto, esperando a hora do "fantasma" ir-se. E quando isto acontecia, sempre tarde, Guilherme Diniz só tinha tempo de receber a esmola do "bôa noite", papae. Mas o confessor sabia que ella iria dormir sonhando com o dia seguinte, com a hora do "fantasma" chegar.

E Guilherme Diniz sentia que o "maldito" ia vencendo, no coração da filha, e derrotando a incompetencia da mãe. E, como por milagre, foi-se restabelecendo aos poucos, revivescendo, tomando côres, a hastezinha flexivel que se dobra e parte quando o irrequieto vento sopra mais impetuoso...

* * *

Já é tempo de descerrar o véo da tragedia de que fui observador silencioso. Ante-hontem, abrindo um vespertino, se me deparou a noticia, em que, sob o titulo de "dramas familiares", li que o dr. Guilherme Diniz abatêra a tiros, no seu consultorio, um joven e já illustre medico brasileiro. E muito lá em baixo, laconicamente, como quem aproveita um espaço que valeria dinheiro, si occupado com um annuncio, dizia o noticiarista que "o morto era noivo da filha do assassino".

Comprehendi tudo. Depois de curada a filha idolatrada, desvairado pelo ciume, o dr. Guilherme Diniz resolvêra liquidar o seu salvador. E, cego, abateu o "fantasma", o "elle" de voz quente e insinuante, tão cheia de minucias que elle invejava e seguia, a seiva que erguêra para o céo a hastezinha flexivel que se dobraria e se partiria si o irrequieto vento soprasse com mais impetuosidade...

A TRAHIÇÃO...

— Meu marido adora-me e se, algum dia, eu o trahisse, e elle viesse a saber, morreria de desgosto — é o que, invariavelmente, dizia a suas amigas mais intimas Edméa Lemoultier quando, em torno de uma pequena mesa de chá, faziam-se confidencias.

Uma profunda convicção animava sua voz e, por um momento, emprestava um tom grave, austéro, á sua physionomia um tanto brejeira. A morte immediata ou, ao menos, rapida do sr. Lemoultier, provocada por uma trahição de que elle viesse a ter conhecimento era um artigo de fé que se não podia discutir.

Edméa tinha a certeza de ser uma mulher seductora e sabia, tambem, que o marido a adorava. Mais velho do que ella cerca de quatorze annos, elle a queria com uma paixão exclusiva, com uma admiração fóra de limites. Certamente, Edméa não trahiria, jamais, tão excellente marido... que a fazia perfeitamente feliz... Uma vez, porém, dizia-lhe, no intimo, de vez em vez: "Se, por desgraça, tal acontecer, saberei ser bastante sensata e intelligente para que elle nunca possa desconfiar da minha trahição".

Edméa estava casada ha seis annos e quatro mezes quando mudou de todo a formula que habitualmente empregava para especificar os sentimentos que o sr. Lemoultier nutria a respeito della.

E não disse mais a suas amigas: "meu marido adora-me e, se algum dia, eu chegasse a trahilo, morreria."

Dizia, apenas: "meu marido adora-me e, se algum dia, elle soubesse que eu o trahia, morreria."

Essa significativa modificação era consequencia de um caso passional que perturbou a existencia de Edméa e de que foi protagonista um joven de cabellos louros, rosto moreno, olhar langoroso e palavras encantadoras. Amavel, extremamente amavel; mesmo, não cessava de protestar contra o que elle chamava o "hediondo senso pratico contemporaneo", fingindo apenas interessar-se pelas emoções deliciosas e capciosas do amor e pelas manifestações da arte em todas as suas formas, comtanto que ellas fossem raras e de qualidade. Seu nome era Philiberto Jardel, de que elle fizera, porém, Phili-Jarde para assignar estudos estheticos e ensaios em que analysava a si proprio.

Seja porque viesse a uma hora propicia, seja porque exercesse sobre Edméa Lemoultier um poder particular de fascinação, Phili-Jarde venceu, sem difficuldade, a fortaleza da virtude, até então solida, da joven senhora. Ella considerou-o logo o mais bello e o mais *raffiné* dos homens, dedicando-lhe sentimentos que o honrado sr. Lemoultier jamais lhe inspirara. E cedeu, assim, ao seu amor, embora com um certo remorso e um certo receio. Não é que temesse por si propria, mas por seu pobre marido, que morreria de dor se se soubesse trahido.... E disso, no seu intimo, se accusava, tomada de profunda e sincera emoção.

Pobre homem! Por que a amava elle assim?... E por que não encontrava ella forças para resistir ao seductor Phili-Jarde? Mas... Ora, não havia geito: ella não acharia nunca essa força e nem desejava encontral-a.

O amor dominador... Sim — o grande, o immenso amor... Era seu dever, porém, preservar a vida de seu marido, agindo com cuidado para que elle de nada viesse a saber...

E esse "dever" ella o cumpriu com a mais rigorosa exactidão, pelo menos durante as primeiras "trahições". Assim, evitava commetter qualquer imprudencia, tendo sempre a cautela de arranjar um passeio ou uma visita capaz de servir de justificativa, antes ou depois das horas cheias de attracção e de amor que passava no encantador "studio" do encantador Phili-Jarde. E, com uma admiravel diplomacia, dizia, depois

Meu poema para você

Você me surprehendeu. (Ninguem prevê
O que ha-de vir. A sorte o não propala.)
Eu, na grande ventura de encontrál-a,
Senti, no coração, um não sei quê.

E agora eu só me lembro de você:
Da sombra triste que ha na sua sala,
Do seu "não", do seu "sim" que você fala,
Do seu olhar chorão, quando me vê!

Você ficou no meu Destino, eu vejo,
Como um clarão de crença renascida,
Como uma flôr de sangue em meu desejo!

Tanto é que, muitas vezes, penso em mim:
Como foi differente a minha vida...
E hoje, por sua causa, estou assim...

RUY CÔRTES

De Frederico Boutet

ao marido, durante o jantar, como havia empregado o tempo. Elle a ouvia, a mastigar, com o seu inalteravel appetite, emquanto ella o fitava emocionada... Era um homem forte e gordo, de physionomia fresca e olhos que pareciam sorrir... Como parecia feliz!... Se elle soubesse... Se elle soubesse, o infeliz!...

E ella, de repente, o via livido, acabrunhado, desesperado, ferido no coração, ferido de morte no seu grande amor, na sua immensa adoração por ella, que sempre fôra o seu idolo... Não! não! Ella não desejava isso e, graças a Deus, nada tinha a temer... O sr. Lemoultier era o menos ciumento dos maridos e depositava uma confiança cega na sua mulher... Facil, mesmo, para delle se abusar... E não era sem um certo desprezo que ella constatava isso, tendo uma verdadeira piedade pelo pobre homem...

Assim, tendo verificado como lhe era facil dissimular suas traições a um esposo tão confiante e credulo, Edméa, pouco a pouco, foi se habituando a não ligar maior importancia ao caso. Como lhe parecessem vãs as precauções que tomava, começou por descuidar-se.

Ao fim de seis mezes, já não ligava muito, e, ao fim de um anno, deixou tudo correr o mais á vontade possivel. Mas, nas horas de confidencias, não se esquecia de repetir: "se meu marido viesse a saber, morreria." E juntava, com uma convicção definitiva: "Mas elle nunca saberá." E, se não accrescentava: "porque é muito besta", era porque, depreciando-o, se depreciava a si propria.

Sua ligação com o elegante Phili-Jarde tornava-se cada vez mais intima. Quasi todos os dias ella ia á casa delle, que, não raro, tambem vinha á della, porque Edméa, na firme persuasão de que o marido nem de leve suspeitava da sua fidelidade, chegára ao extremo de lhe apresentar o amante.

E o sr. Lemoultier acolhia-o bem, convidando-o para jantar, rogando-lhe, mesmo, para fazer companhia á mulher quando, á tarde, tinha necessidade de sahir afim de tratar de seus affazeres que lhe tomavam bastante tempo.

Durante a estação de banhos, tudo correu maravilhosamente bem para os dois amantes. Phili-Jarde passou dois mezes, na mesma praia, com o casal Lemoultier, e como o sr. Lemoultier, uma vez por outra, viajava para Paris, elle e Edméa aproveitavam o melhor possivel essas repetidas ausencias.

Um dia, estavam os dois a fazer novos projectos para a proxima estação, porque, Edméa, sempre enamorada, e Phili-Jarde, sempre gentil, já não comprehendiam a vida um sem o outro.

Sim, por que elle, em vez de tomar um quarto de hotel, não haveria de occupar um commodo na villa que o casal Lemoultier pretendia alugar?

Esta suggestão era de Edméa. Sem julgar necessario consultar o marido a respeito, ella a expôz ao seu bello Phili-Jarde num dia de junho, em que o havia convidado para jantar. Os dois, na occasião, se encontravam no "boudoir" da joven esposa enamorada. O sr. Lemoultier ainda não havia chegado. E Edméa, sentada num lindo divan, ao lado de Phili-Jarde, explicava-lhe como seria delicioso o "arranjo" que lhe propunha.

— Comprehendes, meu amor — dizia-lhe carinhosa — assim eu ter-te-ia perto de mim a todas as horas, durante todas as refeições... Não, não... não recuses... Far-me-ias soffrer... Amo-te tanto...

Arrastada por esse ardor passional, ella enlaçou a cabeça do seu "queridinho" e applicou-lhe um sem numero de beijos...

Nesse momento, a porta abre-se e apparece o sr. Lemoultier, que teve um gesto de recúo, pois tudo vira. Elle não podia deixar de ter visto...

O amavel Phili-Jarde, desembaraçando-se dos braços de

Pesadello

Resaltavam da tez exangue do semblante
Teus olhos abysmaes — dois abysmos de dor —
Onde a luz se velava a cada novo instante
De agitação febril, de agonico estertor...

Uma lagrima linda escorreu, soluçante,
Por tua face, assim como cal ao sabor
Do vento a folha morta. (E teu busto anhelante
Era bem a cerviz duma arvore sem côr...)

Abraçava-te a fronte um roxo diadema
de violetas subtis. Rodolpho allucinado,
Estreitei-te, Mimi, naquella hora suprema...

E como te beijei a bocca dolorida,
Como um mystico sol em labios decepado,
Na tragedia final dum occaso de vida!

Flavio Poppe de Figueiredo

MINHA MÃE!...

DE EDUARDO MARTINELLI

QUIZERA possuir o dom, o maravilhoso dom de que a Natureza dota certos homens — dom que os torna uns semi-deuses, em face do Mundo, dum Pôvo, d'ua Sociedade. Quizera possuil-o para, com uma varinha encantada, maravilhar-vos com as seducções da Vida e da Natura.

Possuindo a eloquencia, as palavras certa e forçosamente adquiririam em meus labios nuances diversas.

Possuindo a eloquencia, transformar-vos-ia a immensidão vibrante de coisas que a Mocidade possúe. O Céo seria sempre lindo e sempre limpido. Da Terra brotariam rosas deliciosas da côr do Beijo e da Vida. O Genero Humano seria bom, justo e teria a verdadeira concepção do Bello. A Humanidade inteira gozaria do immenso cortejo de coisas bôas, sãs e perfeitas que o Sentimento Humano possúe.

Mas, com pesar, com grande e profundo pesar vos digo: não possúo esse dom maravilhoso. Não sou eloquente.

Entretanto, si me permittirdes, contar-vos-ei uma linda historia que ouvi, dum grande amôr filial:

— Eu era joven e amava. Vivia. A alvorada da juventude despontava em mim.

Era o extase... a Volupia... o sonho... Depois... o abandono.

"Tinha um carinho — Minha Mãe. Era bôa. Formosa. Santa. Era para mim a razão de tudo. Eu era para Ella o seu unico bem.

"Minha Mãe!... Minha Mãe!... Minha santa Mãe!... O Inverno veiu. O manto frio cahiu sobre a Natureza e as Creaturas. Inverno triste... triste inverno... o inverno que se foi...

"— Mãe — disse-lhe, uma tarde — vou partir.

"— Filho, querido filho, não vás. Não deves partir. Si fôres, que restará de mim? Não escutas os meus pedidos? Não ouves a tua Mãe? Não partas filho; não deves partir.

"— Mãe perdôa. E' destino. Pede a Deus por mim.

"E parti...

. . . .

"Na curva do caminho seguiu o filho querido, que os braços da pobre Mãe não puderam conservar. O Céo, a Terra e a Natureza toda pareciam perguntar-lhe:

"— E tua Mãe?

"— Minha Mãe?

"E desviando o olhar, cahia de nôvo acorrentado na exaltação dum desejo louco: Ouro... Gloria... Amôr...

"O Ouro dar-lhe-ia o luxo, o fausto, a grandeza.

A Gloria cobrir-lhe-ia d'ua aureola immensa e o embalariam com canções maravilhosas.

"O Amôr, todo o bem que existe no Universo... E immerso em sonhos mil, continuou a caminhar...

. . . .

"— Tive ouro... o ouro faz tantos milagres!... As mulheres bellas me adoravam... e eu tinha muito ouro para ellas... Amigos? Possui muitos, que gozaram abertamente de minha bolsa recheada.

"O ouro faz tantas coisas...

"Uma noite se foi o meu ultimo real. Com elle sumiram-se as mulheres bellas, as coisas fugaces e os amigos de prazer...

"E soffri tanto!...

"Triumphei!...

"Os louros da Gloria cingiram-me a fronte... Era tão bello o Triumpho!...

"Multidões enormes prostravam-se aos meus pés. Com palavras e gestos vibrantes eu dominava as multidões. O Triumpho era tão risonho... e era tão bello... Um dia, não sei como, a Gloria fugiu-me. Levou-me o cerebro.

"E soffri tanto!... Voltei á Patria. Cançado, desilludido e abatido procurei o lar.

"A lua estava a desmaiar.

"— Minha Mãe? Minha Mãe?...

"Não a encontrei. Perguntei ao Céo, á Terra, ao Mar...

"— Minha Mãe? Minha Mãe?

"E apontando-me o Oriente, pareciam dizer-me:

"— Tua Mãe? Quando partiste, e levaste o seu unico Bem... Tua Mãe, o teu maior Thesouro soffreu... soffreu... e morreu...

"Então, entre lagrimas tardias, chorei... Nunca mais amei...

(Do livro, a sahir, "Oriente").

A TRAHIÇÃO...

(Conclusão)

Edméa, desappareceu, a correr, por uma outra porta.

Edméa ergue-se, emfim. Constringe-a uma profunda emoção: remorso, piedade, afflicção, pavor. Como ella estava horrorizada da sua louca imprudencia!

Ferida pelo proprio mal que vinha de fazer, sacudida pela idéa do atroz soffrimento que deveria estar trabalhando o desgraçado que ali se achava, immovel deante della, — esse pobre marido, tão leal, tão fiel, tão amoroso, cuja existencia ella acabava de anniquilar...

— Mata-me, sou uma miseravel! Mas não te matas, não, Adriano! Não te mates!

— Tranquilliza-te. Não penso em matar-te e muito menos a mim — respondeu-lhe, calmo, o sr. Lemoultier. Não me presto para as tragedias passionaes, crê. Apenas lamento haver entrado de um modo importuno, mas o que vi nada de novo me adeantou. Sabia, já, que vivias muito bem com esse imbecil, isso desde outubro do anno passado. Conheço tudo desde o começo... Isso, realmente, não me foi lá muito agradavel, mas eu cá tinha as minhas razões... Com quatorze a mais da tua idade, não sou nem attrahente nem nada poetico ou romanesco... Tenho horror ao escandalo e tu não és lá muito má dona de casa... Habituára-me a viver a teu lado... e nada quiz dizer... E' certo que fiz, tambem, uma pequena vida á parte, arranjando uma excellente ligação, para meus ligeiros repousos... Vamos... podes calmar-te. Penso que se dá mais importancia do que se deve a essas questõesinhas de amor... Trahição!, que grande palavra para uma coisa tão insignificante!...

Estava calmo e era sincero, assim falando, embora um tanto sarcastico, o sr. Lemoultier.

Edméa, porém, estava a experimentar um violento despeito. Tão violento que não poude contel-o, e rebentou em pranto.

Porque era ella que se sentia trahida de todas as maneiras...

Cortezia

De Bernard Gervaise

COMEÇOU por um coryza. Fenouil fez o que se costuma fazer em casos semelhantes: um lenço de duas em duas horas. Depois, teve uma inflammação de garganta, dores musculares e um pouco de febre.

— A grippe! — disse, diagnosticando.

Aspirina, xaropes peitoraes, tisanas. Apesar de tudo, o estado de Fenouil se aggravou, e sua mulher resolveu chamar o medico, mesmo contra a vontade de seu marido, que affirmava que aquillo era grippe e desappareceria como havia apparecido.

Quando se apresentou o dr. Pignochet, o enfermo já estava levantado.

O medico protestou contra a imprudencia do enfermo, cuja negligencia motiva, ás vezes, a inutilidade da intervenção medica, por não ter sido esta solicitada a tempo.

Auscultou detidamente Fenouil, e disse, sem vacillar:

— Broncho-pneumonia. Aguda e fulminante.

Fez a receita e despediu-se até o dia seguinte. Quando voltou pela segunda vez, a senhora Fenouil, muito alarmada, lhe disse que o paciente passára mal a noite, mesmo muito mal. O esculapio fez nova receita e se despediu até á noite.

A' tarde, Fenouil terminára de delirar, não tinha quasi febre e dormia tranquillamente, como parecia. O doutor não receitou nada dessa vez:

— Isto se acaba — disse á senhora Fenouil.

Ouviram-se ainda algumas palavras. "Infelizmente, não. Parece-me que é tudo inutil. Só um milagre..." O dialogo foi interrompido pelos soluços da senhora Fenouil.

O doutor sahiu, sem dizer que voltaria.

Na manhã seguinte, o enfermo despertou, sentou-se na cama, olhou espantado a cara contrafeita de sua mulher, que passára a noite velando-o, e disse claramente:

— Tenho uma fome louca, querida. Traze-me chocolate com pão e manteiga.

Sua mulher suppôz que elle delirava. Mas teve que render-se á evidencia. Fenouil tinha um excellente aspecto, a lingua limpa e o pulso bom. O thermómetro marcava 37 gráos, temperatura normal.

O enfermo estava salvo, ou melhor, estava curado por completo. Surpresas da grippe. Almoçou, vestiu-se e sahiu á rua, apesar de todas as advertencias de sua mulher, um pouco inquieta ainda.

Uma hora depois, ao dirigir-se para o trabalho, como si nada lhe houvesse occorrido, tomou o omnibus, e viajava tranquillamente, quando um passageiro veiu sentar-se a seu lado. Era o doutor Pignochet.

— O senhor aqui! — exclamou o medico, olhando-o com espanto. — O senhor aqui! Mas isso é inconcebivel, inaudito! Como se explica isso?

Via-se, porém, que estava mais contrariado que surprehendido. Sentimento, aliás, bem natural. Um meteorologista não póde gostar que brilhe o sol quando elle prognosticou tormenta. Fenouil comprehendeu-o e, sentindo-se envergonhado, como um homem que acabasse de commetter involuntariamente uma inconveniencia, julgou de seu dever pedir desculpas.

— Sim, doutor. Pareceu-me que estava um pouquinho melhor e resolvi dar um passeio. Talvez haja feito mal.

O tom humilde em que se expressava não bastou, no emtanto, para curar o amor proprio ferido do medico. Este se limitava a dizer:

— E' incrivel! Incrivel e prodigioso!

Pobre doutor. Fenouil punha-se em seu logar. Encontrar-se no omnibus com um doente cuja morte decretára horas antes é, positivamente, um ultraje! Fez um esforço para dar a entender que as coisas ainda podiam ser arranjadas.

— Sim — accrescentou. — Agora comprehendo que commetti uma imprudencia. Dizem que as recahidas são peores que as enfermidades.

Trabalho inutil. O infortunado medico parecia não ouvil-o.

— E' incrivel! Incrivel e prodigioso! — repetia, a meia voz.

Realmente, não conseguia comprehender como se poude dar o milagre que representava a melhoria imprevista e inesperada do homem a quem déra como desenganado algumas horas antes.

Como é de suppôr, não é nada divertido a gente tropeçar com um individuo cuja sentença de morte se decretára na vespera.

Fenouil não poude resistir mais tempo ao espectaculo de uma tal amargura. Arrastado pelo impulso irresistivel de seu coração, tomou a mão do medico e, para consolal-o, lhe disse:

— Que diabo, doutor! Afinal de contas, a culpa não é do senhor!

ESTOICISMO

Por LAURO R. ANDRADE

AQUELLE encantamento começára desde o dia em que elle, pela primeira vez, a vira, de relance, e os dois olhares se estagnaram numa surpresa alegre e demorada.

Elle, um idealista, de alma á antiga, cultor da Fórma e do Bello, modalidades da esthesia suprema dos artistas. Seu unico defeito: ser pobre. E este, ninguem poderia perdoál-o. Prenuncio de uma olympica derrocada de sonhos romanticos.

Ella, uma simples mulher, com todas as seducções do seu sexo e com todos os defeitos de uma educação excessivamente sentimental, perpetuados na classe media soffredora e contemplativa da ventura alheia. Uma promessa de volupia, o seu perfil venusino attrahia o olhar de todos os mancebos. Quando ella passava, toda de vermelho, dir-se-ia deslisar no ar uma ronda de desejos, como si por milagre adejasse em torno della uma ciranda de nymphas em choréa, a desfolhar rosas orvalhadas. Flôr de carne ainda intacta, faria brilhar a pupilla do mais frio anachoreta.

Mario e Clenyde amaram-se furtivamente. Sob um caramanchão de jasmins odorantes, numa noite de luar de argento, trocaram elles o primeiro casto e inesquecido beijo. A sensação macia daquelle beijo gravou-se dentro do pensamento do moço, e este quiz perpetuar o p o e m a tão vivamente sentido naquelle momento, E, pela primeira vez, escreveu uma carta romantica, em phrases melllifluas e ardentes:

"Fascinante Clenyde. — Seria excusado repetir o que já deves saber: a invencivel paixão que me tortura e delicia ao mesmo tempo. O nosso amor foi um milagre. O motivo inicial de toda a minha alegria, de toda a minha fé e de minha resurreição foi o teu vulto airoso e esbelto que eu vi, de relance, entre as perolas volantes que fazem o encanto e o deslumbramento dessas tardes radiosas de nossa terra! Casta madona de olhar piedoso e brando: erradia visão que me acalenta e guia: tú és a musa gracil de meu sonho adolescente, por quem no meu delirio eu clamo e procuro em vão! O meu amor será mais forte do que a morte, pois poderá viver da propria renuncia e sobreviver ainda que tu morresses.... Por elle sacrificarei tudo, a propria vida, que nada vale para mim sem tua imagem. Si tens a coragem de unir-te a mim, dize francamente, e irei então buscar-te onde quer que estejas. Eu só comprehendo o amor com sacrificios e renuncias: sou pobre, bem o sabes, e si acaso eu passasse por deante de tua porta vestido como um mendigo e tu me não olhasses com o mesmo e compassivo olhar de interessado carinho, eu descreria da sinceridade do teu amôr e no proprio coração de todas as mulheres, abandonaria o mundo, iria ser frade num convento longe, onde pudesse esquecer o meu primeiro, infeliz e unico amor.... Espera e confia no teu — Mario."

O baixo m u n d o de Sancho não comprehendia a belleza desse ardor romantico. A vida prosaica não poderia admittil-o.

Uma conspiração geral se tramou em torno dessa descabida pretensão. Um poeta... Ora, um poeta!... As velhas, as manas, os manos, todo o mundo domestico, a cozinheira, o papagaio, todos levaram na risota aquella tentativa de lyrismo.

— Estás perdendo o juizo, filha. Então queres deixar o tenente por causa desse pobre diabo que não tem recursos para formar familia? Um pobretão sonhador....

(Isto dizia a bôa e carinhosa mamã).

— A crise de noivados está forte. Mas o melhor é segurar o tenente. E mesmo aquelle gajo é um poeta. Não leram o poema publicado na *Revista Elegante*? A luta pela posse dos homens não chegou a este ponto critico. Seria um desastre: um poeta na familia.

(Estas asneiras, parodiadas de um romance de Pittigrilli, eram ditas por um dos manos da dulcinéa, c o r r e t o r na praça e socio do athletico).

Aqui entra em scena a victima.

— Pois bem. Si eu não me casar com Mario, ficarei no "caritó"... (Caritó, na giria familiar, quer d i z e r celibato). Diabos levem aquelle tenentinho petulante! Foi elle quem seduziu a Moema. Não sabiam? Pois fiquem sabendo. Ella me contou tudo...

(Aqui desce o panno. A platéa, isto é, o leitor, que tem o direito de julgar si isto é realidade ou ficção, reclama o final da scena).

Calma no Brasil. A discussão continua. Afinal erguem o panno. A victima trancou-se em seu quarto e chora, lendo a carta-poema do namorado Pierrot.

O mano athleta, rapaz pratico, que sabe tirar proveito de tudo, quiz resolver a crise, accionando a manivella de sua victrola. Um sacolejante "fox" americano faz cócega no ouvido da romantica. Um sorriso brejeiro invade o seu semblante. A crise passou. Milagre? *La donna é mobile*...

— O tenente está ahi — diz o maninho que tambem sabe tirar proveito da situação, e, no caso, defende um ingresso de cinema. — Anda, saia dahi, sua chorona...

.. ..

Prosaicas peripecias da vida corrente... Classe media soffredora, eterna comediante nas tragedias intimas... O cadete de bigodinho á Ronald Colman casou-se com aquella bella promessa de sensualidade. A mulher, ser amoldavel e plastico, foi ao armazem do bom senso, adquiriu um ingresso e vestiu uma fantasia rococó. Um padre ironico concedeu o *conjugo vobis*... com altim e agua benta.

Mario era candidato a propheta. Quiz dar uma demonstração de estoicismo, (*vanitas... vanitas*...) Testemunhou o casorio do amigo victorioso. Fez bem. Invejo-lhe a ventura. Escapou de duas tragedias. A primeira, um casamento por amor, neste seculo de cimento armado, e a outra, classico suicidio por amores contrariados. Um casamento rico será o castigo á sua apostasia, si acaso elle esqueceu definitivamente a sua primeira, infeliz, olympica e prosaica derrocada de sonhos...

Antes assim, pois o lysol está caro, as cordas estão fracas, o fogo é frio e a assistencia é perita em salvar candidatos á morte: é a crise de suicidios, uma crise futurista, com effeito....

250 palavras vão ganhar 5 contos!

Porque não as suas!

"O QUE o seguro de vida representa para mim" — é esse o assumpto a desenvolver em cerca de 250 palavras, nas composições ou artigos enviados por candidatos aos valiosos premios offerecidos pela Sul America, no concurso que está agora realizando.

Ha varias maneiras de desenvolver o assumpto: a argumentação convincente da utilidade do seguro, o appello sentimental, a narração de um caso veridico, relativo a um seguro effectuado... Todas são, egualmente, susceptiveis de se resumirem em 250 palavras ou menos.

Envie-nos a sua composição! Seus argumentos poderão conquistar 5:000$000!

O concurso encerra-se a 31 de Outubro. Os premios offerecidos pela Sul America, para os melhores trabalhos apresentados, são todos em dinheiro.

OS JUIZES DO CONCURSO

Dr. James Darcy

Dr. Aloyzio de Castro

Dr. Vergne de Abreu

Dr. João Ribeiro

Dr. Alvaro Pereira

OS PREMIOS

Um 1.º	premio	5:000$000
Um 2.º	„	2:000$000
Um 3.º	„	1:000$000

e mais 20 premios de 100$000

AS CONDIÇÕES DO CONCURSO

Todas as cartas deverão ser enviadas em enveloppe fechado e marcado "CONCURSO", endereçadas á Sul America, Companhia Nacional de Seguros de Vida, Caixa 1946, Rio de Janeiro, de fórma que cheguem á séde até 31 de Outubro.

Terminando o concurso, a Companhia poderá publicar "fac-similes" das composições submettidas e premiadas que passarão a ser de sua propriedade.

Nenhum auxiliar da Companhia Sul America nem seus agentes poderão participar no concurso.

Os nomes e endereços de cada concorrente deverão figurar claramente nas provas submettidas.

A decisão dos juizes é definitiva.

A Companhia não poderá manter correspondencia sobre o Concurso.

Remetta-nos este coupon e enviar-lhe-emos um folheto que o auxiliará a ganhar o premio almejado.

SUL AMERICA — CONCURSO
Caixa Postal, 1946 — Rio de Janeiro

Nome ....
Endereço ....
Cidade ....
Estado ....

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

O "DIA" DOS PATRÕES...

LEÃO BEAUMIER ajuda Marianna a descer do auto, bate a portinhola e, num tom frio, que lhe é peculiar, diz para o "chauffeur" que, habitualmente, toma em Paris:

— Segunda-feira, pela manhã, ás nove horas, aqui. Até logo.

O homem cumprimenta, retoma o volante, e o carro, o lindo e poderoso carro dos Beaumier, já não é, naquelle fim de dia, senão um grande insecto que corre, desapparecendo, rapido, na estrada branca, ladeada de grandes arvores.

Agora, Beaumier introduz a chave na fechadura, empurra a porta e entra, seguido de sua mulher.

Uma "villa"? Não. Uma casa de campo para vilegiaturas? Tambem não. Uma só peça, sob um tecto de cólmo, que abrigava camponios, um "bungalow" de pedras velhas. Limpo de fresco, pintado de azul, dir-se-ia emergido do solo entre dois terrenos incultos, entregue á invasão de altos herbaceos. A antiga cozinha, que o completa, fôra transformada em gabinete de banho. Para ahi, porém, não veiu nenhum dos encantadores objectos que enfeitam, em Paris, o quarto de "toilette" de Marianna. Tudo ahi é summario. A propria agua é puxada a bomba, de um pequeno poço.

Pannos côr de cinza guarnecem o grande divan e as cadeiras de palha dessa peça unica: um tapete vegetal esconde a terra batida. Numa prateleira alinham-se alguns livros. Mas, tendo os Beaumier substituido as pequenas janellas de madeira por uma clara vidraça, dahi se descortinava, a todo momento, todo o vasto campo, coberto de oiro e verde, banhado de silencio, morrendo, ao longe, na linha distante de um azul impreciso e vago.

Marianna tira o "manteau" e o seu vestido, typo sport, que troca por um outro de percal, pintalgado, sobre que veste um avental.

Livre do seu impeccavel casaco, Beaumier, em mangas de camisa, mette-se num commodo e fresco costume de brim. E trata de procurar um martello no sacco de ferramenta.

Ha um pequeno serviço a fazer. Durante quasi dois dias, de sabbado á tarde á segunda-feira pela manhã, elles, longe dos creados, respiram em paz, são elles mesmos, fazendo o que lhes agrada, sem testemunhas ou observadores incommodos. Não têem que tocar a campainha para pedirem qualquer cousa; elles mesmos irão fazel-o. Leão, ainda pela manhã, lustra os sapatos de Marianna — fazendo-o com prazer. E esforça-se por tornal-os bem luzidios. Marianna apressa o frugal almoço. Sobre a toalha, de quadros, colloca a louça que ambos lavaram cuidadosamente. Isso faz-lhes lembrar os velhos tempos, porque nem sempre foram os "ricos Beaumier". Leão foi um simples empregado da grande casa de cereaes de que, mais tarde, por felizes circumstancias e audaciosas especulações, se fez patrão. Actualmente, era solida e prestigiosa sua cotação na Bolsa. Consultam-no sobre tudo, conta-se, sempre, com elle.

Sua mesa é franca e tambem não lhe faltam os convites. Todas as noites janta de "smocking" ou casaca. Quando sua mulher e elle não sahem, para cumprimento de qualquer obrigação social, ou não recebem, seu jantar tem a assistencia e direcção do proprio mordomo.

Um creado passa os pratos e serve o vinho. Nada a fazer se não mastigar. E' commodo... Sim... Mas, parece que se está a representar. Outrora, no emtanto, tudo era tão simples e alegre! Beaumier aborrece-se. Sua posição, conquistada com tanto esforço, não lhe agrada mais. Então, é esse o premio da victoria? Ora... Se lhe aprouvesse poderia arranjar uma amante encantadora. Não pensa, porém, nisso.

Marianna agrada-lhe, satisfaz-lhe: tem joias riquissimas, veste-se bem, com apuro, com elegancia e sabe apresentar-se. Por que, então, não se sente elle de todo feliz e tem a impressão de que ha uma sombra turvando a sua ventura?

Durante muito tempo entregou-se a pesquizar o motivo desse mal-estar incomprehendido e, um dia, teve a sua revelação. Comprehendeu que essa especie de oppressão, de angustia, augmentava na proporção do seu serviço de casa.

Os creados, para se verem livres de seus patrões e se refazerem um pouco, têem necessidade de, semanalmente, obter um dia de folga.

Por que os patrões não se experimentarão, por sua vez, a necessidade de se isolar?

Ha, certamente, o recurso dos hoteis, dos restaurantes... mas, ahi, ninguem se livra dos creados.

Um mendigo "perneta"...

De Huguette Garnier

Elle, então, confia a Marianna a sua descoberta. E ella propõe-lhe adquirir um abrigo, um pouso num recanto deserto. E', assim, que elle vae descobrir a casinha modesta e tosca, de solidas paredes porém, onde fazem o seu repouso, no fim de cada semana, entregando-se livremente, á alegria quasi infantil de se encontrarem a sós.

Poderiam, é certo, se o quizessem, ter a mais confortavel casa de campo... Mas, isso seria prolongar, no campo, ao ar livre, a sua aborrecida vida da cidade. Os hospedes, que não faltariam, e os serviçaes transtornariam os seus planos de absoluto isolamento. Seriam os mesmos, num ambiente, num logar, num logar differente, nada adeantaria... Isso não lhes traria repouso.

No emtanto, entre aquellas paredes grosseiramente caiadas, elles, sem hypocrisias ridiculas e sem fausto, sentiam-se tal qual se haviam encontrado, ha muitos annos. O riso de Marianna, mais fresco e saudavel, sôa melhor e mais claro. Leão abandona aquelle tom quasi rispido, metallico, que toma quando dá uma ordem ou discute um negocio. Alli, naquelle recanto agreste, elle volta a ser o bom rapaz que seria, sem duvida, se a vida não o tivesse cumulado de riquezas. Sem "maquillage", sem joias, Marianna, mais proxima delle, não tem o menor interesse em esconder, na sua só presença, seus trinta e cinco annos, procurando apparentar vinte e tres... No emtanto, como parece remoçada, e como lhe vae, gentil e graciosamente, o avental que usa sobre a saiasinha bem talhada!...

Daqui a momentos, de braços dados, os pés protegidos por grosseiros sapatos, irão passear por essa linda floresta, que os parisienses não frequentam e onde estarão certos de não encontrar qualquer pessoa. A' noite jantarão na pequena casa de pasto, onde come tambem o modesto carteiro, e ficarão satisfeitos com uma omelette e um frango assado. Depois voltarão para casa, contentes, com o estomago leve. Ninguem — para esperal-os. Elles mesmos prepararão a cama e correrão as cortinas das janellas. Antes, porem, pela vidraça clara, apreciarão a noite, a grande noite serena, cheia de estrellas, que os envolve, suavemente, no seu immenso halito perfumado.

Pela manhã, despertarão longe do telephone e do pessoal de casa, levantando-se quando bem o quizerem. Nada a ler, nenhuma attitude a tomar. Um dia a ser *vivido* pleno, integralmente, ao contacto sadio da natureza. Um dia em que elles não serão os "patrões" deante dos empregados, e em que poderão um pouco, um pouco, mesmo, penetrar no passado para trocarem confidencias, discorrendo, com uma voz de todo mudada, a proposito de uma nuvem que passa, de uma arvore carregada de pêras cheirosas, ou a se interrogarem, ao verem um par, de mãos dadas: "lembras-te?..." Na cidade é tão differente!... Tantas preoccupações absorvem a gente, e não se passa de "um homem rico", de "uma mulher chic..." O sabor da mocidade evapora-se sem que se possa pensar sequer em conserval-o...

— Está-se tão bem aqui — disse Marianna preparando-se para dormir.

Veste, como outrora, uma camisa de crepon e faz lembrar bastante a mocetona nada rica que foi.

Um cão ladra ás estrellas e depois se cala. Os ruidos se extinguem, a pouco e pouco, e o silencio se faz, apenas quebrado, de vez em vez, pela cantilena impertinente de um grillo mettido sob a herva. Zi... zi... zi... — Sim... Está-se tão bem... Tão bem... repete Leão, cerrando os olhos.

Ao acordarem, o banho ainda não estará prompto. Elle irá preparal-o, dando á bomba, vendo a agua limpida e fresca encher a banheira. E' agradavel o trabalho. Emquanto isso, Marianna se entrega a outros serviços; escova a roupa, admira os sapatos bem lustrados. — Se preparassem sempre assim, os nossos sapatos!...

Quando, emfim, adivinharem, na estrada, a approximação do auto que os reconduzirá para a cidade, tornarão a tomar, contrafeitos, sua *pose* de gente do mundo, que deverá ser sempre mantida deante dos serviçaes. O "chauffeur", que desconfiará desses repousos, julgando-os tambem, meio malucos, não deixará de deitar um olhar malicioso para aquelle interior onde nunca conseguiu penetrar.

Já, no automovel, os dois trocam um sorriso cumplice — haviam descoberto um prazer que lhes parecia novo, tanto elles o tinham esquecido: servirem-se por si mesmos. Mas não se sentem mal ao voltar para sua casa. O dia dos patrões havia terminado. Os creados os esperam, lá, na cidade...

— Que significa, joven, trazer a minha filha ás 7 horas da manhã?
— Que entro no emprego ás 8.

ADELIA BOMFIM (Capital) — Felizmente desta vez não necessito de fazer humorismo, em dois outros periodos, para provar, mais uma vez, o quanto é negativa a intelligencia da sra. D. Bomfim. Basta este trecho de ouro com que v. ex. inicia a sua missiva:

"Doutissimo Yves — Quando, no calor da discussão, um dos contendores *embarafusta-se* para o terreno dos doestos e chacotas, é signal evidente de que lhe faltam armas mais nobres e argumentos mais positivos para vencer o adversario."

V. E provou:

1.º — que escreve em *cassange*, uma vez que ignora que o adverbio *quando* attráe o pronome *se* pela figura *proclise*: "Quando um dos contendores se embarafusta"...

2.º — que, *embarafustando* "pelo terreno dos doestos e chacotas", não possúe argumentos para vencer o adversario;

3.º — que, assim sendo, virou o feitiço contra o feiticeiro;

4.º — que não devo perder o meu tempo em demonstrar, todos os sabbados, que a sra. d. Bomfim, cada vez que me critica, mais digna de critica se apresenta.

E, com esses *itens*, creio que a sapiencia de d. Bomfim teve um *máu fim*...

ROSARIO (Pará) — Bôa tarde, querida collega. Como passa? Aqui está o encanto de sua cartinha fidalga e legitimamente literaria.

Felicito-a pelas sympathias que tem conquistado, aqui e além-mar.

Quanto ao meu romance "Uma garçonne carioca", devo dizer que já o considéro muito retardado. Mas a época não é seductora para a publicação de livros. O mais pratico é esperar que a situação melhóre e os espiritos se tranquillizem.

Nós mesmos, que vivemos da penna, não dispomos de bastante repouso, para nos entregar á meditação que as leituras exigem.

Queira dispor do velho camarada que aqui fica ás suas ordens e, logo que encontre o Edgard Proença, esse formoso espirito de estheta, lhe transmitta os meus agradecimentos sinceros pela nota que elle publicou na sua excellente revista, a proposito do meu anniversario.

V. BRANCA (Amazonas) — Oh! Bemvinda seja a esta casa! O seu poema é lindo. Tem um delicioso sabor nativo e uma belleza que não são communs em versos femininos.

Entreguei o seu trabalho ao secretario, pedindo, para elle, a maior consideração. Aguarda apenas uma opportunidade melhor.

Guardarei com muito carinho a sua cartinha violeta.

O. P. LIMA (Capital) — O sr. me dirige uma carta que parece uma bôa piada. Ninguem, de bôa fé, acreditaria que um poeta revelasse, como o sr. revela, uma tão fina intelligencia na producção de *batatas*... Em geral, os vates produzem versos. O sr. nos offerece *batatas*... portuguezas...

De sorte que, lendo-se a sua missiva e a sua *producção*... literaria, a gente chega a esta conclusão estupefaciente: — como poeta, o sr. é um excellente agricultor; e como agricultor, o sr. não é um excellente poeta, mas um estupendo productor daquellas tuberosas.

Não percamos, porém, a delicia da sua missiva. Eil-a:

"Amigo senhor Yves. Cordiaes saudações. Junto remetto-vos dois sonêtos retirados do meu livro que proximamente publicarei.

Eles vão para disputar a honra de um julgamento seu que decerto não poderá sêr bom porque será justo.

Saibam

Caso queiras publical-os nas columnas do nosso "Fon-Fon" disponhe-os.

Antecipadamente agradece qualquer juizo. Do amg. cr.º admor."

Mas, tratando-se de belleza, o seu soneto (?) deixa longe a sua epistola. Uma prova? Lá vae ella:

SONETO

A's vezes penso nesta obseção
que me domina de te amar assim;
quando apenas tens sido para mim
pena, amargura, desesperação.

Congetúro, vacilo, cismo em vão
no porque deste tormento sem fim!
tudo porque ao meu não, disséste:
[sim-
tudo porque ao meu sim, disséste:
[não!

Quando minh'alma toda amargu-
[rada
como uma pobre rósa esmigalhada
deixaste só, na poeira da estrada,

nem o olhar volver, siquér, qui-
[zéste,
para revêr o mal que me fizéste,
ó Minha Dôce Eterna Bem Amada.

E queria o sr. que a sua Doce Eterna Bem Amada volvesse o olhar para ver a sua alma esmigalhada como um gafanhoto... oh! desculpe! — como uma rosa?

Uma joven intelligente que se vê livre de um poeta como o sr., deve dar graças a Deus...

D. LOBO TORREÃO (Pernambuco) — Sim, caro conterraneo. Os seus versos agradam. Serão publicados.

todos...

MARIA CLAUDIA (?) — Continúo a admirar as paulistas. E por que não havia eu de admiral-as, si dellas recebo, a cada passo, uma impressão de belleza, de finura e intelligencia?

Não é esse o seu caso, illustre e elegante dama?

Muita gente não comprehende a razão porque publico as cartas de alguns dos consulentes do "Saibam todos..."

Ora, essa razão varia.

Umas são ridiculas, e divertem pelo seu texto, a sua má syntaxe; outras não fazem rir, mas interessam pela originalidade das idéas ou pelo grotesco do assumpto; outras, por sua vez, deliciam pelas bellezas que encerram — e são verdadeiros reflexos de um espirito de élite, que encanta e se faz amar.

E' o caso de Maria Claudia. E' o seu caso, grande e formosa dama dos cabellos dourados e olhos verdes.

De resto, esta secção deve ser um mostruario de almas. Ha almas torvas como um galho de arvore centenaria; ha-as sinuosas como as estradas que levam aos destinos do amor; ha-as longas e rectas como a linha que vae do berço á sepultura de um nati morto.

Ha outras imponderaveis e perpendiculares, como a escada de Jacob...

Outras são obliquas como um sorriso de odio, e chatas como a de um batrachio, ou quadrangulares como a alma de um asno...

A sua lembra um parque largo, arejado, atufado de rosas brancas (adoro as rosas brancas) onde passeiam silhuetas de pavões e lagos adormecem, sob a indolencia dos perfumes selvaticos e do zumbido das abelhas diligentes.

Eis porque desejo mostrar aos leitores desta pagina, através da sua missiva, a sua linda alma de Eva — uma vez que não posso mostrar a linda mulher que é v. ex...

Aqui começa a sua linda missiva, que me chega num bello papel violeta — um papel onde parece estar enfeixado um trecho de crepusculo...

"Para o meu grande amor:

E o outomno vinha se prolongando com uma doçura quasi de primavera. Havia sempre a alegria de um raio de sol durante o dia, e á tardinha a melancolia do crepusculo descia com uma maciez quasi tepida sobre a minha alma cançada e triste... Um ruflar de azas, um chilrear de passaros, o colorido de uma rosa, ainda falavam de vida nos breves dias de Junho.

Tudo mudou. O ultimo temporal trouxe comsigo o inverno. E agora os dias são todos iguaes. A mesma bruma cinzenta envolve o céu e a terra. E as horas vão escorregando, lentamente, monotonamente, sem imprevistos...

Espreito pela vidraça. Lá fóra o mundo tirita. A nevoa limita o horizonte. Nem mais distingo os montes, o enlevo dos meus olhos eternamente enamorados do seu perfil azulado traçado no céu... As sombras rondam as cercanias. O silencio é apenas cortado pelo choro do vento.

Estamos vizinhos a zéro.

A geada!

Tres madrugadas seguidas vem ella cahindo, cahindo, tostando, queimando tudo.

As minhas roseiras! Pobresinhas! Podadas na primeira quinzena de Junho, já se vinham toucando dos primeiros rebentos, nessa illusão de vida e calor com que iamos atravessando a estação da morte.

Mas hoje! Nem uma folhinha escapou.

Tudo negro e resequido.

. . . .

Ennovellada, como uma gata, num pyjama de camurça, ao pé deste fogo que me acalenta, vou embalando minh'alma nas lembranças do passado... A saudade rebusca nas cinzas do coração, e do borralho que parecia já extincto, uma brazinha refulge, pequenina, mas viva e ardente... E um sonho adormecido, quasi já morto, volta a encher-me o peito de calor...

A saudade de um sonho! Um lindo sonho de uma tarde de Abril... — Num paiz encantado, na cidade da luz... "Um rio a rolar pela solidão de um canal, arvores em torno. O vento na sua dança embaladora. Nem um passante. Chacaras, bungalows. Um piano que canta um sonho... E por entre essas coisas tão cheias de poesia, o deslisar de um auto... Dentro do auto duas boccas que se esmagam"...

E nesta hora cinzenta de Julho parece-me que alguem, debruçado sobre o meu hombro, canta ainda para mim a musica desse beijo todo cheio de infinito... E o coração bate-me mais apressado... e um longo frisson me percorre o corpo...

E o que ficou desse sonho tão bello e tão doce?

A saudade... A saudade que a minha bocca tem do sabor da tua bocca. A saudade de um beijo..."

Como vê, não faço nenhum commentario sobre ella. Para que?

E' certo que ella nada diz ao leitor; mas é uma pagina literaria — e vem, além do mais, attestar que as Sévignés ainda não passaram. As Sevignés e as Djenanes...

Será que ainda existem os André Lhéry?

MATTOSALÉM (?) — A sua carta manifesta uma certa duvida a meu respeito. Diz o sr.:

"Meu caro Yves: Saúde. Ha cerca de tres mezes, enviei-lhe duas poesias minhas: — "Minha seára" (polymetrico) — e — "Reminiscencias" (soneto).

Algum tempo depois, presuppondo extravio, enviei-lhe novas copias das poesias.

Até hoje, porém, não tive a honra de uma resposta sua, pelo "Saibam Todos..."

Cheguei a crêr que v. por qualquer motivo que ignoro, estivesse agastado commigo. Mas isso não impediria, estou certo, que v. publicasse as poesias, como é de seu feitio — feito digno de louvôr, não ha dúvida.

Resta-me a hypothese de que as minhas poesias sejam más, ou péssimas. Mas v. não as deitaria á cesta sem a competente communicação ao autor.

Venho, pois, solicitar a v. o favôr de uma resposta, ainda que desfavoravel ao meu desejo.

Junto com esta, envio-lhe outra poesia.

E' "Hora de melancolia".

Espero que não me negará o prazer de duas linhas pelo "Saibam Todos..."

Desde já grato o amigo certo e admirador sincero".

Não tenha receio. Publicando a sua missiva quero apenas que a resposta aproveite a muitos consulentes que me remettem as suas collaborações. Uns suppõem que sou um vago porteiro do FON-FON, com a obrigação de recebel-os e entregal-as ao secretario; outros acham que sou um simples *fiscal;*

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

outros me julgam um caixeiro de balcão das letras deste semanario.

A cada um, trato como bem merece. O sr., certa vez, já me tomou por caixeiro; tanto é assim que fez queixa de mim (?) ao secretario, na persuasão de que eu iria levar um *pito* e, portanto, ficaria no dever de lhe render homenagens de toda sorte.

Ora, o sr. perdeu uma excellente occasião de não ser ingenuo — uma vez que, nesta secção, sou perfeitamente autonomo, e estou certo de que, si a dirijo, é porque, no FON-FON, me reconhecem idoneidade para isso. O mais é conversa fiada.

> *Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.
>
> * * *
>
> *Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*
>
> ENDEREÇO:
>
> Rua Republica do Perú, 62
>
> Caixa Postal 97
>
> Telephone 2 - 4136
>
> *FON - FON* — 1 - 8 - 931
>
> *Data da consulta* ....
>
> *Nome do consulente* ....
>
> ....

Depois de lhe falar com essa franqueza, direi o seguinte: não pense que eu seja capaz de mesquinharias ou covardias com os confrades e consulentes deste questionario. O meu interesse é ser util aos meus leitores e attendel-os com a gentileza que merecem. Não é possivel que eu tenha *parti pris* com quem não conheço. Si faço critica, ou melhor, si exerço a minha censura no "Saibam todos..." é porque tenho aqui essa incumbencia. Assim, — não podendo deixar de dar desempenho ao meu encargo, — é claro que hei de descontentar a muita gente. Em compensação, sei que tenho agradado a muitos outros, — principalmente quando lhes dou o meu apoio.

Nesse particular, devo dizer: o sr. só tem recebido provas de bôa camaradagem e admiração. Reconheço que o sr. tem talento e não é nenhum favor proclamal-o com desassombro.

Todos os trabalhos que me tem enviado foram entregues ao secretario. E' possivel que tenha havido o extravio desses a que se refére.

NAIR (S. Paulo) — O proximo livro de Paulo Gustavo tem o titulo: "Por amor ao meu amor".

E' um poema de alma feminina, no qual esse fino e delicado poeta enfeixou as emoções e os seus momentos lyricos em legendas, annotações e formulas de profundo accento humano.

E' possivel que o seu livro, a estas horas, já esteja exposto em nossas principaes livrarias da cidade.

Yves

TRÉVA ILLUMINADA

Bemdita essa noite negra que me ensinou a amar o brilho fundido de todos os sóes.

Foi por ella que eu tive a noção das claridadedes. Foi por ella que eu comprehendi a fusão maravilhosa das estrellas.

Noite negra! noite funda! que guardas, no bojo illuminado, a alleluia triumphal de todas as auroras; que tens, no seio de onyx e de ébano, a explosão diabólica de todas as luminosidades da terra!

Noite negra! noite funda! mergulhada na scintillação milagrosa de todas as pedrarias chamejantes da rainha de Sabá! tens o veneno occulto e silencioso da treva! E que nababo divino esbanjou na tua escuridão sem nome a infinita resplandescencia de um dia que ninguem conhece?

Sombra feita de fulgurações! Treva feita só de luz!

Bemdita essa noite negra que me ensinou a amar o brilho fundido de todos os sóes...

Teus grandes olhos pretos!

Wenceslau Brandão.

SCENA DOMESTICA

A Mamãe — Vamos, Carlito, decore a licção; mas que ella nunca mais se apague de sua memoria!

A Lili — (enfant terrible) Não se apague mais? então a licção é tinta com anilinas Indanthren?

Lili tem razão; ella sabe, como o sabe a sua Mamãe, que as anilinas Indanthren são de insuperada fixidez e que as fazendas tintas com ellas não desbotam, isto é, as suas côres não se apagam como não se deve apagar da memoria a licção do Carlito.

Verifique a etiqueta registrada Indanthren.

I

Indanthren

KOHOUT - NEW YORK

Quanto dura uma Lua de Mel?

Dura ás vezes o tempo de uma lua . . . Dura emquanto permanece o ar contente que reflecte o estado d'alma venturoso da joven esposa. Mas a alma não governa o corpo. Os soffrimentos physicos apagam das physionomias os vestigios das alegrias interiores. E as Senhoras, sob a ameaça permanente de seus Incommodos, só podem ter a segurança de não soffrer, si souberem que

A Saude da Mulher

é o remedio infallivel das Flores-Brancas, das Colicas Uterinas, das Regras Demasiadas, doenças, que desencantam e perturbam a phase idylica da lua de mel.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 31

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1931

«LORSQUE TOUT EST FINI»...

— Então, está tudo acabado entre nós? Tudo, não é?...

— Tudo?... Por que tudo?

— Ora, meu amigo, você bem sabe... Não sou nenhuma garota, ingenua e credula, para alimentar a velleidade de querer, ainda, animar e dar consistencia, real e concreta, a uma illusão que se desfez por si mesma, como bolha de sabão...

— As illusões não morrem nunca, minha amiga... Perpetuam-se, no tempo e no espaço, porque são forças immanentes da propria vida e fonte perenne de renovação...

— Paradoxal, extravagante, bizarra, essa sua maneira de emprestar á Illusão tamanho poder de indestructibilidade. No emtanto, agora mesmo, de bistur! em punho, dissecavamos o cadaver de uma...

— O cadaver?... Mas, minha amiga, illusões que desapparecem, que se desfazem como bolhas de sabão, que morrem, emfim, não são illusões...

— Não são illusões? Que serão, então?...

— Simples desejos, que não tiveram a approvação da vida, como diria Maeterlinck...

— E qual a illusão que não tem por finalidade um desejo, a satisfação de uma inquietação amorosa?

— A que ultrapassou a inquietação do proprio desejo; a que, indestructivel e eterna, consubstancia e condiciona tudo que ha de sublime e imponderavel na alma mesma da gente — a Illusão de todas as illusões, a se perpetuar pela vida a fóra como expressão de sentimento, de idealidade, de amor, de belleza e de felicidade...

— Lindo... Sim, lindo, tudo isso, todo esse magnifico e deslumbrante fogo de artificio da sua faustosa pyrotechnia espiritual... A grande Illusão... Comprehendo-a, agora; essa Illusão que é somma e total de todas as nossas illusões... Generalidades com que você quer fugir á evidencia, bem dolorosa, de um caso particular, concreto... positivo, real...

— Não... Não fujo á evidencia de uma coisa que não existe...

— Então, tudo era mentira, tudo que fez a belleza e o encanto da nossa exaltação amorosa?

— Não. Tudo era real, porque no "mundo das apparencias", de que já falava o velho Heraclito — e que é o mundo, mesmo, da Illusão — é que se formam as grandes verdades da vida, os seus postulados orientadores...

— Sempre o jogo do paradoxo... A incoherencia desconcertante...

— Se eu lhe falo com o coração...

— O coração!... Sim, com o coração dos homens, tão differente do coração das mulheres...

— Differente, por que?

— Porque o de vocês é apenas um tecido de desejos, de sonhos vãos, vagabundos, inconstantes, de mentira e falsidade... Emquanto nós, as mulheres, não tememos a *approvação da vida* para realizar integralmente os nossos sonhos, vocês, com uma cobardia mal disfarçada, nunca os realizam ou, se chegam a realizal-os, é apenas para logo matal-os...

— Escute... Não me comprehendeu... Não está me comprehendendo...

— Não. Não vale a pena. Comprehendo muito bem... *Lorsque tout est fini*...

— Sim... quando você pensa que tudo acabou é que é maior e mais intensa a illusão do meu amor por você...

— A illusão? Ainda diz a illusão? E porque não a realidade desse amor?

— Porque nós, querida, ultrapassamos a sua propria realidade...

— Mas, se tudo acabou?

— Não acaba o que não tem fim...

— Que quer dizer? Diga, diga...

— Que tudo que passa pelos vasos mais puros do coração se torna para sempre mysterioso e infinito...

— Ainda vivo, então, no seu amor?

— Sim, em todas as fórmas e manifestações da minha Illusão na sua belleza espiritual e nos seus encantos de mulher...

— A belleza... Que vale a belleza só por si, a belleza que não é amada nem desejada?...

— Mas, minha filha; vale muito. Vale tudo. E, foi assim comprehendendo, que Stendhal escreveu que a belleza em si era uma grande e serena promessa de felicidade...

— Nem tudo, então, acabou?...

— Não, porque você será sempre a minha grande e serena promessa de felicidade...

— A sua inattingivel Illusão?...

— Sim... A suave e consoladora Illusão de todas as illusões que colhi pela vida, na minha ansia de ser feliz...

E L C I A S   L O P E S

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Heredia

JOSE' MARIA DE HEREDIA é um poeta francez de raça espanhola. Devemos procurar sua origem para estudar sua arte — funcção do temperamento e da cultura. Nasceu em La Fortuna — nome augural —, em Cuba e corria-lhe nas veias o sangue de outro grande poeta, o cubano do mesmo nome — José Maria de Heredia.

Vinha de longe esse appellido nos annaes das conquistas e expansões da peninsula. Lembra-nos toda uma linhagem illustre de guerreiros e fidalgos, grandes da Espanha. Entre elles, aquelle famoso D. Fernando de Heredia, grão mestre dos cavalleiros hospitalarios, um dos homens mais eminentes do seculo XIV, cuja figura foi magistralmente traçada por Gustavo Schlumberger e pela baroneza de Guldenchrone, filha do conde de Gobineau.

Era um varão alto, espadaúdo e forte, de barba bifurcada, queimado de sol. Homem de guerra nas partes do oriente, em terra e no mar. Embaixador e almirante. Amigo do papa Gregorio IX, conduziu-o de França para a Italia, quando Roma venceu Avinhão, sentado ao leme da sua galera, rodeado de cavalleiros bardados de aço, as cans ao vento, dominando a tempestade. Prisioneiro dos turcos na guerra de Corintho, recusou nobremente o resgate, dizendo que, para o bem dos christãos, melhor valia consagrar aquella somma á libertação de cavalleiros moços do que á dum ancião como elle.

A christandade respondeu-lhe ao gesto com um gesto de ainda maior galantaria, digno daquelles tempos heroicos: trocou-o por uma cidade — Patras, no Peloponeso. Então, velho e doente, foi para Avinhão e alli acabou seus dias, escrevendo a Historia da Moréa.

Quanto ha delle no discipulo amado de Lecomte de Lisle, drenado pelos seculos, se sente na face varonil do poeta com a sua barba em ponta, no poema em que alinhou os tropheus da humanidade e nos cantos que desfere em honra dos conquistadores da Iberia. Sob a fórma franceza, a alma dos seus versos é espanhola.

FAIANÇAS

A PSYCHANALYSE E A MULHER

LYSETTE frisou, com um sorriso álgido:

— Depois de Freud, o que se faz é psychanalyse. Agora não se usa mais psychologia. De sorte que você é um...

— Psychanalysta...

— Que nome!

— Bonito. E dá uma idéa de superioridade...

— Mas — objectou ella — você não é medico...

— E que tem isso?

— Não pode ser um psychanalista...

— Tolice — contestei. — A psychanalyse está ao alcance de qualquer pessôa — que não seja inteiramente avessa ás questões scientificas. De restos, a minha psychanalyse é uma sciencia de facil applicação.

Ella olhou-me séria, sem comprehender.

— Não percebe? — fiz eu.

— Não!...

— Por exemplo: interesso-me pelas saias.

— Então, você não é um psychanalysta — ironizou Lysette.

— Que sou, então?

— Um "tailleur pour dames"...

Abri os olhos num espanto. E falei, irritado:

— Perdôe, Lysette, mas, pensei...

Calei-me, embaraçado.

— Diga o resto... Pensou, quê?

— Que você fosse mais sagaz. Mais arguta. Mais intelligente.

— Que insolencia!

— Sim. Você não comprehende que, falando em saias, quero significar — mulher?

Lysette confessou:

— Quiz brincar com você...

— Então, desculpe. Voltemos á psychanalyse...

— Quer dizer que você applica a sua sciencia ás pobres das mulheres, não é?

— Não chego bem a applical-a com esse tom de gravidade que lhe empresta. Mesmo porque é tão facil observar e definir as mulheres...

Lysette deu uma gargalhada. Tornei-me carrancudo.

— Não faça isso. Uma moça, como você, elegante, educada no Sion, morando em Copacabana, lendo D'Annunzio e Proust, não tem o direito de assumir attitudes garôtas...

A gargalhada é uma expressão alvar. E' o avesso, o lado feio do sorriso.

Essa explosão de alegria e bom humor é escandalosa como o sol no levante; o sorriso é discreto. E' como um bello luar de inverno. Uma creatura de salão não gargalha. A gargalhada é avassalante como o bocejar de um crocodilo. Sorria. Por favor — sorria!

E Lysette:

— Quando um homem é bôbo, como você, a ponto de suppôr que entende a alma da mulher — só merece mesmo uma gargalhada.

— Pois olhe — disse, depois de um silencio. — Vou lhe provar que as creaturas de sexo fronteiro ao meu, são banaes como uma folha de papel em branco. Futeis, superficiaes, pretenciosas, vazias como um pneumatico cheio de ar...

— Basta! Não insulte!...

— E, para ellas, só ha o interesse, no amor... Dahi o aranhol dos seus desejos e fantasias entrelaçados aos preconceitos sociaes...

— Que confusão!

Fingi não ouvir, e prosegui:

— Pretendendo dar-nos lições de moral, dividem os homens em duas categorias: os materiaes e os espirituaes. Aquelles a quem dizem amar em espirito e aquelles a quem affirmam querer com as fraquezas da carne...

— Ih! Que sacrilegio!

— Sacrilegio? Sacrilegio é negar a sublimidade do amor com esses raciocinios trabalhados.

— Que despeito, hein?

— Não é despeito. Quero provar-lhe, como prometti, que as mulheres são banaes. Suppõem que nos ludibriam, — quando as ludibriadas são ellas. A mulher que ama não raciocina. Ou, si o faz, é com o coração. Tinha graça: amor espiritual! Romantismo... Uma dellas já me disse: "Quero, no amor, 50 %, no minimo, de espiritualidade"... E, no emtanto...

— Conclua...

— Não vale a pena... Direi simplesmente o seguinte: á força de ser amado espiritualmente, e de viver no mundo dos *espiritos*, entre os quaes ellas me collocam, desejo agora me dêem um correctivo salvador, como a quem toma sempre o mesmo medicamento...

— E esse correctivo, qual é?

— A *materia*. Estou fatigado do amor *espiritual*...

Lysette deu um muchôcho. E disse apenas, com pouco caso:

— Emfim, pode ser...

Yves.

Senhorita Celeste Scaciota, gentil e graciosa figurinha da sociedade paulista, e, tambem, encantador e prendado espirito de mulher.

GARÔA.

ELLES E ELLAS

O homem vale por si mesmo. A mulher tem o valor que o homem lhe dá.

*

Quando um homem gosta de uma mulher, espera que ella o adore. Vem dahi a tortura de tantos namorados.

*

O egoismo é do homem, como a vaidade é da mulher. E nada mais detestavel que uma mulher egoista ou um homem vaidoso.

*

Deus disse á mulher: "Elle será o teu senhor". E disse ao homem: "Ella será a tua musa, a inspiração das tuas obras". O progresso e o feminismo nivelaram o senhor e a musa á expressão simples de camaradas...

*

A mulher confia muito mais a um amigo que a um amante.

*

Por mais sincero que seja um homem, elle nunca sacrifica o seu amor proprio á sua sinceridade.

*

A sinceridade da mulher vae além do seu orgulho.

*

Entre as artes que o homem ensinou á mulher, ha uma, onde a discipula excedeu o mestre. Foi na arte de mentir.

*

O homem, quando ama, exige. A mulher, quando ama, dá.

*

No amor de um homem ha sempre um parenthesis para uma infelicidade.

*

A ambição é uma escada por onde o homem sóbe, na opinião dos outros; e é um degráo por onde desce, no conceito da mulher que o ama.

*

A mentira póde ter sua graça; enganar sempre odioso.

*

O que a mulher não comprehende pela intelligencia, a sensibilidade a faz comprehender.

*

O homem maldiz a mulher que promette o que raras vezes cumpre. No emtanto, bemdiz a esperança, que não faz outra coisa.

COLOMBINA

O ministro do Paraguay e sra. Fulgencio Moreno offereceram, sabbado ultimo, na nova séde da legação, á rua Jardim Botanico, uma recepção ao corpo diplomatico, ás autoridades brasileiras e á alta sociedade carioca.

ALEGRIA

Sei que ha muita alegria lá fóra, alegria que os meus olhos não vêem, que as minhas mãos não tocam. Uma alegria talvez bôa, talvez má, mas tão festiva, que o seu ruido chega até minha casa quieta, até esta janella de onde eu vejo o seu vulto passar, — até esta janella deante da qual elle me vem prestar as suas homenagens reaes.

Uma alegria atordoadora de guizos e de campainhas, bimbalhante e doida, cujo berço lindo de certo foi feito de punhados de ouro ou de estandartes de gloria.

Uma alegria que não conheço,
Uma alegria que não invejo.
Máu grado o seu alarde, máu grado a sua pompa, eu a proclamo nulla e mesquinha deante da minha unica alegria — simples e pura — deante desta alegria anonyma do meu amor.

MAURA DE SENNA PEREIRA

Decorreu finamente elegante o grande baile com que o Fluminense Football Club festejou, na noite da penultima terça-feira, o 29.º anniversario de sua fundação, encerrando o programma de commemorações desse acontecimento social de tão alta expressão para a historia daquelle gremio sportivo e para a vida mundana da cidade.

O mal foi elle confiar muitissimo na fidelidade da rapariga morena, de olhos de fogo.

Ou, então, elle estava demasiadamente seguro de suas brilhantes qualidades de conquistador irresistivel, qualidades nas quaes repousara sempre o seu successo de *moço bonito* e apatacado.

Seja como fôr, o certo é que a morena lhe pregou uma excellente partida.

E não foi pequeno o soffrimento do rapaz, consequente da cruel decepção experimentada, pois, evidentemente, a morena absorvia toda a sua attenção, proporcionando-lhe a doce alegria de viver...

Um ninho, rendas, sêdas, velludos, automovel, tudo ella teve para alimentar o seu sonho de mulher vaidosa.

Entretanto, com a mesma facilidade com que conquistou o rapaz, a morena soube atirar a felicidade pela janella.

Cabecinha de vento...

Porque, afinal, os tempos andam bicudos, e não se troca coisa certa por outra duvidosa.

A morena havia subjugado inteiramente a vontade do rapaz, e si tivesse astucia bastante, teria feito a sua independencia.

Era apenas questão de geito...

Elle sempre teve accentuada predilecção para bancar o *coronel* na vida, e por isso podia fazer a *felicidade* da morena.

Agora, depois do que se passou lá pelos lados da Tijuca, a coisa não tem concerto.

Que tremendo golpe para o rapaz!

Que tolice praticou a morena de olhos de fogo!

A sympathica viuva sempre lucrou em vir de mudança para a nossa capital.

Lá na provincia, com filhos e dinheiros curtos, a vida era uma pequena tragédia.

As linguas afiadas e vigilantes não dariam tréguas, mesmo que ella conquistasse um segundo marido para quebrar um pouco a monotonia dos seus dias.

Mas, aqui no Rio, a gente tem os movimentos desimpedidos para vôos mais largos.

Ella chegou carregada de tristezas e sentiu que tinha elementos para

Magali, filhinha do casal Carlos e Consuêlo Rocha. Nasceu no Ceará, e é linda como todas as conterraneas de Iracema...

vencer o tédio, sem grande esforço.

Em poucos dias, na rua, percebeu alguem seguindo-lhe os passos.

Uma figura insinuante de homem, bem posto, apparentando possuir recursos...

Certa vez, o fulano interdictou-lhe os passos.

Ella parou e ouviu com attenção os galanteios do homem seductor.

Depois, aconteceu encontrá-lo muitas vezes na rua e, então, era ella quem interrompia os passos delle, para a troca de umas palavras banaes...

E tantas vezes a scena foi repetida, que ambos se acostumaram a passear juntos, esquecendo a viuva o querido defunto.

Agora, elle, discretamente, auxilia a viuva, que vive contente e feliz longe da provincia, inteiramente dominada pelos encantos desta capital maravilhosa...

Anna Maria, a galante filhinha do empresario Silvio Piergili, numa attitude bem... sportiva...

O rapaz casado, e que parecia feliz, está atravessando uma crise sentimental, cujas proporções ninguem poderá aquilatar si...

Nós deviamos silenciar sobre o caso, porem, receiamos o *furo* jornalistico de uma noticia judiciaria sobre o escandaloso divorcio em vias de ser consummado.

O rapaz está inteiramente *grog*...

A esposa já percebeu, certamente, que está sendo trahida, que a borrasca se levanta aos seus pés.

O rapaz nem mais se dá ao trabalho de esconder em casa a sua grande paixão, por alguem que o detem longas horas na rua...

O lar se desorganiza, e elle cada vez mais avança para o abysmo que ha de, fatalmente, tragál-o, — o abysmo de uns olhos negros, de uma bocca molhada, uma dessas coisas fataes feitas pela artimanha do *Capêta* para a perdição do homem...

E porque o rapaz perdeu o contrôle da vontade, e porque foi vencido nos escrupulos naturaes de quem tem deveres para com a sociedade, parece que a esposa vae ser esquecida, abandonada, substituida, dentro em breve...

Nós não temos mais duvida, nem elle tambem, acerca do futuro que o espera.

Mas o rapaz obedece a um imperativo categorico, força imanente de nerveos braços, que são como cadeias de ferro apertando-o contra o peito...

O Primeiro Congresso Medico Syndicalista encerrou os seus trabalhos com uma imponente festa, que se realizou quinta-feira penultima, nos salões do Fluminense F. C. Houve, de inicio, uma sessão solenne, occupando a mesa da presidencia o representante do chefe do governo provisorio, o ministro Lindolfo Collor, o dr. Belisario Penna e outras autoridades presentes. A seguir, realizou-se o baile que a commissão organizadora do Congresso offereceu á sociedade carioca, em regosijo pelo exito do importante certamen.

UMA ANIMADORA DA INTELLIGENCIA

A actividade mental e cultural da mulher de hoje fil-a emparelhar, galhardamente, com o homem no vasto campo de acção aberto ás sementeiras fecundas da Intelligencia.

Aliás, isso constitue a caracteristica mais accentuada e, tambem, mais expressiva da evolução da mulher na época contemporanea. Affirmando-se pela intelligencia; revelando feições novas do seu espirito inquieto, ella, num esforço magnifico do seu dynamismo interior, emerge da penumbra das alcovas domesticas, da clausura do lar, para o vôo vertiginoso da vida moderna, amada e vivida *au grand complet*, nas multiplas manifestações da sua revelação. E' o vôo da mariposa, attrahida para a Luz, não já tão só pelo coração, porque, tambem, e, talvez, mais intensamente, pela inquietude espiritual, pela sêde do conhecimento, que é, por sua vez, uma forma de se amar e exaltar a vida. E, com amor, com enthusiasmo, é que a mulher hodierna vem realizando a illuminada revelação da sua sementeira espiritual nas searas da intelligencia.

Hoje, já se não poderá applicar á mulher aquelle conceito, um tanto perfido, de Nietszche: "La femme parfaite commet de la litérature, de même qu'elle commet un petit peché: pour éssayer, en passant, et en tournant la tête pour voir si quelqu'un s'en aperçoit, et afin que quelqu'un s'en aperçoive..."

Entre os muitos espiritos que, no Brasil de hoje, affirmam o valor mental e cultural da mulher, o dynamismo, sadio e fecundo, da sua intelligencia, está essa admiravel animadora da intellectualidade cearense, que é Henriqueta Galeno. Filha illustre do poeta das "*Lendas e Canções Populares*", do rhapsodo-santo da minha terra distante, que foi Juvenal Galeno, ella herdou-lhe o amor das letras, o accentuado pendor para as lutas da intelligencia. E se fez, dentro de alguns annos, no salão de arte e de elegancia espiritual, que dirige, em Fortaleza, o centro de gravitação da intellectualidade cearense de hoje.

E, como seu grande e venerando Pae, Henriqueta Galeno acabou cantando. Revelou-se uma poetisa interessante, com seu rythmo proprio, expressivo, colorido — o rythmo mesmo de sua alma inquieta e sonhadora.

E' modernista a sua poesia, solta, larga, espontanea, nos remigios de sentimento da sua inspiração. Realiza-se dentro daquelle preceito de arte preconizado por Oscar Wilde: "En poésie, la réelle qualité poétique, la joie de la poésie, ne vient jamais du sujet mais du maniement inventif du langage rythmique, de ce que Keats appelle la vie sensée du vers.

Henriqueta Galeno promette-nos, para breve, um livro de poemas — a sua estréa literaria para o grande publico, — que já a admira. São de sua autoria os versos que se seguem e que tão bem reflectem a delicadeza da sua arte.

DIA DE SANTA LUZIA...

Dia de Santa Luzia,
depois da Missa fui abrir
aquelle cofre, que escondia
nossa correspondencia,
no segredo..., que eu somente conhecia...

Abri-o depois, de tanto tempo,
com a calma indifferente
de quem não sente
mais nenhuma emoção...
ao rever tudo aquillo
que noutro tempo eu revia
com verdadeira uncção!...

Como inverso está meu Coração!...

Ah, como é terrivel o tempo,
na sua faina destruidora:
as traças impiedosas
apagaram
os dizeres de tuas cartas,
transformando-os,
num leve monte de poeira,
que se evaporou no ar!...

Hoje, dia de Santa Luzia
fui abrir aquelle cofre
que ha tanto tempo eu não via!...
E o que encontrei?
Vestigios dum passado, — talvez...
eis o que o tempo fez!...

Dezembro - 1930.

Max Linder

AUTORES

«O pequeno mundo de nós dois», chronicas lyricas, ou antes, poemas em prosa, de Lucio de Sousa — é o livro de estréa desse nosso brilhante collaborador. Como bem define o titulo, enfeixa esse volume os anseios e as vibrações de uma alma inquieta e emotiva. Lucio de Sousa, mais de uma vez, tem apparecido nas paginas de FON-FON, assignando contos e chronicas que bastariam para recommendar o seu nome á admiração dos que sabem sentir e pensar.

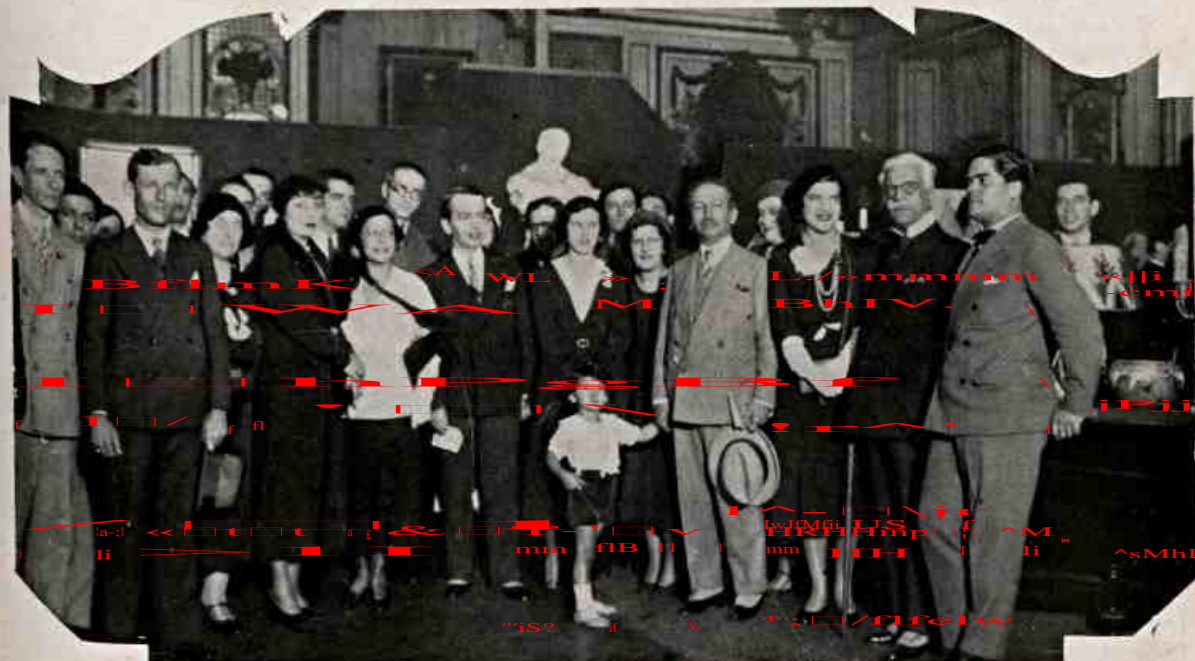
Sebastião Fernandes, comquanto seja um joven escriptor, grangeou, ha muito, um logar de destaque nas letras cariocas. Basta assignalar que é elle detentor de quatorze premios literarios, inclusive a menção honrosa que obteve o seu formoso livro de contos «Destinos», publicado o anno passado, e que tantos successos alcançou.

Os membros do Primeiro Congresso Medico Syndicalista, no palacio do Cattete, onde foram recebidos pelo chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, que estava acompanhado do ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor, presidente de honra daquelle certamen.

Memorias de um revolucionario

Dia a dia vão surgindo os depoimentos daquelles que participaram do movimento revolucionario que derrubou a Republica de 1889. São memoraveis subsidios para a historia desse movimento victorioso, cujos fructos temos colhido nestes ultimos nove mezes.

Aureliano Leite, o autor do «Brio de Cabôclo», novellista e polemista de relevo, traz-nos agora o seu, num volume de 262 paginas, com o titulo que encima estas linhas. No seu estylo claro, com a sua consciencia recta de homem de bem, conta-nos pormenorizadamente o que foi o preparo e a eclosão da revolução em S. Paulo. Pinta os dias de esperança e os de desalento, os momentos de enthusiasmo e as crises de vacillações. Historia os tentamens infructiferos e os esforços tenazes. Retrata as figuras do primeiro plano e esboça as secundarias. Dá-nos, assim, um livro vivido e forte, palpitante de interesse e de emoção.

Traçando em linhas geraes os pródromos e as consequencias da revolução de 1930, Aureliano Leite escreveu obra literaria e obra historica, que merece ser lida e guardada como um documento para a opinião do futuro.

O joven e distincto pintor Celso Kelly, que é uma figura de grande prestigio em nossos circulos artisticos e sociaes, inaugurou, na tarde de 23 de Julho findo, uma exposição dos seus ultimos trabalhos, que enchem todo o grande salão da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, e têm sido apreciados, com os applausos que merecem, pelos esthetas da cidade. A cerimonia inaugural da exposição de Celso Kelly foi um acontecimento de arte e mundanismo que assignalou mais uma brilhante victoria daquelle fascinante artista. As senhoritas Lourdes Barbosa Teixeira da Silva, Marita e Regina Cruls Guimarães figuram na exposição de Celso Kelly com varios objectos de arte decorativa Loumare, que dão uma nota original ao ambiente do salão da Associação dos Artistas Brasileiros.

«BERGAMINI»

A doutora Ernesta von Weber vive ha alguns annos no Brasil. E' um espirito curioso, inquieto, inflammavel, sempre voltado á observação dos nossos problemas politicos e sociaes. De um enthusiasmo espontaneo, ella tem servido ao Brasil, divulgando, em artigos da imprensa e em livros, as qualidades, que recommendam a nossa terra e elevam o nosso povo. Sua obra, neste sentido, é de vigorosas raizes affectivas. Embala o patriotismo brasileiro, afaga as nossas vaidades domesticas.

A' parte certos exaggeros da sua bondade em relação á realidade nacional, a doutora Weber se tem mostrado sempre uma intelligencia aguda e, sobretudo, uma prestimosa intellectual, que não regateia serviços á causa da evolução brasileira.

Desinteressada, da nossa terra ella só tem querido a hospitalidade, que lhe damos. Nunca pleiteou favores officiaes, nem de leve insinuou o seu nome, pretendendo recompensas do governo, pela propaganda do Brasil feita nos seus livros. E', pois, uma sincera amiga, que comnosco se identificou e aqui vive, conhecendo intimamente todas as nossas fraquezas, mas só publicando as nossas qualidades.

•

A revolução de outubro encontrou nella uma enthusiasta admiravel. Até o espirito de sacrificio, que é attributo civico nessas horas incertas de crise constitucional, ella o teve e manteve na prisão.

Ha muito tempo, a doutora Weber acompanhava o movimento politico de opposição com a assiduidade de um correligionario intransigente.

Serviu-lhe o tirocinio para examinar de perto os homens, que neste momento têem a responsabilidade do governo brasileiro. Seu livro recente "Figuras da Revolução" resume e affirma conceitos, na sua maioria, serenos e opportunos, em torno das personalidades mais curiosas do momento nacional. E' esse um livro de retratos á crayon. Perfis rapidos, que a autora não quiz aprofundar e sobre os quaes deu impressões, ainda impregnadas do enthusiasmo da ante-manhã revolucionaria...

A escriptora Ernesta von Weber, que acaba de publicar seu novo livro «Bergamini», grande e substancioso estudo da individualidade marcante do grande parlamentar e politico brasileiro.

Agora, porém, a doutora Weber acaba de lançar á publicidade um livro differente, isto é, uma obra, cujo titulo diz tudo: "Bergamini".

Trata-se de um estudo completo da vida de Adolpho Bergamini, desde a sua infancia até a hora presente. E', como se vê, um trabalho de enormes responsabilidades, dadas as proporções do assumpto, que o substancializa.

A doutora Weber prestou um notavel serviço á bibliographia politica brasileira, escrevendo esse livro. Sua obra ficará, como um depoimento magnifico da opinião nacional, interpretado pelo espirito independente de uma escriptora estrangeira.

•

Adolpho Bergamini é, sem duvida, uma das primeiras figuras da nova Republica. Eu, que continúo a ser, no regimen revolucionario, o mesmo homem retrahido e desencantado, cheio de reservas philosophicas e pessoaes para com o mundo politico, não trepido em affirmar, solennemente, que esse extraordinario demolidor opposicionista se revelou o mais equilibrado, o mais impessoal, o mais completo estadista da revolução.

Deu o meu testemunho e invoco o de quantos sejam homens verdadeiros — de como, no exercicio da administração publica, Bergamini se alheia de todas as relações pessoaes, que o politico militante estreitára, para só decidir com justiça.

•

Já passou a hora incerta da Revolução. Mas, não passou a Revolução. Esta perdura, emquanto estiver por se entrosar o paiz, na coincidencia exacta dos seus appellos e das soluções immediatas do poder publico. Houve até aqui, como na primeira hora, a victoria das armas revolucionarias. Falta affirmar-se agora a victoria da consciencia revolucionaria.

Eu aproveito a opportunidade para chamar a attenção dos leitores sobre o exemplo do actual interventor no Districto Federal. Exemplo de pura e suggestiva integração do espirito revolucionario na consciencia revolucionaria. Aliás, a doutora Weber, com a sua habilidade literaria e o sentido justo das verdades proferidas, deixou assignalado no seu livro este facto, que aponta ao respeito e á estima dos seus concidadãos o victorioso estadista. A obra da illustre escriptora é uma contribuição civica de primeira grandeza. Salienta, neste momento de reconstrucção nacional, quando o Brasil parece despertar do somno cataleptico que o surprehendeu nos dominios de Liliput, a energia maior, o desassombro mais completo, o idealismo mais saudavel, que póde um homem apresentar, no exercicio do poder publico.

POVINA CAVALCANTI

VOCÊ...

Você tem olhos de Felicidade,
E é tão rica
De belleza e de graça,
Que você é alegria de quem
[fica,
E saudade
Infinita e cruel para quem
[passa.

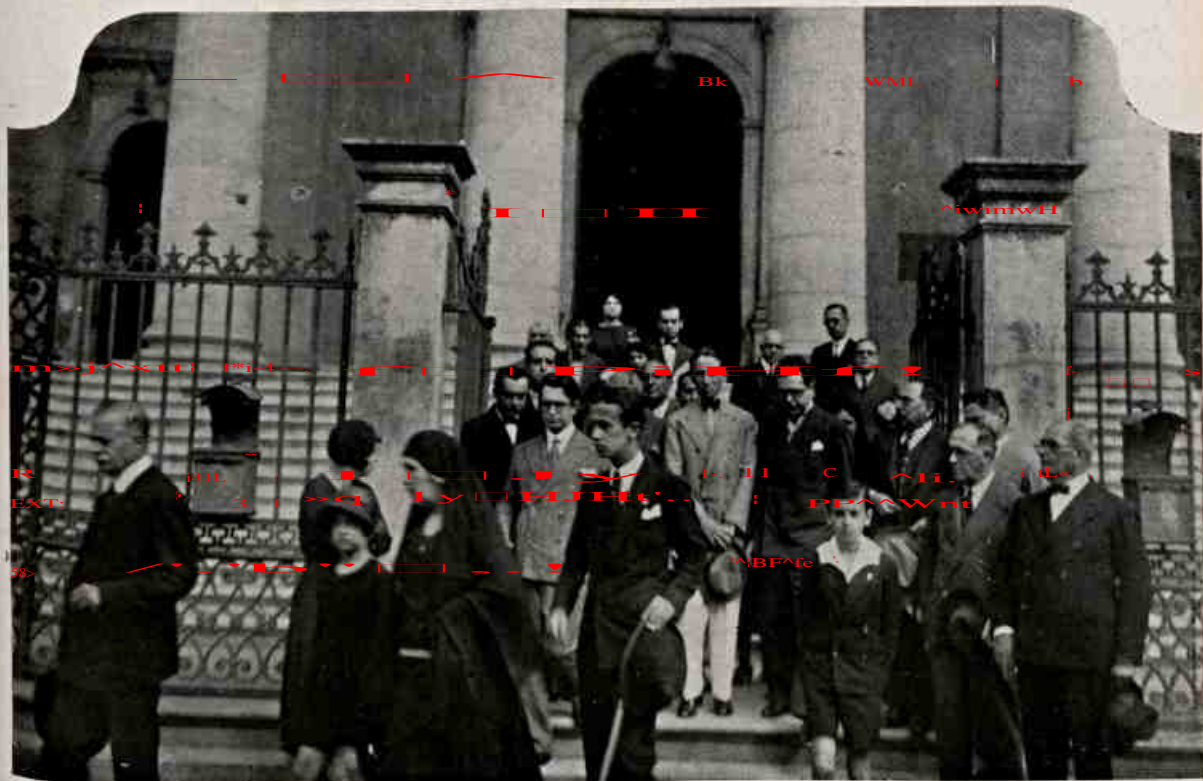
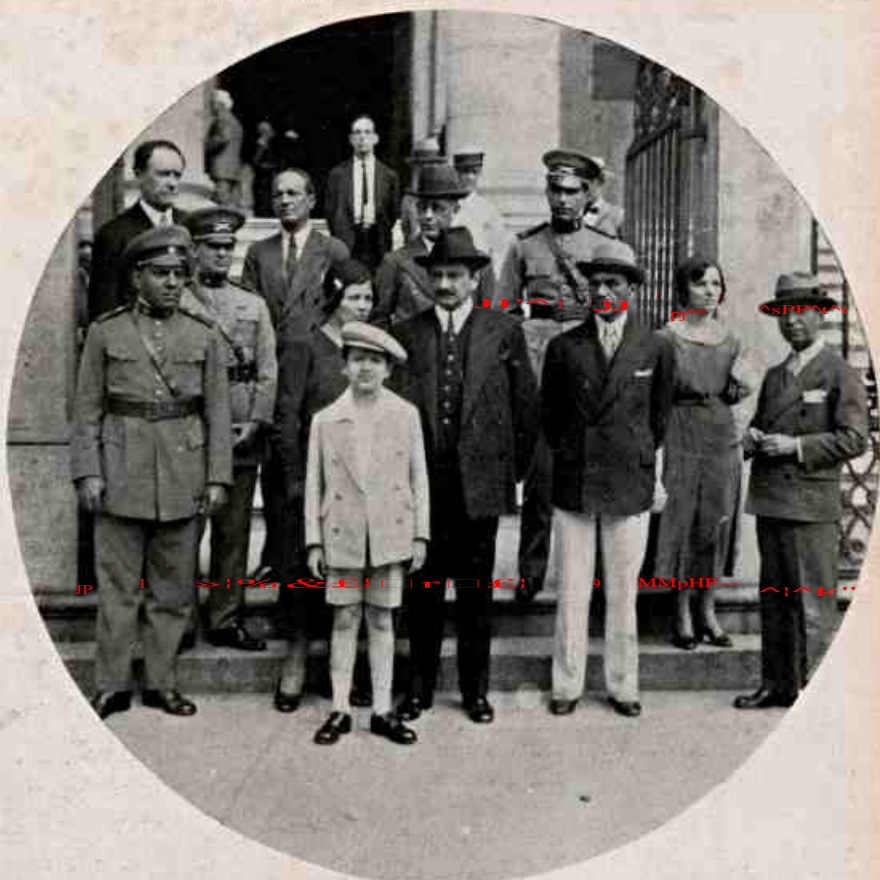
Eu passei... e na minha breve
[historia
Você foi alegria
E dor, martyrio e gloria,
Illusão e desengano;
Prazer de um dia,
desespero e pesar de todo o
[anno.

Na angustia que me invade
Vou aos poucos morrendo, e só
[porque
Vi, em meus sonhos, a felici-
[dade...
E essa felicidade era você.

RAPHAEL TOBIAS

COCAINA

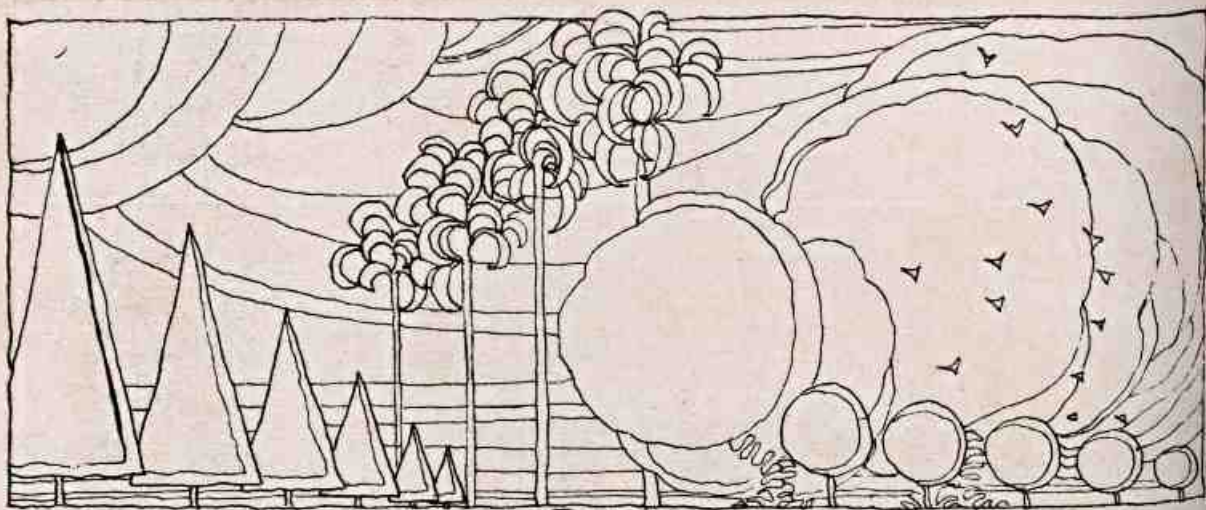
Os principios de um homem de bem, nós sabemos como acabam...

MARION

Na vespera do dia em que se commemorou nesta capital o primeiro anniversario da morte do dr. João Pessôa, a familia daquelle saudoso politico e estadista mandou celebrar, na matriz da Gloria, solennes exequias em suffragio de sua alma, enchendo-se o templo do largo do Machado de representantes de todas as classes sociaes, autoridades e parentes do grande chefe liberal. Tiveram, assim, numerosa concorrencia as missas commemorativas do primeiro anniversario da morte do ultimo presidente constitucional da Parahyba. Os dois flagrantes que estampamos nesta pagina focalizam membros da familia de João Pessôa — a viuva, os filhos, o dr. Epitacio Pessôa, os coroneis Aristarcho e José Pessôa, o dr. Cândido Pessôa, etc. — quando deixavam a matriz da Gloria, após os actos religiosos ali celebrados sabbado pela manhã.

JOÃO PESSÔA

Expressivas demonstrações de civismo, consagradoras dos martyres de um ideal, foram as cerimonias funebres que se realizaram, domingo ultimo, no cemiterio de S. João Baptista em memoria do inolvidavel João Pessôa, pela passagem do primeiro anniversario de sua morte. Deante do tumulo desse paladino dos ideaes que triumpharam com a Revolução, reuniram-se, com o chefe do governo provisorio, as altas autoridades do paiz e elementos de todas as camadas sociaes, num commovente preito de saudade. Muitos foram os oradores que exteriorizaram os sentimentos da Patria, reavivando os traços e o valor da grande figura de João Pessôa, ao tempo em que mãos piedosas espalhavam flores sobre a sua sepultura. A nossa pagina focaliza varios flagrantes das solennidades.

Sabbado ultimo, com a presença do chefe do governo provisorio da Republica, dr. Getulio Vargas, do interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini, e varias outras autoridades, foi inaugurada, solennemente, a Feira Internacional de Amostras. Como nos annos anteriores, o magnifico certamen, que é um indice expressivo e concreto das realizações da nossa actividade industrial, attrahiu ás suas vastas e bem organizadas dependencias compacta multidão de visitantes, que lhe invadiam os «stands», installados «á propos», com arte e elegancia. Ha muito, ali, que se apreciar e observar, com legitimo enthusiasmo e orgulho para nós brasileiros. E', emfim, uma magnifica e positiva affirmação das nossas immensas possibilidades industriaes, a Quarta Feira Internacional de Amostras do Districto Federal.

O chefe do governo provisorio, a exma. sra. Getulio Vargas, o interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini, e outras altas autoridades percorrendo as diversas dependencias da Quarta Feira Internacional de Amostras, cuja inauguração se realizou solennemente sabbado á tarde.

ALEJANDRO MAGRASSI

ENTRE os amigos intellectuaes do Brasil no Prata, não se pode e não se deve esquecer o joven escriptor argentino Alejandro Magrassi, em cujo livro de manchas e contos Los Barbaros Sanvisenti viu "revelações da vida argentina em forma de rapidos escorços", com "uma verdade selvagem e tragica", e, ao mesmo tempo, "uma fina capacidade para tratar com delicadeza qualquer assumpto." Sobre as paginas originaes e fortes desse livro de moço, o critico oriental Vicente A. Salaverri escreveu: "Los hombres parecen una emanación más de la tierra, la tierra salvaje que el narrador nos presenta. Profundo coñocedor del medio, avalora la obra literaria de Magrassi el cúmulo de observaciones que contienen los cuentos." Para Ricardo Rojas, esses contos traem o ambiente e a alma nativa nas suas formas rudes. Para Anibal Ponce, são rudes, selvaticos e sobrios, narrados com instincto subtil. Para Lehmann Nitsche, deixam na memoria uma sensação de côr, de desenho e de sentimento. E, segundo o nosso Saul de Navarro, elle realiza obra de observação, realismo sereno e expressão ethnologica, conciliando duas coisas bem difficeis na arte de escrever: belleza e verdade.

Los Barbaros mereceu ainda criticas elogiosas de Fabio Luz, João Fontoura e Maximo Kahn, o qual traduziu em allemão o conto A la Virgen de Itati. João Fontoura verteu para a nossa lingua Los pájaros ciegos.

Embora na flor da idade, Alejandro Magrassi revela-se como um infatigavel trabalhador das letras

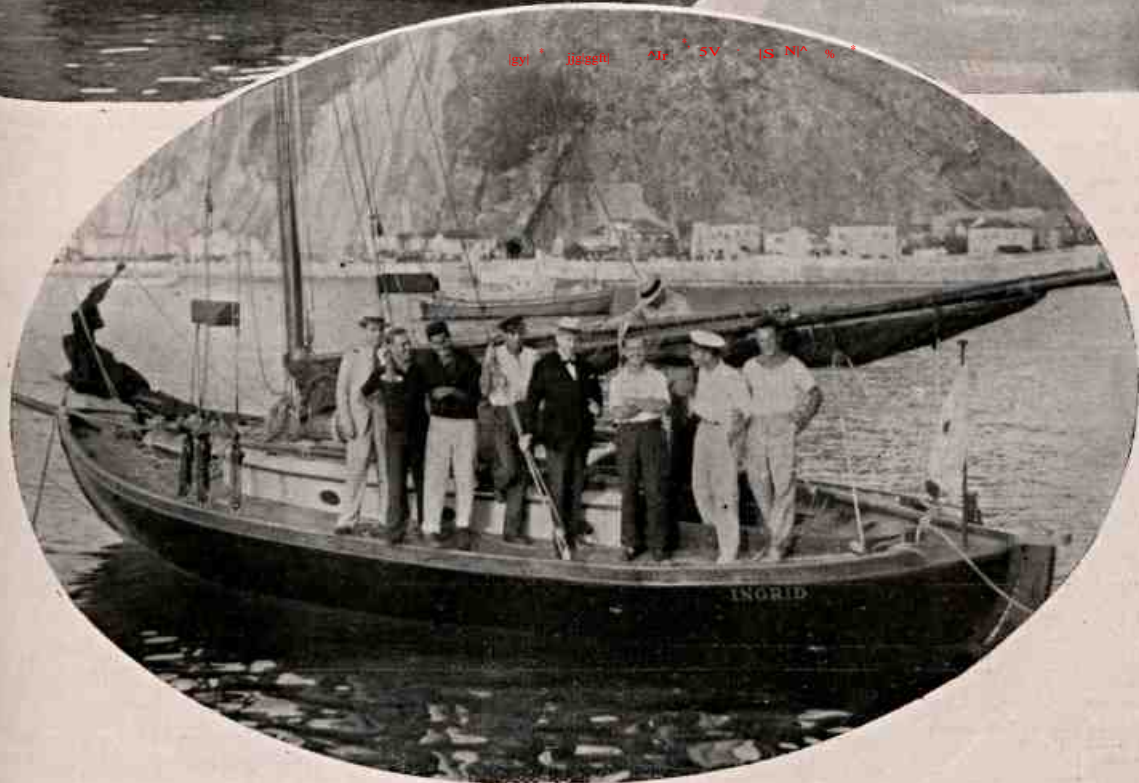
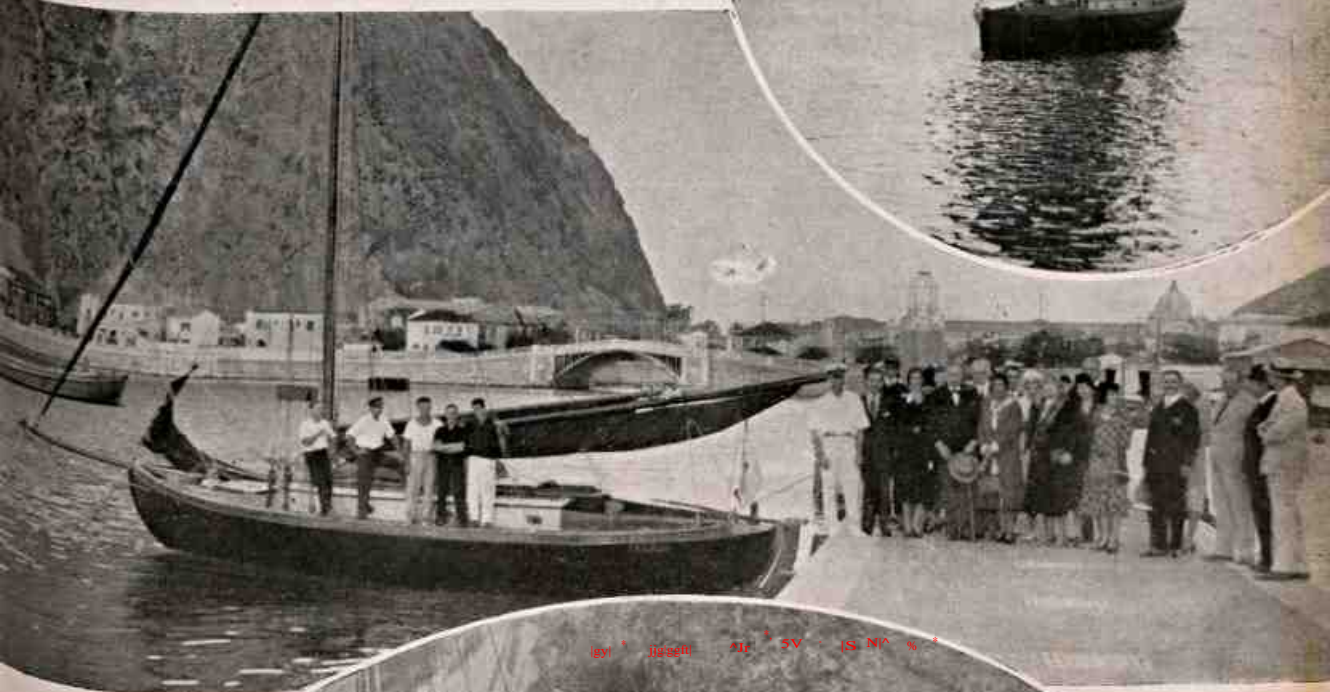
Alejandro Magrassi.

no livro e no jornal. Collabora no Mundo Argentino, em Caras y Caretas e na revista Cuba, da cidade cubana de Santiago, onde faz sadia e culta propaganda americanista. Nella tem publicado estudos de grande repercussão sobre os seguintes escriptores: Garcia Calderon (peruano), Fernando Gonzalez (colombiano), Lina Terzi (escriptora italiana de S. Paulo), Rosalia Sandoval (brasileira), Rogelio Sotela (costariquense), Antonio S. Pedreira (puertoriquense), Fermin Estrella Gutierrez (argentino), Leon de Greiff, Carlos Arturo Caparroso, Ciro Mendia, Bernardo Puerta G. (colombianos) e Gustavo Barroso, sem contar innumeros artigos biobliographicos, traducções de poetas brasileiros em varios orgãos de publicidade no continente.

Fecundo labor de approximação intellectual o desse moço de cultura e talento, cuja penna, ao mesmo tempo que canta as flores sylvestres do seu torrão natal, celebra a gloria das letras americanas, estimula os artistas da prosa e do verso, e procura irmanar, pelo espirito e pela mutua comprehensão, os povos de tronco commum que vivem nas terras maravilhosas povoadas pelos conquistadores da Iberia.

Autor de varias novellas como El romance de Irene Reyes, Historia de una mujer, El mal de Venus, La vengadora e do esboço dramatico El maldito diñero, promette-nos para breve a obra de grande importancia historica: Flor de leyendas guaranies, que todos os seus leitores hispano-americanos e brasileiros esperam com ansiedade e alegria.

O «Ingrid» e seu cruzeiro sportivo

O «yacht» á vela «Ingrid», que ha pouco menos de um mez chegára a esta capital, tripulado pelos jovens estudantes argentinos Martin Ezcurra, Arturo de la Serna e Arturo Llosa e pelo subdito inglez Dick Cowper Coles, deixou domingo passado o nosso porto, rumando para Montevidéo e Buenos Aires, onde encerrará o seu cruzeiro sportivo, depois de atravessar duas vezes o oceano, tocando em Cowes, porto inglez, de onde partira a 3 de março; Falmouth, Vigo, Las Palmas, Tenerife, S. Vicente, Cabo Frio e, por ultimo, Rio de Janeiro. Por occasião da partida do «Ingrid», domingo pela manhã, da enseada do Fluminense Yacht Club, recebeu o veleiro arrojado a visita do embaixador Mora y Araujo e de outras distinctas figuras da sociedade argentina desta capital, jornalistas, etc. Esta pagina focaliza o «Ingrid» e seus tripulantes momentos antes de deixar as aguas cariocas.

A COMPANHIA HANSEATICA E UMA FESTA EM HOMENAGEM AO GOVERNO PROVISORIO

Photographia tomada na fabrica da Companhia Hanseatica, por occasião da festa de sexta-feira penultima. Além das altas autoridades presentes, vêem-se, ahi o sr. e sra. Mario de Oliveira.

A Companhia Hanseatica offereceu, sexta-feira penultima, em sua fabrica da rua José Hygino, na Tijuca, uma brilhante recepção em honra do governo provisorio da Republica, cujas figuras mais representativas compareceram, pessoalmente ou por seus representantes.

Entre os que se achavam presentes, notavam-se o ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor; o ministro da Marinha, almirante Protogenes Guimarães; o chefe de policia do Districto Federal, dr. Baptista Luzardo, os primeiro, segundo e terceiro delegados auxiliares e outras autoridades, muitas das quaes acompanhadas de suas exmas. familias, e que foram recebidas pelos directores da Hanseatica srs. Mario de Oliveira e Joaquim Nepomuceno Moura e exmas. senhoras.

A festa, que decorreu cheia de brilho e animação, constou de um almoço, que foi servido no parque do edificio da Fabrica Hanseatica, e de uma tarde dançante, no salão nobre do grande estabelecimento industrial da rua José Hygino.

Houve, á sobremesa do almoço, apenas dois oradores: o presidente da Hanseatica, sr. Joaquim Nepomuceno Moura, offerecendo a festa, e o ministro do Trabalho, agradecendo em seu nome e no de seus companheiros de governo.

Foram dois discursos breves, mas expressivos na sua simplicidade. O sr. Joaquim Moura disse da satisfação que sentia em ter que levantar sua taça para brindar os membros do governo provisorio de seu paiz, no momento em que um grande estabelecimento industrial brasileiro os homenageava. Referiu-se com eloquencia á acção de cada um dos ministros de Estado alli presente, e do chefe de policia, para exaltar as suas qualidades.

O dr. Lindolfo Collor, respondendo, fez o elogio da Companhia Hanseatica, salientando o seu papel no mundo das industrias brasileiras, onde occupa logar de relevo excepcional, e qualificando-a de orgulho das empresas genuinamente nacionaes. Terminou congratulando-se com a Hanseatica pela sua privilegiada situação entre suas congeneres e pela obra que vem realizando em prol do engrandecimento industrial do paiz.

Outro detalhe da festa em honra do governo provisorio, na fabrica da rua José Hygino.

Enlace da senhorita Hylta de Souza Pinto com o senhor Djalma Meirelles, realizado nesta capital, na residencia dos Paes da noiva, sr. Carlos de Araújo Teixeira e d. Lydia Souza Pinto.

A senhorita Yola Carvalho Coutinho, filha da exma. viuva Arlinda Carvalho Coutinho, e seu noivo, sr. Justiniano Esteves, do nosso alto commercio, no dia em que se casaram.

SALVE, REGINA...

Um lindo dia de julho, o do teu anniversario... O céo azul, o sol radiante e quente, a terra cheirando a flor — tudo, na natureza e nas coisas — parecia em festa, para te agradar...

Recordo. Evoco. E uma saudade immensa domina todo o meu ser. Saudade de ti... Saudade do nosso amor passado... desse grande e suave amor que, um dia, por mal comprehendido, nos separou, para mais intensamente sentirmos a inquietação da felicidade que elle nos proporcionaria...

Perdôa... Perdôa-me, a mim, que nunca te esqueci, como tambem eu te perdoarei...

«Les chères mains, qui furent miennes, faites le geste qui pardonne...»

O dia do teu anniversario... Tambem eu o festejei, meu amor, na intimidade do meu coração, a evocar, a recordar a figurinha de sonho da «petite fée» do mundo maravilhoso e cheio de encantamento dentro do que me fizeste viver, até bem pouco, deslumbrado e feliz...

Salve, Gininha!...

Na séde do Movimento Artistico Brasileiro (Studio Nicolas), Porciuncula de Moraes inaugurou, ha dias, uma exposição genuinamente brasileira, apresentando, além de oleos e aquarellas, varias obras em ceramica focalizando os motivos mais curiosos da nossa arte indigena. Reproduzimos aqui, um dos pratos ornamentaes que figuram nessa mostra do pintor brasileiro: é ornado de tucanos, com as suas côres naturaes.

Realizou-se segunda-feira ultima, no restaurante do Jockey Club, um almoço em homenagem ao illustre financista inglez sir Otto Niemeyer e demais membros da missão por elle chefiada em nosso paiz. Promoveu o ágape o presidente do Banco do Brasil, dr. Mario Brant, que convidou para participarem do mesmo, além dos homenageados, o ministro da Fazenda, directores e outros altos funccionarios daquelle instituto bancario.

COCAINA

Queres ter horror ao mundo? Olha para os que correm atraz de ti.

Murger, para a actual geração, representa uma caricatura de escriptor, com os *Rodolphos* e as *Nimis* de um mundo impossível, que nunca existiu...

O homem faz ostentação do dinheiro; a mulher, da lagrima. São, realmente, dois argumentos convincentes...

MARIO

Tomou um ar festivo a inauguração da nova casa commercial dos srs. A. M. Nunes & C., á rua do Mexico, 158-B, com accessorios para automoveis. A sua organização modelar faz deste novo estabelecimento um dos melhores do seu genero, na Capital Federal. A' festa da inauguração assistiram numerosos amigos daquelles commerciantes, tendo dado a benção á nova casa o prior da ordem franciscana, d. Justo. Aos presentes foi servida uma taça de «champagne». E' um aspecto dessa festa o que damos na gravura acima.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

A condessa Mara estava ganhando uma fortuna.

"MONTE-CARLO"

Da PARAMOUNT — com JACK BUCHANAN e JEANETTE MCDONALD

É o dia do casamento do duque Otton com a condessa Mara. A multidão de convidados enche os salões do palacio.

Uma chuva fortissima se despenha, como se o mundo tivesse de ser novamente destruido por um dilúvio.

— Nunca se viu um casamento com chuva que não acabasse mal, commenta um conviva...

Mas a prova dessa infelicidade tem-na o noivo. Pois ao cabo de muito esperar pela condessa Mara, indo á sala onde ella estava a vestir-se, encontra só a sua *toilette* de noiva sobre uma cadeira. Ali estava apenas a chrysalida vazia. A linda borboleta dourada, essa, livre do casulo, empinara o vôo e fugira!

O duque Otto fica perplexo. Corre a dar a noticia ao pae: — E' a terceira vez que Helena me foge!...

A pedido do pae, o duque Otto apparece á varanda do palacio, afim de acalmar os convidados. Explica-lhes que o seu desapontamento não é deste mundo, com a inesperada fuga da condessa Mara. Mas, affirma-o, elle ha de encontral-a, ainda que tenha de ir aos confins da terra, e o casamento se realizará ali mesmo, quando Helena fôr encontrada...

O destino é uma força.

Resolvendo á ultima hora pregar mais uma peça ao renitente noivo, a condessa Mara tivera tempo de, envolta apenas numa capa de pelles, fugir do palacio em companhia de sua secretária e apanhar um trem que já ia em marcha.

O conductor, notando a subida dessas duas passageiras, quer saber para onde vão. A condessa diz-lhe que não leva destino fixo. Qualquer coisa que lhe succeda será melhor do que casar com um homem a quem não ama, a quem nunca poderá amar...

O chefe do trem enumera-lhe então as cidades por onde passarão e o nome de Monte Carlo prende a attenção da condessa.

— Dois bilhetes para Monte Carlo, ordena, com vivacidade, ao conductor.

Tantas vezes estivera Helena em Monte Carlo, porém nunca a cidade

Confissão que a perturba.

phantastica lhe parecera tão linda e attrahente como agora. E' que Monte Carlo, presentemente, tem para ella uma significação nova, porque lhe offerece liberdade illimitada, e o Casino, com a sua multidão de homens e mulheres que se lançam á cata da fortuna, surge aos olhares sonhadores de Helena como um reino encantado, prompto a abrir-se em cascatas de ouro a um leve signal de sua mãosinha de fada...

A' tardinha, dirige-se Helena ao Casino, onde vae, com os francos que lhe restam, tentar a fortuna na roleta. Emquanto ella se aproxima, vemos dois cavalheiros elegantes, o conde Rodolpho Farriere e seu amigo Armando. O conde, grande conquistador e felizardo no jogo, está contentissimo porque, acabando de ganhar uma fortuna na roleta, conta com igual fortuna em arranjar uma linda mulher para a ceia, logo mais tarde.

Quando, momentos depois, Rodolpho vae ao Casino, á procura de sua bella desconhecida, encontra-a a dobrar paradas no numero 16, que, por signal, repete muitas vezes, e Helena, na sua firme intenção de quebrar a banca, vae deixando todo o dinheiro no mesmo numero. Rodolpho, que está por detraz da felizarda senhora, ouve alguem dizer: — Reside no Palace Hotel... Creio que é a condessa Mara...

E, agora, mais certo de sua aventura, pois já sabe onde mora a sua beldade, o conde corre ao telephone e ordena uma ceia reservada, para dois, no melhor restaurante de Monte Carlo. Porém, quando volta á roleta, Helena, que perdera de uma vez tudo que ganhára, pois o 16 não podia repetir sempre, tinha desapparecido precipitadamente da sala.

Ao chegar ao hotel, Martha, a sua secretária, está ainda de lapis em punho fazendo a conta dos milhões e milhões que a senhora ia ganhar... Em vez disso, volta Helena com a sua bolsinha de mão inteiramente vazia...

Para acalmar a dôr de cabeça que a mortifica, entra para o quarto. Mas, nesse mimento, apparece um criado do hotel, sobraçando uma enorme corbelha de flores. Pendente do gigantesco bouquet está um cartão. Martha entrega-o á senhora, que o lê: *Querida condessa: — Desculpe-me mandar-lhe estas flores tão tarde... Mas tive de ir despertar a florista, para que m'as vendesse.* Helena fica intrigada com tudo isso e mais ainda quando descobre um post-scriptum que diz assim: *Se deseja conhecer o signatario desta, telephone ao numero 32-65.* E assigna: *Conde Rodolpho Farriere.*

Helena mette-se na cama, disposta a esquecer no somno a situação insustentavel em que se encontra — num hotel carissimo e sem ter com que pagar as despesas. Mas eis que sôa a campainha do seu telephone de cabeceira.

Na manhã seguinte, está o conde Rodolpho com o seu amigo Armando, num dos recantos do parque do Casino, quando vê, em um banco vizinho, um rapaz elegantissimo, que assobia a mesma canção que na noite anterior lhe cantara pelo telephone a bizarra condessa Mara. — Ah! — exclama de si para comsigo o conde. Esse rapaz deve conhecel-a de perto! ...

Chega-se para o rapaz e faz-lhe uma pergunta.

— Exactamente. E' a condessa Mara... Reside no Palace Hotel...

— Parece-me que você a conhece bem...

— Se a conheço! De manhã, ao despertar, é que é um primor! Deve-se vel-a á frescata, em casa.

(Continúa na pagina 46)

Felizes!

“INSPIRAÇÃO”

Film da Metro Goldwyn Mayer com

Greta Garbo — Lewis Stone — Gwen Lee — Robert Montgomery

O idolo do mundo que se diverte.

YVONNE Valbret, a mulher magnifica, sensibilidade estranha que envolvera em irresistivel seducção toda uma legião de homens, inspiração de um famoso pintor, um grande esculptor e um commentadissimo poeta, era o idolo de Paris bohemio, do Paris de Montmartre. Uma noite, numa "soirée" magnifica, dada por Delval em sua homenagem, Yvonne trava conhecimento com André Montell, um sympathico estudante, por quem ella se apaixona num momento, cansada, como estava, de viver rodeada da lisonja dos artistas.

Esse amor faz com que se eclipsem todas as anteriores aventuras de Yvonne e a faça julgar-se a mais feliz das mulheres. Ella se entrega ao coração de André, inundando-o de illusões, envolvendo-o num sonho que ella desejaria jamais ver desfeito. Entretanto, esse dia se annuncia do prompto quando André recebe a visita de uns tios seus, e, com essa visita, a lembrança de um compromisso que elle assumira, mais ou menos, uns tempos antes: desposar Madeleine, uma jovem de sua provincia, uma antiga companheira de infancia...

O amor de André por Yvonne é mais forte que esse compromisso, e elle não hesita em ir viver em companhia de Yvonne, um pouco distante de Paris. Sentiram horas de sonho, de encanto. Yvonne, comtudo, não podia afastar-se da roda de suas amizades, e isso fez com que suas amigas levassem ao conhecimento de André os muitos amantes que ella tivera antes de o conhecer. Citaram nomes, citaram escandalos, "casos", coisas que elle preferiria ignorar... Isso perturba de tal modo o espirito de André, que elle resolve, de uma vez para sempre, acabar o que tinha com Yvonne. E a separação se faz. Ella, sem um proposito, apenas os olhos desfeitos em lagrimas, acceita todas as desculpas que elle lhe dá, levando-lhe á alma mais aquella desillusão...

E Yvonne voltou á vida antiga. Deixara o luxo em que vivera até conhecer André. Voltara a ser o modelo simples, procurado por todos. E quantas vezes, quantas, ella deixou de comer! Uma noite, surprehendeu-a André num café, em discussão com um "garçon", por lhe faltar o dinheiro para pagar uma pequena refeição. Comprehendendo a infelicidade em que ella se encontrava, André compadeceu-se e, sentindo que Yvonne era, de facto, a unica creatura que o amava com toda a alma, volta para a sua companhia.

E tornaram a viver novos momentos de sonho, entregues um ao outro. E novamente, um dia, sentindo que o seu dever era desposar Madeleine, porque Yvonne nunca poderia ser sua esposa, André deixou-a, mergulhada em pranto, sentindo-se a mais infeliz das mulheres.... Dá-se, entretanto, um caso com Delval: sua amante, Liane, vendo-se abandonada por elle, suicida-se. Esse facto enche

de apprehensão André, que corre immediatamente para junto de Yvonne, encontrando-a com Galand, um homem que elle desconhecia ainda, mas que fôra amante de Yvonne e por causa de quem elle estivera muitos annos na prisão, porque praticara uma "scroquerie" para presentear a amante...

Galand pede-lhe que volte para a sua companhia, quando surge André, que lhe solicita a mesma coisa. Yvonne hesita, mas resolve, por fim. Chama Galand a um canto e, simulando mandal-o embora, pede-lhe que a encontre, no dia seguinte, na *gare* St. Lazare, pois partiriam para fóra. Voltando para André, ella o beija, mostrando-se feliz, disposta a recomeçar... Alta noite, porém, quando elle adormece, ella escreve uma carta, uma longa carta, em que fixa o maior sacrificio de sua vida: deixava-o, para sua felicidade, deixava-o para que elle a esquecesse e pudesse ser um homem casado, feliz...

Quando elle acordou, Yvonne já estava longe, seguindo para mais longe ainda, em companhia de Galand...

MONTE-CARLO

(Continuação)

sa... Que collo, que braços, que lindos cabellos de ouro!...

O conde, cada vez mais intrigado, tem ganas de estrangular o homem, para tirar-lhe da garganta a confissão de tudo o que sabe. Mas contem-se.

— Nella só vejo um defeito, accrescenta o outro: *Não tem dinheiro.*

O conde fica irado, e, pensando tratar-se de um "explorador de mulheres", prepara-se para defender a sua admirada madona. Mas o pobre rapaz, reconhecendo o perigo, implora-lhe:

— Não faça isso! Eu não sou quem o senhor pensa... Por favor, não me faça perder o emprego...

— E quem é você? — pergunta o conde, sacudindo-o bruscamente.

— Eu... eu sou o cabelleireiro da senhora condessa... — confessa o rapaz. Tenha pena! Não me leve a mal!

A' tarde desse dia, recebe a condessa Mara a visita do seu novo cabelleireiro — o *coiffeur* Rodolpho... Paul, o antigo *hair-dresser* de madame, deixara o emprego, porém mandava-lhe o seu amigo para continuar no suave e agradavel mistér de pentear a doirada e odorosa cabelleira daquella divina mulher.

Como logo percebemos, o conde, senhor de grande fortuna, pagára boa somma ao cabelleireiro Paul, só para, preenchendo-lhe a vaga, ter facil accesso junto á condessa.

Mas no momento em que Rodolpho vae, pela primeira vez, pentear o cabello de Helena, aproveita a indifferença da moça e, cortando-lhe um cachinho das douradas melenas, guarda-o cuidadosamente dentro do relogio. Depois, para evitar ser descoberto, sae-se com esta:

— Condessa, cortar um cabello tão bonito é um verdadeiro crime!

A moça espanta-se com essa observação, mas contenta-se com uma lavagem da cabeça e uma massagem dada com as pontinhas dos dedos, operação na qual Rodolpho se mostra um verdadeiro artista. E Helena, que se queixava de dôr de cabeça e de estar muito nervosa com a inexperiencia do seu novo cabelleireiro, começa a torcer-se sob a fricção de seus dedos, exclamando, já toda risonha:

— Assim, que bom! Pa-

(Conclúe nas pags. 58-59)

Chorando um sonho perdido.

Velhos amores que voltavam.

A coragem de uma despedida.

A arte nasceu com a Moda

A vestimenta, nos primeiros tempos da vida do Homem sobre a terra, não foi mais que um meio de defesa contra o frio e o rigor dos raios solares; só depois o espirito religioso creou o pudor e as roupas passaram a ser tambem um requisito de modestia e decencia. Mas logo o homem e a mulher, principalmente, viram que aos vestuarios podiam ser dados certos ornatos e enfeites, e que os tecidos, primitivos e grosseiros podiam ter disposições diversas, mais adaptaveis ao corpo humano e mais agradaveis á vista.

A primeira condição importa na idéa de conforto e bem estar; é uma exigencia physica, material; a segunda, porém, já é uma manifestação, embora apenas esboçada, da Arte, no espirito humano. Já não é sómente a necessidade de cobrir o corpo por causa do sol ou das intemperies, o que é, apenas, util; é tambem cobril-o com garridice e com belleza, o que é agradavel ao olhar.

Pode-se, pois, affirmar que a Arte nasceu com a Moda; antes mesmo do homem fazer a primeira esculptura ou gravar nas pedras o primeiro poema, entrelaçou "com arte" as primeiras fibras com que se cobriu e desenhou e coloriu com o sueco de fructas, flores e folhas os pannos que teceu para o seu vestuario. Dahi se conclue que a tinturaria é tambem tão velha como o mundo; a diversidade de côres que offerece a natureza logo agradou ao homem que tratou de combinal-as para um prazer visual ainda maior.

Mas ah! quantos seculos de estudos e de trabalhos para chegar-se, das primitivas tinturas, á perfeição das actuaes anilinas que, além de reproduzirem todos os tons e semi-tons, matizes, nuanças, gradações dos coloridos naturaes, apresentam a vantagem de serem fixas, como as afamadas anilinas Indanthren!

A "côr fixa" foi o mais alto ideal attingido pela moderna industria de tecidos. Graças a sua fixidez, as fazendas offerecem maior "durabilidade util", isto é, durante muito tempo se mantêm como novas.

E' isso que leva as senhoras economicas a procurarem sempre adquirir tecidos marcados com a etiqueta *Indanthren*, o que significa insuperada resistencia das côres, ás influencias do sol, da chuva, e das repetidas lavagens.

SONHO INUTIL

(PARA MINHA FILHA)

Emquanto somos moços, ha, nos ramos,
flores feitas de sonho e de alegria!
E essas flores de nossa fantasia
pouco a pouco, felizes, desfolhamos!

Emquanto somos moços, não cuidamos
que a Mocidade morrerá um dia!...
E com ella, que outr'ora nos sorria,
partiremos e nunca mais voltamos!

E, quando velhos, cheios de saudade,
procuramos — crueis arrependidos! —
um sonho do passado recordar;

e apenas nos concede a Mocidade
um triste reviver dos dias idos
e uma inutil vontade de sonhar!...

GUSTAVO STUART

Ella: — Desci rapidamente, Jorge, para dizer-te que, apesar de tudo, é possivel que papae mude de pensar, dentro de pouco tempo.

O supremo

De Pedro

NUM domingo de junho, sobre a estrada ensoleirada e quente, Lemarois, no volante, guiava seu auto, com apreciavel velocidade. Ao attingir, porém, a floresta de Compiégne, um outro carro, uma rica e linda "barata", guiada por uma mulher passou, vertiginosa, pelo seu modesto carro, levantando uma nuvem de poeira.

— Obrigado, gentil senhora, gritou Lemarois, a lançar um olhar terrivel para a "chauffeuse".

No entanto, a joven, apenas entrevista, pareceu interessar ao homem um tanto incivil que elle era. E' certo que, numa estrada, num dia de primavera, quando o sol resplende e as folhas cheiram bem, qualquer alma solitaria, por mais arida que seja, sempre se inclina para a indulgencia. O que, porém, surprehendeu um tanto Gilberto Lemarois foi a lembrança que vagamente lhe despertou aquella silhueta de mulher, mettida num costume verde-cinza. Recordou-lhe sua propria mulher, que elle, outróra, sempre julgou banal e insignificante. E ficou a falar comsigo mesmo, cerrando os dentes:

— Não posso deplorar uma separação que me livrou dessa pobre mulher. De qualquer modo, reconheço, porém, que não fui lá muito correcto com ella... Ella amava-me. Amava-me, realmente...

E recorda seu casamento. A lua de mel num modesto appartamento de um bairro tranquillo. Mariza, muito timida e sem enthusiasmo, desencorajava-o pela sua modestia.

— Eu me conformo com tudo — dizia-lhe ella.

Essa banal resignação irritava-o. Elle não admittia a vida mediocre, com que nunca se conformara. Embora vivessem sem conforto, aquillo para elle não passava de um periodo de espectativa, pois, breve, tudo haveria de melhorar.

— Que queres mais do que temos, meu querido? — protestava Mariza. Garanto-te que, por mim, sinto-me feliz.

Elle dava de hombros e não respondia.

Para que empenhar tantos esforços por uma creatura assim?

— Esta tola me deprime e diminue — repetia de si para si. — A seu lado nunca farei qualquer coisa. Ella não merecia o marido que tem.

Durante seis mezes supportou-a. Depois perdeu a paciencia e pôl-a á parte, sem logar no seu coração.

Mariza nada comprehendeu da fria indifferença de seu companheiro. Silenciosa e doce, sempre meiga e solicita, entregava-se aos seus affazeres domesticos, certa de que Gilberto a amava.

Assim, foi com uma enorme e brutal surpresa que, uma noite, ella o ouviu dizer-lhe que seus genios eram incompativeis e que não poderiam viver em commum.

Seus lindos olhos cresceram, arredondados, e, quasi supplices, encheram-se de lagrimas.

— Que te fiz eu? Que é que me reprovas?

— Nada — disse-lhe Roberto, seccamente. — Isto não deu certo e eu restituo tua liberdade, como tomarei a minha, a contar de amanhã.

Inutilmente ella lhe fez as mais ardentes supplicas. Seis semanas depois viram-se, no juizo, pela ultima vez. Gilberto estabeleceu uma pequena pensão para sua mulher. Mas, tres annos depois, elle tinha uma surpresa: Maria recusava a modesta pensão.

— Melhor para o meu orçamento — pensou Gilberto. — Com certeza ella recebeu qualquer pequena herança de alguma velha tia da provincia.

Elle julgava-se um desses homens a quem a fortuna bafejaria mais dia menos dia. Confiava plenamente no exito da sua bôa sorte. E tinha a certeza de que, livre de Mariza, poderia melhor empregar suas faculdades, com vantagem compensadora para a sua actividade. Cedo, porém, verificou que se enganava: nada, nenhuma das suas tentativas dava resultado. "Não tenho tido sorte, dizia. Creio que essa mulher me deu azar. Ah! quando se faz uma má partida!..."

Olhou a hora no seu relogio-pulseira. Mais de meio dia. E, como visse proximo, cercada de glicinias, uma pequena casa de pasto, onde já estacionavam cerca de uma vintena de carros, dirigiu-se para lá.

— Oh! a tal "barata"! — exclamou... Tanto peor. Installo-me junto della, como um parente pobre.

Examinou curiosamente a excellente machina, com inveja daquelles trinta cavallos que o deixaram em tão grande atrazo. Depois passou para uma sala, que cheirava a sobre-môlho, e com um pequeno

fracasso

Villetard

salto, que lhe fez morder os labios, disse:

— Ali está a falsa Mariza. Por signal que é bem melhor do que a verdadeira...

E, seus olhos se encontraram, demoradamente, porque, tambem a joven mulher o observava. Foi ella quem, primeiro, descerrou um mysterioso sorriso. Não havia mais duvida para Gilberto: era Mariza. Alguns momentos depois, elle approximou-se della, que lhe estendeu a mão:

— Já que estamos sós, juntemos, hoje, as nossas duas solitudes — disse-lhe Mariza, gentilmente. A não ser, meu caro senhor, que isso lhe desagrade.

— Ao contrario, senhora — respondeu Gilberto, amavel.

— Então, queira sentar-se aqui, defronte de mim. Confesso que o ar livre abre-me o appetite. Recommendo-lhe esta lagosta, que está deliciosa.

Gilberto, pasmo, fitava Mariza. Não era a mesma; ou, melhor, era ella; ainda, porém mais fresca, mais forte, mais remoçada. Seu vestido de crepe-cinza, de uma elegancia sobria, fazia realçar seus busto harmonioso. Mas, o que mais admirava Gilberto, era o "aplomb", a linha, a attitude senhoril, simples e segura, de sua ex-mulher. Seu olhar sereno e firme, seus gestos desembaraçados, espontaneos, proclamavam altamente sua metamorphose.

Falaram, a principio, sobre assumptos banaes. Gilberto felicitou a "chauffeuse" eximia, que se desculpou de o haver passado. E, já no fim do jantar, é que elle, intrigado, não mais podendo conter-se, formulou perguntas precisas á joven:

— Trabalho — disse-lhe — como todo mundo. Reflectindo melhor, depois o comprehendi. Emquanto estive a seu lado, faltou-me iniciativa. A' distancia, depois de nossa separação, você foi o meu animador.

E contou-lhe que se tendo empregado numa casa de modas, chegou a tomar gosto pelo negocio, e acabou socia de Marcello Digouin...

— Marcello Digouin, da rua d'Hauteville?!

— Elle mesmo. Não tenho de que me queixar. E' um grande e importante estabelecimento.

Gilberto ficou silencioso alguns segundos.

— Que tal este "pudding"? — perguntou-lhe. Parece-me que, com a velhice que ahi vem, estou a ficar gulosa.

— Oh! está bem longe de ser velha — respondeu Gilberto.

Elle sentia-se constrangido e triste, agora, em frente de Mariza. Achava-a linda e seductora. "Emfim, pensou, fiz uma grande tolice."

— Não tornou a casar-se? — perguntou, num tom de voz hesitante.

— Não — disse ella, a rir... Não queria que tal se désse?

— Mas... nada?... Nenhuma ligação?... Seja... franca...

Mariza enrubesceu, sem deixar de sorrir.

— Ah! meu caro amigo, já está muito curioso.

— Mariza, peço-lhe perdão... Minha conducta com você foi inqualificavel.

Ella balançou a cabeça, com indulgencia:

— Ha muito tempo já lhe perdoei. Não, meu pobre Gilberto, não lhe quero mal. Uma mulher amorosa é sempre idiota e, sobretudo, ridicula. E eu, naquelle tempo, era tão bobalhona, que não me admiro de o ter desagradado. Realmente, não poderiamos entender-nos. O melhor era, mesmo, romper. Agradeço-lhe esse gesto. Separados, lucrámos muito mais, pois ambos conseguimos vencer... Porque supponho que você tambem o conseguiu...

— Certamente — respondeu Gilberto, mordicando os labios.

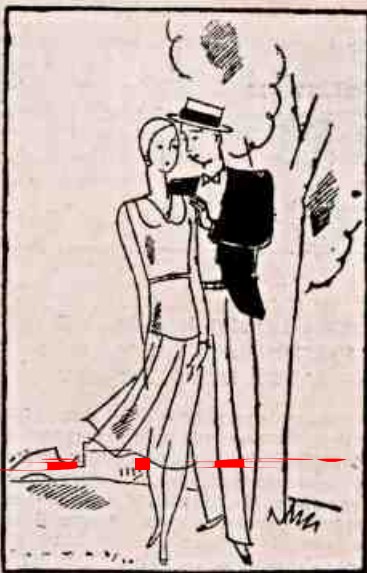
Mariza, nesse momento, viu as horas no seu pequeno relogio:

— Desculpe-me. Tenho de deixal-o. Preciso estar em Paris ás quatro e quinze...

— E... não a verei mais — supplicou Gilberto.

— Sim; tudo é possivel. A gente se encontra, de um momento para outro, num restaurante.

Mariza levantara-se e estendera a mão a Lemarois, que a beijou. Depois, fixou-a profunda, demoradamente, até que ella abandonou a sala. Uma surda tristeza o acabrunhava. Puxou um cigarro; accendeu-o, mas o gosto do mesmo amargava. Jogou-o fóra, depois de duas fumaradas:

— Seu animador! Que irrisão! Fracassei com minha mulher, como em todos os meus negocios. Como me arrependo, e que dura lição! Não vale, porém, lamentar-me. E' tarde e eu não tenho o direito de sequer me attribuir um desgosto de amor...

— Havias-me de querer da mesma fórma, ainda que eu fosse pobre?

— Naturalmente! Mas... é brincadeira, não é?...

ESTES BOLOS DARÃO UM ASPECTO MAIS AGRADAVEL A' SUA MESA DE CHA'

Muitas considerações têm sido feitas, nestes ultimos tempos, a proposito do arranjo conveniente de uma mesa de chá... Tanto se tem discutido o assumpto que se perdeu, quasi de vista, o que deve ser servido e que é, por isso, de tanta importancia como a maneira de servir.

Sem duvida, todas as senhoras apreciam o arranjo de suas mesas com baixellas vistosas e finas; comtudo, devem lembrar-se de que um apparelho de prata ou uma toalha de rendas de alto preço apenas completam o effeito produzido pelos pratos deliciosos e saborosos que são servidos.

Ha innumeras maneiras de ornamentar um serviço de chá, com simplicidade e delicadeza, utilizando as proprias iguarias postas á mesa. Os sandwiches, por exemplo, offerecem uma linda ornamentação, se enrolados ou cortados em formatos originaes e enfeitados com raminhos de salsa ou agrião. Uma apresentação interessante e facil, ao mesmo tempo, consiste em cortal-os em meia-lua, utilizando a tampa da lata Royal.

Quanto á variedade de gulodices, devemos convencer-nos de que não é necessario depender exclusivamente da escolha dos recheios. Ha infinitas receitas de pães de fructas, pães de nozes, pães feitos com farinha de trigo integral ou com farinha grossa, chamada "graham", todos muito gostosos e faceis de fazer, como demonstraremos.

Bolo relampago — Na vida atarefada de uma dona de casa, surgem muitas vezes occasiões em que se recorre a esta receita com verdadeira gratidão. E' simples de fazer, requer pouco material e é infallivelmente delicioso:

1/3 chicara de leite.
2 ovos.
1/3 chicara de manteiga derretida.
1 colher de chá de extracto de baunilha.
1 chicara de assucar.
1/4 colher de chá de sal.
3 colheres de chá de Fermento Royal.

Ponha-se o leite na tigella; juntam-se-lhe ovos, assucar e baunilha; mistura-se bem. Peneiram-se juntos a farinha, o sal e o Fermento Royal; juntam-se aos liquidos; mistura-se bem. Deita-se em uma fôrma rasa untada, a massa com cerca de 2 1/2 centimetros de espessura, salpica-se assucar crystallizado misturado com canella e nozes picadas ou cidra; assa-se em forno moderado cerca de quinze minutos. Quando está frio, corta-se em quadrados e serve-se.

Coberto de sete minutos — Para o bolo modelo e qualquer de suas variações, este coberto obtem sempre muito exito. Ponha sete oitavos de chicara de assucar crystallizado, tres colheres de chá de agua fria, uma clara de ovo não batida, numa panella em banho-maria. Bata com o batedor de ovos durante sete minutos exactos. Retire do fogo. Junta-se meia colher de chá de algum extracto do gosto que se desejar e meia colher de chá de Fermento Royal. Bata bem até ficar com a necessaria consistencia para ser espalhada. Este coberto póde ser applicado em bolos quentes ou frios.

Pães de nozes e passas — Este pão é de excellente paladar e póde ser servido na fôrma commum ou como sandwiches. O emprego de passas póde ser substituido pelo de tamaras, conseguindo-se um pão delicioso e saudavel. A sua receita, muito simples, garante successo á "primeira vez".

Toma-se: 1 1/2 chicara de farinha peneirada, 5 colheres de chá de pó Royal, 1 colher de chá de sal, 1/3 de colher de chá de bicarbonato de soda e peneira-se tudo junto, dentro de uma vasilha. A seguir, mistura-se com 1 1/2 chicara de farinha grossa ou "graham", 1 chicara de passas descaroçadas (ou tamaras) e 3/4 de uma chicara de nozes picadas. Noutra vasilha, mistura-se bem 1/4 de chicara de melado com 1/2 chicara de leite, juntando-se aos ingredientes seccos preparados antes. Para levar ao forno a mistura prompta, untam-se duas fôrmas Royal de 12 onças ou duas fôrmas bem pequenas e alongadas, enchendo-as em tres quartas partes. Alisa-se a parte de cima e leva-se ao forno, deixando assar a calor moderado, durante uma hora. Depois de retirado, deixa-se que o pão esfrie na fôrma e, então, corta-se em fatias.

Bolo de Nozes — Emquanto o pão de nozes e passas está no forno, podemos aproveitar alguns dos ingredientes empregados, para fazer uns deliciosos bolinhos de nozes para a hora do chá. Esses bolinhos fica-

Ella — Com certeza que te esqueceste de dizer ao professor que foi tu que fizeste os deveres de Carlinhos, não?... E o pobre pequeno teve que ficar de castigo, porque todos estavam errados...

rão acabados antes que o proprio pão fique devidamente assado. Precisamos, então, do seguinte: 1/8 de chicara de manteiga, 1 chicara de assucar, 1/2 chicara de leite, 2 chicaras de farinha, 2 colheres de chá de pó Royal, 1 chicara de nozes [illegible] bem picadas, 3 claras de ovos, 1/8 de colher de chá de sal e 1 colher de chá de essencia ou extracto de baunilha.

Bate-se a manteiga com o assucar. Mistura-se á farinha peneirada, juntando-se, alternadamente, o pó Royal e o leite. A seguir, juntam-se as nozes picadas a uma colher de sopa de farinha, deitando-se as claras de ovos, batidas levemente e préviamente misturadas com o sal. Addiciona-se a essencia de baunilha e assa-se bem em pequenas fôrmas untadas, em forno moderado, durante cerca de 15 minutos. Quando estiverem promptos, devem levar um coberto Moóca e polvilhados sobre nozes em migalhas. Eis a seguinte a receita do coberto Moóca:

Reunem-se: 3 colheres de sopa de manteiga, 3 chicaras de assucar de confeiteiro, 5 colheres de sopa de cacáu, 1 colher de chá de essencia ou extracto de baunilha e 5 colheres de sopa de café forte. Bate-se a manteiga e junta-se assucar e cacáu bem devagar, batendo a mistura até que fique fôfa e leve. Junta-se a baunilha e o café, em gottas, aos poucos, para que o coberto fique bastante molle e possa ser bem espalhado.

"Puffs" ou E'clairs de creme — Não ha quem não aprecie os appetitosos "puffs" ou "éclairs" e, no emtanto, podem ser feitos, commodamente, em nossa casa, segundo esta receita:

Ponha-se 1 chicara de agua fervente e 1/2 chicara de banha numa panella. Deixa-se ferver bem e deita-se então, de uma só vez, 1 chicara de farinha peneirada já temperada e 1/8 de colher de chá de sal.

Mexa-se vigorosamente e retire-se do fogo logo que estiver misturado, deixando-se esfriar. A seguir, deitam-se 3 ovos, um de cada vez, addicionando depois 2 colheres de chá de pó Royal. Bate-se bem e enche-se, ás colheradas e separadamente, uma fôrma untada, fazendo em rodelas com uma colher molhada.

Leva-se a forno quente (mais ou menos 230° C.) assando por espaço de cerca de 25 minutos, ou até que os "puffs" fiquem bem "souffles" ou inchados, de côr "marron" claro e bem cozinhados.

Estes "puffs" podem ser recheiados, ou com o recheio que damos abaixo ou com creme "chantilly". Se dispuzermos de morangos, podemos fazer uma sobremesa finissima, misturando esses fructos, esmagados e assucarados, com creme. Para levar á mesa, podemos servil-os simples, polvilhados com assucar ou cobertos com creme de chocolate ou de café.

Os "éclairs" são feitos e assados da mesma maneira usada para os "puffs" de creme, sendo preciso, porém, saquinhos de fôrma, para dar-lhes o feitio proprio.

Este é o recheio que aconselhamos para os "puffs" de creme:

1/2 chicara de assucar, 2 colheres de sopa de maizena, 1/8 de colher de chá de sal, 1 chicara de leite fervido, 2 colheres de chá de manteiga, 1/2 colher de chá de essencia de baunilha e 2 ovos.

Mistura-se o assucar, a maizena, o sal e os ovos batidos. Junta-se, pouco a pouco, o leite fervido, addicionando a manteiga. Colloca-se a mistura em banho-maria, mexendo constantemente, até ficar grossa e macia, juntando então a baunilha.

Merengues — Este saboroso doce substitue, nas mesas de chá, tanto os bolos como os confeitos. E' uma sobremesa agradavel ao paladar quando combinada com sorvete ou creme "chantilly" e framboezas ou morangos esmagados. Podemos fazel-o, dispondo de: 3 claras de ovos, 1 chicara e 1/4 de assucar, 3 colheres de chá de pó Royal e 1/4 de colher de chá de essencia de baunilha.

Batem-se as claras até ficarem como neve. Addicionam-se, então, duas terças partes do assucar até que a mistura fique consistente. Nesta occasião, deita-se o assucar restante, já peneirado e unido ao pó Royal. Afinal, accrescenta-se a baunilha. Ponha-se a massa ás colheradas sobre papel aspero e leva-se ao forno, onde se deixa assar lentamente a 121° C. durante meia hora. Depois desse tempo, faça augmentar o calor até 148° C. e conserve durante mais meia hora.

Bolo "Fudge" — Para esta apreciada qualidade de bolo, necessitamos reunir os seguintes ingredientes: 1/4 de chicara de manteiga, 1 chicara de assucar, 1 colher de chá de extracto de baunilha, 1 1/2 chicara de farinha, 1 1/2 colher de chá de pó Royal, 1/2 colher de chá de sal, 2 quadrados de chocolate e 1 ovo. Preparamos, começando por bater a manteiga e addicionando devagar o assucar e os ovos não batidos. Battamos bem durante alguns minutos e juntamos então a baunilha e o chocolate derretido. Depois, juntamos a uma parte de agua uma parte dos ingredientes seccos peneirados reunidos e vamos misturando aos poucos, até o fim. Para assar, usaremos uma fôrma quadrada, untada e ligeiramente enfarinhada e levamol-a a forno moderado, onde a deixaremos durante meia hora. Terminado esse tempo, retiramos e deixamos o bolo esfriar na propria fôrma e cobrindo-o, na grossura de um dedo, com o seguinte coberto de chocolate:

1 1/2 colher de sopa de manteiga, 2 chicaras de assucar de confeiteiro e 1 1/2 quadrado de chocolate fino, derretido em 4 a 5 colheres de leite quente. Preparamos esse coberto, começando por bater a manteiga e juntando gradualmente o assucar, o chocolate e o leite, sómente em quantidade para dar uma consistencia que nos permitta usal-o grosso. Terminado o trabalho da cobertura, faremos esfriar o bolo, cortando-o depois, em quadrados de cinco centimetros, para servil-o aos nossos convidados.

— Um verdadeiro abuso! Hontem levei uma pequena ao cinema, comprei-lhe uma caixa de bombons, e ella teve o desplante de guardál-a, dizendo-me que a conservaria como lembrança.

— Mas, isso foi uma delicadeza.

— Uma delicadeza? Póde ter sido! Mas passei uma fome!...

O BUSTO

QUANDO Martha Pelereau vivia, tinha um ciume terrivel de Gilberta Salnier. Entre todas as mulheres que faziam a côrte a seu marido, detestava particularmente áquella. Porque? Porque Gilberta era esbelta, morena, linda, e tão bem feita de fórmas, que seria capaz de enlouquecer um artista. Porque nascêra amorosa, e seus olhos, de um azul profundo, projectavam, entre suas pestanas, scintillações phosphoricas. Porque seus labios tinham o perfume do mel fresco e seu menor sorriso provocava o sonho ardente dos homens.

As mulheres têm um odio especial a creaturas assim. E' o que explica que o reino deste mundo não pertença sempre ás mais lindas nem ás mais cortejadas.

Si estas têm a seus pés, durante algum tempo, todos os homens influentes de sua época, têm, depois, muitos delles como inimigos, pois não podem distribuir entre a totalidade os thesouros de suas graças.

E o que, seguramente, têm contra ellas, em todos os tempos e todos os logares, é a liga das feias, que, sendo a mais numerosa, possúe, frequentemente, a força.

O esculptor Pelereu sentia muito bem que sua mulher detestava Gilberta. E como era um homem bom e sua loirinha Martha era uma esposa fiel, uma mulherzinha terna e sempre abnegada, mantinha á distancia a formosa Gilberta.

Mas, si pouco a via, pensava muito nella, e Martha o suspeitava.

Foi assim que, antes de morrer, a esposa do esculptor lhe disse, com a voz commovente:

— Meu amigo, escuta-me... Provavelmente, casarás de novo... Oh! Não protestes! E's moço ainda e são tantas as mulheres que te querem!... Eu desejaria que casasses novamente. Este pensamento não me faz soffrer muito, eu te asseguro.... Mas, jura-me que não será com Gilberta... Ah, isso nunca!... Jura-me que jamais gostarás della; que jamais farás seu busto!... Si o fizesses.... Mas, promette-me que o não farás!... Adeus, Promette-me!... meu pobre Pedro!... Amei-te tanto!...

Algumas horas depois Martha expirava, aos trinta e seis annos, victima de uma congestão pulmonar.

Mas Pelereau quizera morrer tambem... Metade de sua alma, toda a poesia de sua juventude iam com Martha, sua pequena mulherzinha fiel e certa.

Como ficou linda depois de morta! Piedosamente, modelou-lhe as mãos. Tambem lhe modelou o rosto. E fez comsigo mesmo o juramento de não adorar em sua vida, senão essas fórmas de gesso branco, nas quaes tinha elle uma alta tambem branca...

*

Seis mezes depois, Pelereau começava o busto de Gilberta.

Vira-a de novo e não soubéra resistir á seducção de seus olhos phosphoricos, ao seu sorriso de mel...

Era no mesmo atelier onde Martha havia posado tantas vezes, para um braço, para uma attitude, para uma expressão difficil...

O modelo de sua perna estava ainda ali, sobre a consola. Seu rosto de morta sonhava, suspenso de uma fita azul, na parede.

Mas Gilberta era tão linda!

O esculptor só olhava

De Jean Rameau

para ella. Só pensava nella. E modelava nervoso, transfigurado, com essa paixão com que trabalham os artistas quando a obra é estimulada pelo amor.

Na parede, o rosto da morta olhava sempre com seus olhos brancos...

Uma tarde (era 20 de abril, dias antes do encerramento do prazo para entrega dos trabalhos ao Salão), Pedro Pelereu firmou a argilla e deixou o esboçado.

Havia terminado.

Um suspiro de alegria escapou-lhe dos labios.

Tremia deante da satisfação da obra cumprida, do exito seguro.

Seus olhos se haviam suavizado como duas fontes de luz.

Os olhos de Gilberta tinham tambem, uma grande suavidade.

Sem pronunciar uma palavra, o artista e seu modelo, de mãos dadas, se dirigiram para o divan proximo, afim de unir, no primeiro beijo, suas almas tremulas...

*

Ah, esse beijo!... Esperavam-no havia tanto tempo!

Emquanto o trocavam devotamente, com os olhos fechados, em um extase mudo, estremeceram ouvindo um ruido estranho, um ruido morbido, que agitava a atmosphera em torno delles.

Voltaram-se e soltaram um duplo grito. O busto jazia informe sobre o sólo nú. O pedestal virára. A obra estava transformada num montão de barro.

O esculptor precipitou-se para ella, exclamando [illegible]tirado:

— Mas, como foi isso?! Como foi isso?!

E Gilberta disse, com angustia:

— Quem empurrou o pedestal? Si não ha ninguem aqui!...

— Mas é evidente! Não ha ninguem!... — repetiu Pelereu, como um éco.

Seus olhos assombrados pesquizaram todos os recantos do *atelier*. Sob outros pedestaes, atraz dos moveis do biombo, das outras esculpturas.

Nada! Elle nada encontrava! Nada via!

De repente, divisou o rosto da morta suspenso da parede, e sua mão sobre a consola... Aproximou-se dessa mão e sentiu que um calefrio lhe gelava a nuca. Dois dedos se haviam quebrado como sob um esforço recente.

— Ah! — exclamou com uma voz estranha, retrocedendo e com os olhos fóra das orbitas.

Gilberta procurou o que podiam estar olhando esses olhos desvairados, esses olhos de louco... E viu, tambem, o rosto da morta sobre a parede. Uma pallidez subita mumificou-lhe os traços, obscurecendo-os, fazendo-a parecer feia um segundo.

Baixou a cabeça e lançou um grito, um grito que não tinha nada de humano, que parecia mais o alarido de um animal aterrado, de um animal desesperado, que sentisse o Mysterio apertando-lhe a garganta...

E fugiu sob o olhar da Morte, sem proferir uma palavra.

Pelereu nunca mais a viu...

NOTAS DE ARTE

COMPANHIA LYRICA BRASILEIRA — Com 6 operas realizou a C. L. B. os espectaculos da ante-penultima semana: *Trovador*, *Traviata*, *Tosca*, *Rigoletto*, *Cavalleria Rusticana*, *Palhaços*. Foi o *Trovador* de todos o melhor. Carmen Gomes, Luiza Barbieri, Reis e Silva e Asdrubal Lima interpretaram-no com muito primor. C. Gomes brilhou sobretudo na melodia — *D'amor sull'ali rosee*; R. e Silva na celebre aria — *Di quella pira*, que foi bisada; ambos tiraram bellos effeitos no *Miserere*. L. Barbieri, meio-soprano de voz agradavel, dotada de bellos graves, foi uma Azucena digna dos applausos que recebeu. Bem tanto em *Stride la vampa* e *Ai nostri monti ritorneremo*, como no duetto *Mal reggendo al aspro assalto*. A. Lima, cantor que possue bôa voz, bôa escola, empolgou a assistencia com a famosa aria — *Il balen del suo sorriso*, que o publico bisou estrepitosamente.

A *Traviata*, sem ter o mesmo desempenho do *Trovador*, nem por isso deixou de agradar a heroina, encarnada por Mathilde Russo. Com mais volume de voz teria conseguido os mesmos triumphos da *Bohemia* e *Mme. Butterfly*. Mas ainda assim dominou a platéa, que não cessou de applaudil-a, ovacionando-a especialmente nos dois famosos trechos — *Fors' è lui* e *Addio del passato*. F. Santoro defendeu bem o papel de Alfredo. Cantou com agrado a romança — *Dei miei bollenti spiriti*. João Faini, bom interprete do Pae de Alfredo; deu realce á celebre romança — *Di Provenza il mare*.

A *Tosca* renovou os triumphos de Carmen Gomes e Reis e Silva. Foram enthusiasticamente bisadas: a famosa *preghiera* de Tosca — *Vissi d'arte*, e a não menos famosa canção de Cavaradossi — *E lucevan le stelle*. Assignalemos que *Vissi d'arte* foi interpretada com excepcional primor, tanto vocal como dramatico. Nota-se, aliás, em todas as operas, que a invulgar cantora patricia vive com raro fulgor todas as personagens: é ao mesmo tempo actriz e cantora. J. Faini cooperou bastante para o exito do espectaculo, corporificando Scarpia.

O *Rigoletto* — a octogenaria opera de Verdi, tanto mais bella quanto mais antiga, obra-prima da opera melodica, digam o que disserem os apologistas exaggerados da opera symphonica — revelou mais uma cantora — Sofia del Campo, artista mundialmente conhecida. Dahi a ansia com que era esperada a representação. Infelizmente alguma circumstancia occasional contribuiu para que a grande cantora, que tanto agradou nos concertos do Municipal e que nos maravilhou na *Berceuse* de Gretchaninoff e em *Il'éclat de rire*, de Auber, não nos tenha dado a impressão que esperavamos, ouvindo *Caro nome*. Entretanto, nem por isso deixou de agradar pela cultura da voz e mesmo pelo encanto que imprimiu aos duettos *Piangi fanciulla* e *Lassú in ciel*. G. Colombo continúa a nos agradar pela sua arte de representar, que tanto apreciámos em Amneris e em Muzette. Com melhor voz teria interpretado bem a figura de Magdalena e hombreado com os seus parciarios do celebre quartetto do 4.° acto — *Bella figlia dell'amore*. A. Lima viveu com talento dramatico e belleza vocal todo o grande papel de Rigoletto. Nem excepcional nem mediocre. Correcto, sobrio, interpretou a figura repulsiva e lastimavel do *Bobo*, de modo a merecer com justiça todos os applausos com que o ovacionaram. Destacamos especialmente a scena e aria — *Cortigiani, vil razza dannata* e o duo *Udi, non parlare al misero*. Reis e Silva, apesar de não nos ter dado toda a belleza vocal de que é dotado, cantou com geral agrado, e bisou a celebre canção — *La donna é mobile*. J. Athos concorreu para realçar o famoso quartetto.

A *Cavalleria Rusticana*, outro bello espectaculo de C. L. B. Não sabemos se é erro affirmar que, como cantora, foi onde menos deixou de agradar, onde mais agradou, Gilda Colombo, encarnando a figura de Lola. J. Faini bom Alfio. Os córos muito acceitaveis. Foi merecidamente applaudido o hymno da Paschoa — *Regina coeli*. Reis e Silva bom Turidu; realçou bastante a *Siciliana* e o *Brinde* e os duettos com Santuzza e Mamma Lucia. Carmen Gomes, grande Santuzza. Se não cantasse, teria sido applaudida, tal a força dramatica que imprimiu á personagem. Mas cantou e cantou patenteando os seus bellos dotes vocaes. Magnifica no duetto — *Tu qui, Santuzza* e *Ah! No Turiddu rimani*.

A op. *Palhaços* encontrou em Reis e Silva, J. Faini e Mathilde Russo tres bons interpretes. R. e Silva arrebatou o auditorio com os esplendores da sua voz extensa e volumosa, onde os agudos têm excepcional realce. *Vesti la giubba* e *No, Pagliaccio non son!* foram tão bem cantadas quanto bem applaudidas. Mathilde Russo, notavel Nedda. Cantou e representou com talento e arte. Encantadora na *Ballatella* — *Che volo d'augelli!* J. Faini muito acceitavel em Tonio. Com justiça bem applaudido no *Prologo*.

Os maestros Giannetti e Santos Guerra dirigiram com a costumada mestria as 4 primeiras operas. O m. Amorim conduziu regularmente as 2 ultimas. Naturalmente melhor o faria, se não fosse a commoção da estréa.

Não cessamos de repetir que a C. L. B., dentro da relatividade com que deve ser julgada, é uma companhia de valor, e representa um bello esforço em pról da creação do theatro nacional de opera. O publico já o comprehendeu, tanto assim que enche diariamente o T. João Caetano e applaude calorosamente os artistas.

Foi o que fez na ultima semana, correndo pressuroso a ouvir as duas operas, que constituiam os unicos

De Oscar D'Alva

espectaculos da C. L. B., depois de sua volta de Nictheroy, onde esteve alguns dias: *Barbeiro de Sevilha* e *Lucia di Lammermoor*.

A interpretação da primeira foi um dos mais equilibrados espectaculos da C. L. B. Quasi todos os interpretes pairaram no mesmo plano. A do segundo, ao contrario, foi talvez a menos equilibrada de todas. Revelou-se especialmente esse desequilibrio no celebre sextetto. Ambos apresentaram uma nova cantora: a sra. Tina Alebardi.

Eliminada certa estridencia e nasalação, ficará a voz dessa cantora, uma das sympathicas vozes de soprano ligeiro, que nos têm visitado. Cantou com agrado todo o *Barbeiro de Sevilha*, sahindo-se muito regularmente na celebre romança *Una voce poco fa*, e sobresahindo com especial fulgor na *Scena da loucura*. As celebres vocalizações desse celebre numero, em que a voz e a flauta se conjugam num admiravel effeito melodico, foram bem executadas e bem applaudidas. O publico pediu e obteve *bis*.

Nas duas representações destacamos ainda em Bartolo, Tino Bruno, que nos pareceu um dos melhores entre os interpretes da op. de Rossini, e Asdrubal Lima, que mais uma vez mostrou a sua arte de cantar corporificando a figura de Lord Asthon da op. de Donizetti.

F. Santoro defendeu bem os papeis de Almaviva e de Edgardo. A sua voz, dotada de agradavel timbre, parece-nos se recente de cultura correspondente aos naturaes predicados. De sorte que o joven tenor não pode tirar della todos os effeitos de que ella é capaz. Ainda assim apreciámol-o na bellissima romança — *Tu che a Dio spiegasti l'ali* — da qual, talvez com exagero, disse um velho critico da obra de Donizetti: "é nel bello el sublime".

Duas palavras de animadores applausos a João Faini, em *Figaro*, Athos, em *D. Basilio*, Gilda Colombo, em *Bertha*, Tino Bruno em *Raimundo*, que todos concorreram para o bom desempenho dos dois espectaculos, julgados dentro da relatividade com que sempre julgamos as interpretações da C. L. B.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — 8.º concerto de asignatura — 10.º da série iniciada em 18 de maio, foi o que realizou a O. P. R. J. no T. M. em a noite de 20 de julho, sob a regencia do maestro Burle Marx e com o concurso do solista Pery Machado. Foi executado o seguinte programma: Haydn — *Symphonia em sol maior*; Mozart — *Concerto em ré maior*; Tchaikowsky — *Symphonia Pathetica*.

Burle Marx mostrou-se especialmente notavel regendo a *Symphonia pathetica*. Enthusiasmou-se com as sonoridades do poema de Tchaikowsky e parece têl-o interpretado com todo o calor, com toda a vida que esse poema encerra. Pery Machado, nome feito de violinista de escol, fulgurou no *Concerto em ré*, sobretudo na *Andante cantabile*.

As tres peças foram desigualmente applaudidas, naturalmente pela diversidade dos generos, antes que pela variedade das interpretações. A que menos agradou foi a *Symphonia* de Haydn e a que mais emocionou a *S. pathetica*, de Tchaikowsky. As composições de Haydn e Mozart impressionam pela jovialidade, pela simplicidade, pela pureza dos effeitos sonoros. A de Tchaikowsky encanta e arrebata. E' de commovente lyrismo todo o 2.º tempo, onde a mesma phrase, diversamente colorida por cada grupo de instrumentos, dá uma deliciosa sensação de unidade luminosa no meio da variedade de raios coloridos. A marcha movimentada do 3.º tempo e o canto melancolico do ultimo, executados com muito brilho e com muito sentimento, arrancaram palmas e bravos do auditorio, enthusiasmado e commovido.

Foi mais um triumpho para a regencia de Burle Marx, o 10.º concerto da Philarmonica.

DORA BEVILACQUA — Foi um bello recital o que a senhorita Dóra Bevilacqua — medalha de ouro de 1926, premio de viagem de 1929 — realizou no T. M. em a noite de 23, com este programma: I) Mozart — *Thema e Variação*; Bach-Busoni — *Chaconne*; II) Chopin — 4.ª *Ballada*, *Nocturno*, 3 *Estudos*; III) H. Oswald — *Bébé s'endort*, *Pierrot se meurt*, *Chauve-Souris*; Ravel — *Alborada del Gracioso*; Debussy — *L'Isle Joyeuse*; Liszt — *Rhapsodia n. 2*.

O primeiro em que se apresentava ao publico do Rio depois da sua viagem á Europa, onde na capital das capitaes do mundo, em Paris, recebera as lições da notavel pianista e professora, Margueritte Long, era avidamente esperado por todos que conheciam o talento musical da recitalista, quando foi da sua estréa de 1924, talento que é, aliás, uma especie de patrimonio da familia Bevilacqua.

A realidade correspondeu á espectativa. Admirou-se-lhe a segurança do toque, a sensibilidade communicativa, a grande comprehensão dos autores. Desenvolvidas cada vez mais essas qualidades, farão da notavel estreante de hoje a pianista consummada de amanhã. Não nos foi possivel assistir á ultima parte do concerto, mas é de suppor tenha sido, como as duas primeiras, prova do valor technico e esthetico da joven virtuose. Applaudimos-lhe especialmente a interpretação da *Chaconne*, de Bach-Busoni, onde todos os predicados foram sobejamente patenteados, e os *Estudos* de Chopin.

E' de assignalar-se a numerosa concurrencia. O Municipal estava repleto. E o auditorio não cessou de applaudir com ruidosas palmas e muitas flores, applausos muito sinceros e muito justos.

O MASTIM

DE VICENTE DEL OLMO

— Guau, guau, guau!... — ronca, furiosamente, puxando as cadeias e como si quizesse saltar sobre alguem, todas as noites do anno ladrava um cão mastin.

— Maldito animal! — gritava-lhe o dono, com voz aspera, mais encolerizado que o cão.

Insistia o animal. Indignadamente, gritava seu dono:

— Deixa-me dormir, Tigre!... Cala-te, condemnado!... Não vês que ninguem se aproxima?... E ai daquelle que o fizesse! Mardar-lhe-ia uma bala que, placidamente, lhe arrebentaria os miólos.

Chronometricamente, de uma a uma e meia da madrugada, o mesmo latido, e, pouco mais ou menos, as mesmas palavras do proprietario do Tigre. De vez em quando, como que para mudar de repertorio e romper a monotonia de sua rouca voz, o animal lançava um:

— Au...u...u!... Auuu!... Auuu!...

Alarido muito longo, que feria o espaço com suas vibrações estridentes. Como fina folha de estilete, com seu frio glacial, penetrava o coração o lastimoso latido de Tigre. Seu dono, um velho fiscal aposentado, dizia-lhe:

— Deita-te, Tigre!... Anda, deita-te!... Assim! Ahi não sentirás frio!...

A morte, a desolação, o corvo da desgraça parece voar sobre nossas cabeças quando se escuta esse lamento longo, frio, cortante, que eriça o cabello, do cão que ladra. Todos os vizinhos da casa, a começar por mim, preferiamos o rouco latido de Tigre a seus tristes e incommodos ais. E todos os vizinhos da casa, começando pela porteira e terminando por mim, noite a noite, sem faltar uma, sentiamos a mesma scena; mas nunca, jamais puderamos ver o mastim. Pelo que imaginavamos, Tigre devia ser um animalzinho intelligente. Como guardião de seu dono, a uma hora certa, lançava seu alerta!... Mas, fazendo-lhe justiça, todo o resto da noite e durante o dia não se lhe ouvia o lamento canino. Até uma ou uma e meia da noite!...

Quando Casemiro, o velho fiscal aposentado, no gozo de sua jubilação, deixava as janellas abertas, eu passava horas inteiras tentando descobrir a silhueta do Tigre. Nada! E o mesmo acontecia a toda a vizinhança.

Sempre julguei que isso de roubos e assaltos não passava de contos chinezes, episodios de novella e pura fantasia. Na capital — fóra um ou outro atropelamento por automovel, alguns leiteiros que envenenam a população, dois ou tres açougueiros que não hesitam em vender gato por lebre, outros tantos peixeiros pouco escrupulosos, meia duzia de vendeiros e rarissimas padarias que enganam os freguezes no pão — não se conhecem os attentados contra a propriedade, nem se commette um vulgar e simples homicidio...

Nem mesmo dos chamados crimes passionaes não se verifica um. Mas acontece que o Rio é uma capital moderna; e para que fique á altura de Nova York, de Londres, de Paris, por puro patriotismo, com intuitos dignos dos melhores elogios, a policia e a imprensa inventam esses negros e sangrentos folhetins. Ha trinta annos que móro na cidade, e juro como ainda nem um tostão me roubaram. Por que e para que ladrava desesperadamente o Tigre, o cão do velho fiscal aposentado?... Postado em um corredor, uma, outra e outra noite, contemplava o pateo de minha casa e as janellas do senhor Casemiro. Nada perturbava a quietude da noite!... No emtanto, de uma a uma e meia, com mathemática pontualidade, rugia o Tigre:

— Guau, guau, guau!

Sou um homem que não gosto de quebra-cabeças nem de hieroglyphos. Quando encontro um, si não o decifro de um olhar, metto a cabeça por uma parede e não deixo tijolo inteiro. Falei com os musicos que residem no terceiro andar. Conferenciei com uns estudantes, companheiros de pensão e... dito e feito. Comprometti-me solennemente a averiguar a causa da irritação nocturna do Tigre. Os corredores da casa, uma dessas ultimas noites, achavam-se repletos de gente curiosa. Quando soava uma hora num relogio proximo, eu descia, por uma corda pendurada ao meu andar, e com o revolver na mão, até os aposentos do senhor Casemiro.

A janella, por imprevidencia ou excessiva confiança do ex-magistrado, estava aberta de par em par. Um, dois, tres minutos. Sôa um quarto: dezoito, vinte minutos mortaes... Nos corredores, para não fracassar a empresa, nem se respirava. De repente, o relogio deu uma e meia e:

— Guau, guau, guau!...

Como um foragido de film cinematographico, de um salto me puz dentro do compartimento. Aguardava a investida de Tigre e não ia desprevenido.

Mas, oh surpresa!... em vez do cão, vejo a meus pés o pobre velho soluçando:

— Perdão, senhor, perdão!

— Hein?!! — exclamei, confuso.

— Sim, piedade! Si exaggerei, foi porque... Mas estou arrependido, senhor. Perdão!...

— Não tinha limites meu espanto. Si eu não o presenciasse, não acreditaria. O terrivel mastim, o iracundo cão, o cão que nos perturbava o somno durante tanto tempo, não existia. Era o infeliz senhor Casemiro, que, temeroso das represálias de algum jornalista injustamente condemnado, tentava guardar-se e simulava a existencia do Tigre...

Os desesperados

De Bernard Gervaise

Paulo Gailletin deixára-se intoxicar lentamente por uma idéa fixa. "Amo-a e ella não me ama. Amal-a-ei sempre, e ella nunca me quererá bem" — era a phrase que repetia sem cessar.

E assim chegou á conclusão de que seria o suicidio a melhor solução para seu caso.

Conhecia no bosque proximo á cidade um logar onde uma arvore secular estendia, magestosamente, seus ramos.

Enforcar-se-ia naquella arvore.

Comprou um rôlo de corda e se dirigiu ao bosque.

De repente, Paulo notou que havia chegado ao local escolhido. A arvore fatal ali estava, entre outras arvores menores, e no meio do matto.

Paulo Gailletin afastou os ramos e se deteve assombrado. Ao pé da arvore secular havia alguem: uma joven.

Muito intrigado, Paulo perguntava a si mesmo o que teria ido fazer ali aquella joven, quando a viu puxar um diminuto revolver e apontar o respectivo cano para seu peito.

O rapaz deu um salto, e depois de uma breve luta, se viu senhor da arma.

— Deixe-me! Quero morrer! — gritou a joven, em tom exaltado.

A' exaltação succedeu um pranto copioso.

Paulo olhou-a mais detidamente, e sentiu-se invadido de uma grande piedade. Que idade poderia ter aquella infeliz creatura? Uns vinte annos, mais ou menos.

— Chore, filha — disse, com solicitude. — Isso a consolará.

A desconhecida seguiu seu conselho.

— Si o senhor soubesse, cavalheiro... — exclamou ella, quando estava tranquilla. — Si o senhor soubesse a desgraçada que sou!... Amava-o muito, e elle não gostava de mim! Sim, não gostava!

— E por isso, quiz a senhorita suicidar-se, não é assim? — disse Paulo, com uma sincera indignação. — E', positivamente, ridiculo!

Ella deixou de chorar.

Pouco a pouco, os dois mudaram de assumpto. Conversaram alegremente sobre themas diversos. Ao sahir do bosque, ella exclamou, empolgada:

— Lilás! Que formosura!

Paulo fez um grande ramo dessas flores.

— Precisávamos de um cordão para amarrál-o — disse a joven.

— Creio que tenho, aqui, uma corda — falou Paulo. — E' um pouco grossa. Mas, na falta de outra...

E, sem a menor emoção, tirou do bolso a corda com que pensava suicidar-se...

"MONTE-CARLO"

(Continuação)

rece que tem electrici-dade nos dedos!

Feita a masagem, a condessa quer saber dos antecedentes profissionaes do seu cabelleireiro:

— Tão perito em massagens, você deve ter muitas clientes, não é? Onde as recebe, em sua loja?

— Não; eu costumo ir, em pessôa, á casa de minhas freguezas...

— Pois já não irá lá. Quero que fique inteiramente ao meu serviço...

O conde Rodolpho está como quer. Helena, sem dinheiro para manter os seus empregados, vae despedindo-os, um a um. Primeiro, é o *chauffeur*. E Rodolpho assume essa posição; depois é o criado-mór que perde o logar e Rodolpho accumula mais este cargo, sempre na mais grata intimidade com a mulher de seus sonhos, que o julga um cabelleireiro de innumeras habilidades...

Mas a situação financeira da condessa é por demais precaria. O dono do hotel, com duas semanas atrazadas nos alugueis do rico appartamento que ella occupa, pede-lhe, por carta, que busque outra hospedagem; a modista, tambem, manda-lhe pedidos insistentes de saldo de conta; e assim o perfumista, o joalheiro, etc. Mettido no seu incognito, o conde sente desejos de abrir-se e dizer-lhe:

— Minha querida condessa... Eu não sou cabelleireiro, sou um conde muito rico e todo o meu coração e toda a minha fortuna pertence-vos... Paguemos todas estas contas e vamos gozar da nossa felicidade, debaixo de um pedacinho de céo azul, longe do resto do mundo...

Assim queria falar-lhe, mas não o faz. Entretanto, certa noite, aproxima-se de Helena:

— Condessa, eu não sou quem pensa...

E como a moça olhasse com espanto, Rodolpho continúa, corrigindo-se:

— Quero dizer, não sou pobre... Mas a minha fortuna não foi ganha na arte de pentear senhoras... veiu-me por herança... Sim, herdei de meu pae o dom de nunca perder no jogo... Se a senhora condessa me permittisse jogar em seu nome, não se arrependeria...

Helena, depois de alguma recusa, porém já vestida para ir ao Casino com o seu cabelleireiro, entrega-lhe uma nota de cem francos, accrescentando:

— Veja, deponho na sua mão todo o meu futuro...

Aconteceu, porém, que o duque Otto, o noivo recente de Helena, tendo sabido de sua estadia em Monte Carlo, viera todo cheio de compaixão rojar-se-lhe aos pés, pedindo-lhe para esquecer o passado e realizar o casamento. Helena sorri-lhe com piedade:

— Fugi tres vezes de ti, para o teu bem... Mas ha transes na vida em que as melhores intenções se convertem em nada, especialmente quando não se tem dinheiro e as contas se accumulam...

— Esplendido! E's formosa e eu sou ri... Casemo-nos e seremos o par mais feliz do mundo!

— Otto, se eu acceitasse ser tua noiva, seria só por teu dinheiro... e isso, de certo, seria injusto.

O duque Otto conforma-se, entretanto, com essa condição.

Helena, que estava certa de ir ao Casino com Rodolpho, vae outra vez tentar a roleta, porém, ao chegar ao famoso palacio de crystal, lá vêem o duque Otto jogando e resolvem ir dar um passeio pelo parque. Num recanto escuro do jardim, muito aconchegadinhos, por causa do vento frio vindo do mar, ficam os dois; ella, esquecida de que é uma condessa, e elle, Rodolpho, mantendo sempre o seu incognito, felicissimo por ter nos braços, ao alcance do seu beijo, a mulher de seus sonhos...

Tarde, quando o duque já havia sahido do jogo, Rodolpho dá um salto ao palacio de crystal e de lá volta com uma fortuna. Mas em notas do banco. Mas esse dinheiro, digamol-o de passagem, elle levara comsigo, desde que sahira de casa. Era um meio seguro de provar a Helena a sua felicidade no jogo e ao mesmo tempo ajudal-a a saldar as contas.

De volta, á porta do

quarto de Helena, trocam ainda alguns beijos e despedem-se, aliás muito contra as espectativas do galante cabelleireiro de madame.

São quasi oito horas da noite. Helena promettera ao duque, como renovação do seu noivado, ir á opera em sua companhia, mas a essa hora, ainda com os cabellos em desalinho, não descança de procurar o seu cabelleireiro. Rodolpho, zangado pela manhã com a indifferença com que, apesar dos beijos da noite anterior, o recebera Helena, resolvera abandonar o seu serviço e, desde então, atemorizada de o perder para sempre, telephona a condessa a todas as barbearias da cidade, até que, em uma dellas, é o proprio Rodolpho, que lá se achava a barbear-se, quem simuladamente lhe fala, fingindo ser o proprietario:

— Deseja que vá penteal-a para a Opera? Aqui temos *coiffeurs* de primeira. Diz que só Rodolpho lhe serve? Ah, já comprehendo... Pois, se elle a pode pentear, madame não irá á opera esta noite...

Encerrada esta conversação, escusado é dizer,

"MONTE-CARLO"

(*Conclusão*)

Rodolpho abala, contentissimo, para o hotel da condessa. Helena, que mandara o duque na frente, esperal-a no camarote do theatro, recebe-o com o melhor dos sorrisos:

— Não sabe que o estive procurando todo o dia?

— Vim, madame, porque este é o meu officio... Nunca esquecerei o que me disse hoje, mas o negocio é negocio...

Helena, agitada, nervosa, passeia pela sala, em desalinho.

— Senhora, como cabelleireiro, tenho interesse em que vá esta noite á opera. Arranjar-lhe-ei o cabello como nunca... A senhora condessa ficará formosissima, e quando apparecer no camarote, com o duque Otto, toda Monte Carlo admirará sua belleza. As mulheres ter-lhe-ão inveja e hão de perguntar umas ás outras quem é o cabelleireiro que tanto a embellezou...

Helena, que parara um instante para escutar este discurso de Rodolpho, pergunta-lhe, irritada:

— Quer servir-se de mim para propaganda? Para attrahir as mulheres? As louras? As morenas? As ruivas? não lhe darei esse gosto! Irei á opera assim — e zás! — puxa os cabellos, chora, sapateia e, com a cabelleira a cahir-lhe sobre o rosto deformado pelas lagrimas, vae ter com o duque Otto...

* * *

A opera que se representa é, apropriadamente, *Monsieur Beaucaire*, aquella famosa historia de um cabelleireiro que se enamora de uma princeza, provando-se depois que o galante gentilhomem não é o official de barbeiro que se diz, mas, sim, um principe francez, que se servira desse subterfugio para ter accesso junto á sua amada, e Helena, ao apreciar essa opera, começa a duvidar da identidade do *seu* Rodolpho... Ella, tambem, uma condessa do melhor sangue azul, se enamorara do seu cabelleireiro...

Dar-se-ia, por acaso, o facto de ser Rodolpho um nobre dissimulado em *coiffeur*? Lembra-se, então, das flores que lhe mandara aquelle conde Farriere no dia da chegada a Monte Carlo, e começa a achar algum fundamento na sua supposição.

Rodolpho, mui propositalmente, acha-se num camarote vizinho, de onde aprecia a opera e dá olhadellas intelligentes para o lado de Helena... Esta, notando que o duque Otto dorme a somno solto, escapole-se e vae para o camarote de Rodolpho...

A opera está na ultima scena, onde se descobre a identidade do principe incognito. Helena não se contem:

— Diga-me, sob sua palavra de honra: E' mesmo cabelleireiro?

— Não, madame... Sou o conde Rodolpho Farriere.

— Oh! Rodolpho... poderias algum dia perdoar-me?

E o final feliz de *Monsieur Beaucaire* condiz, em tempo e modo, com esse outro felicissimo *grande finale*, sellado por um beijo, entre Helena e Rodolpho.

A CARA AMARELLA

(Continuação do numero anterior)

— Bem! e creio que tem razão. A verdade, qualquer que ella seja, é sempre preferivel á duvida. Vamos lá então. Sob o ponto de vista legal, é claro que nos pomos absolutamente fóra da razão, mas sou de opinião que vale a pena.

Estava a noite muito escura, e começára a chover quando sahimos da estrada para cortar por um atalho com profundos sulcos de rodas e orlada de sebes. Grant Munro passára-nos adeante numa impaciencia febril, e nós seguiamos atraz delle, como podiamos.

— As luzes que vemos além, disse elle, apontando-nos para uma que se distinguia entre as arvores, são as de minha casa, e aqui está o "cottage" em que vou entrar. Ao dizer isto, já no fim do atalho, achamo-nos proximo do edificio. Um jacto de luz que se reflectia no chão junto da porta mostrava que esta se achava aberta. Uma janella do primeiro andar estava brilhantemente illuminada. Através do "store" vimos passar um vulto.

— Lá está a tal creatura, gritou Grant Munro. Bem vêem que ha gente lá dentro... Agora sigam-me e breve saberemos tudo. Aproximamo-nos duma porta e subitamente sahiu della uma mulher que parou banhada pela claridade projectada de dentro. Não lhe pude ver o rosto, que ficava na sombra; mas percebi que juntava as mãos numa attitude de supplica.

— Pelo amor de Deus, Thiago, não farás tal! Tive um presentimento de que virias esta noite. Pensa melhor, querido. Confia ainda esta vez em mim, e nunca te arrependerás.

— Demais tenho eu acreditado em ti, Effie, gritou elle asperamente; deixa me passar! Estes meus amigos e eu vimos aqui para pôr termo, de vez, a este assumpto.

Afastou-a para um lado e nós seguimos atraz delle. Quando Grant Munro empurrou a porta para entrar, surdiu de dentro uma mulher de edade a querer embargar-lhe a passagem; mas elle empurrou-a para traz, e uns minutos depois tinhamos subido a escada. Grant Munro dirigiu-se logo ao compartimento em que vira luz, e que ficava mesmo em frente, e nós entramos atraz delle.

Era um quarto confortavel e muito bem mobiliado, com duas velas accesas sobre a mesa e duas outras sobre a pedra do fogão. A um canto, inclinado sobre uma secretária, estava sentado alguem que me pareceu uma pequenita. Achava-se de costas para nós quando entramos, mas via-se que tinha um vestido encarnado e luvas brancas que lhe tapavam mãos e braços. Quando se virou de repente para nós, dei um grito de horror. O rosto que se nos deparou era da mais estranha lividez e as feições absolutamente destituidas de expressão. Um instante depois estava explicado o mysterio. Holmes, sem conter o riso, passou a mão por traz das orelhas da creança e nisto cahiu de sobre o rosto della uma mascara, e appareceu uma pretinha retinta, com uns dentinhos brancos a luzir e numa expansão de regosijo e divertimento perante as nossas caras espantadas. Eu tambem ri ao contagio da sua alegria; mas Grant Munro ficou de olhos espantados e com a mão na garganta.

— Meu Deus! exclamou, que póde isto significar?...

— Eu te explico o que significa, disse a senhora, entrando de subito na sala, com uma expressão firme e altiva. Forçaste-me contra a minha propria decisão a dizer-te tudo, e agora ambos faremos o que possivel fôr. O meu primeiro marido morreu em Atlanta; sobreviveu-lhe a minha filha.

— A tua filha!

Ella tirou então do seio uma medalha e disse:

— Nunca viste isto aberto.

— Não suppuz que fosse de abrir.

Ella carregou numa mola e a medalha abriu-se. Dentro havia o retrato de um homem com uma notavel e bella physionomia intelligente, mas tendo nas feições os signaes inconfundiveis da descendencia africana.

— E' o retrato de João Hebron, de Atlanta, disse ella. Nunca houve na terra mais nobre creatura. Deixei por elle os meus e a minha raça; mas, em-

Sherlock Holmes — Por Conan Doyle

quanto elle viveu, nunca disso me arrependi um só instante. Foi infelicidade nossa acontecer que o unico filho que tivemos puxasse mais ao sangue delle do que ao meu. Acontece isso muitas vezes nestas uniões, e a minha Luciasinha é muito mais escura do que era o pae. Mas, escura ou não, é a minha pequenina, o encanto da sua mãe.

E a creaturinha, animada por estas palavras, correu para ella e aconchegou-se-lhe ao vestido.

— Quando a deixei na America, continuou a mãe, foi unicamente para attender á sua saude que era debil, receiando que esta mudança a pudesse prejudicar; mas, ficou confiada a uma escosseza que nos servira com dedicação. Nunca, nem por um instante, pensei em renegar a minha filha. Mas, quando o destino te poz ao meu caminho e me prendi a ti, receiei falar-te na pobre creança: Deus me perdôe; mas tive medo de te perder e faltou-me coragem para entrar nesse delicado assumpto. Tinha de escolher entre ti e ella; e a minha fraqueza separou-me de minha filha. Durante tres annos mantive para comtigo o segredo da existencia, mas tinha noticias pela mulher a cujo cargo ella estava confiada e sabia que a pequenita seguia bem. Mas por fim apoderou-se de mim um desejo irresistivel de a ver de novo.

Em vão luctei contra esse desejo, e, apesar de saber o perigo que corria, resolvi tel-a de novo perto de mim, ainda que não fosse senão por poucas semanas. Mandei cem libras á tal mulher e dei-lhe instrucções sobre o "cottage", de fórma que pudesse vir habital-o como qualquer outro vizinho, sem mostrar que tinha commigo qualquer ligação. Levei as minhas precauções até ao ponto de lhe ordenar que a pequenita não sahisse durante o dia e que lhe cobrisse a carinha e as mãos para que, mesmo que a vissem á janella, não fizessem commentarios sobre haver na vizinhança uma creança preta. Teria andado com mais acerto se tivesse tomado menos cautelas; mas estava meio demente com o receio de que tu chegasses ao conhecimento da verdade. Foste tu que primeiro me disseste que o "cottage" estava habitado. Devia ter esperado pela manhã seguinte; mas, fiquei numa tal excitação, que nem podia dormir, até que, por fim, sabendo quanto tens o somno pesado, sahi furtivamente. Mas tu viste-me sahir e ahi principiaram as minhas provações. No dia immediato tiveste á tua mercê o meu segredo; abstiveste-te porém, nobremente, de aproveitar essa vantagem. Comtudo, tres dias depois, tanto a pequenita como a creada tiveram apenas o tempo de se esgueirar pela parte trazeira, emquanto tu irrompias pela principal; e, finalmente, sabes tudo, e agora pergunto-te o que vae ser feito de mim e da minha filha? Dizendo isto, uniu as mãos esperando a resposta. Passaram dois longos minutos em que Grant Munro não quebrou o silencio; mas dá-me prazer recordar a resposta que elle deu finalmente. Pegou na creança, beijou-a, e ainda com ella nos braços estendeu uma das mãos á mulher, e dirigiu-se com ella para a porta, dizendo:

— Em casa falaremos melhor sobre o assumpto. Não sou um santo, Effie; mas, parece-me que sou um pouco melhor do que tu me suppões. Holmes e eu seguimol-o pelo atalho; mas, a meia altura, o meu amigo puxou-me pela manga e disse-me:

— Parece-me que a nossa presença é mais util em Londres do que em Norbury.

Não me disse mais palavra sobre o assumpto até ao momento em que, nessa noite, se encaminhava de vela accesa para o seu quarto de cama.

— Watson, disse elle então: se notar alguma vez que deposito excessiva confiança na minha idéa ou que trato um assumpto com menos solicitude do que elle merece, peço-lhe que me diga ao ouvido: "Norbury"! e ficar-lhe-ei por isso infinitamente grato.

No proximo numero, do mesmo autor:

O dedo pollegar do engenheiro

A ultima part

DE NELSON N

O capitalista Deodato de Oliveira não era máo homem. O que o evidenciava, fazendo-o notavel, era o seu desmedido orgulho. Quando passava no seu luxuoso automovel pelas ruas de Recife, elle se assemelhava a um romano de outras éras sobre sua biga triumphal... Possuia uma filha a quem idolatrava. Enviuvára cêdo e jamais procurára uma substituta para o seu lar. Seu carinho e seu amor eram devotados á filha, unicamente. Habitavam, pae e filha, um magnifico palacete de luxo asiatico. A moça, desde creança namoricava o joven Astrogildo Vieira, modesto auxiliar de uma casa commercial. Falavam-se diariamente, no portão da residencia da moça, mas tudo ás occultas do sr. Deodato. Adultos, e amando-se cada vez mais, o joven resolveu solicitar do orgulhoso ricaço a mão de sua amada, muito embora levasse a convicção de que seu pedido seria indeferido indubitavelmente. A pequena, morena e bella rapariga, que se chamava Clélia, de ha muito, se enamorára de um joven official do Exercito que comparecêra a um baile offerecido pelo orgulhoso sr. Deodato. Entretanto, de nada sabia o Astrogildo. Verdade seja dita que, desde longo tempo, a Clélia tivéra desejos de mandar passear o seu namorado de infancia, mas nunca tivéra essa coragem. Preferia illudil-o com seu falso amor até que seu pae—disso tinha ella plena certeza, — ao receber o pedido, por parte do pretendente á sua mão, que era pobre, se encarregasse de o mandar "ás favas". Assim ella concordou em que o Astrogildo deveria solicitar sua mão ao seu progenitor.

Mettido em sua roupa domingueira, empertigado, com ar solenne, Astrogildo ingressou no palacete do pae de sua eleita. Recebido pelo multi-millionario, elle lhe expoz o fim de sua visita, acabando por lhe solicitar a mão da filha. O orgulhoso capitalista, após ouvir as derradeiras palavras do rapaz, fez explodir uma estrepitosa gargalhada, ao mesmo tempo que o ridicularizava. Depois, chamou a filha.

— Queres casar com este homem, Clelia?

— Não, papae, e acho muita ousadia de sua parte em me solicitar a mão.

— Mas não concordaste commigo, Clelia?

— Eu? Nunca! Demais, não o amo.

Indignado, o Astrogildo calou-se e, cabisbaixo, retirou-se da casa da mulher trahidora.

Na rua, ouvia com estremecimento as palavras do capitalista e da mulher que amára — que amara, sim, porque todo o seu amor se convertera, já, em odio.

— Hei de me vingar — pensava, intimamente — e mostrar áquelles canalhas quem sou. Porque não obsta a riqueza material quando se tem alma miseravel!

Clelia contrahiu nupcias mais tarde com o joven official do Exercito, que, ajudado pelo sogro, deixou a farda e se entregou ao commercio. No dia do enlace, muito humilde, o Astrogildo contemplava o joven par, através das grades do portão da residencia do capitalista. Votava-lhes um odio de morte e renovava a cada momento sua jura de vingança.

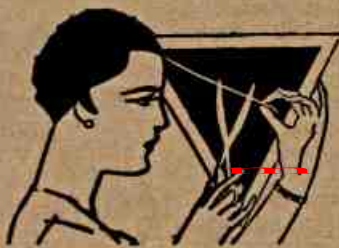
— Vingar-me-ei! Mostrarei a esses patifes quem sou! Deus me ha de ajudar em minha vingança. Elle não é vingativo, dizem, mas me ha de ajudar. Tambem elle não instituiu a differença entre a humanidade. Todos somos iguaes. E o que, justamente, mais condemnou o Omnipotente, que foi o orgulho, é o cultuado por esse capitalista e por sua filha. Hão de me pagar bem caro. Castigar os que erram é da doutrina de Christo. Portanto, hei de os castigar!

Deixou o palacete no qual se realizavam danças ao som de magnifica orchestra. Recolheu-se á casa e custou a adormecer pensando na mulher que o illudira atrozmente, rogando pragas ao seu orgulhoso pae e desejando as maiores infelicidades ao official do Exercito, que, unicamente pelo interesse, se casára com a filha do sr. Deodato de Oliveira.

— A mim — commentava Astrogildo, estrebuchando no leito, — a mim que a amava desde creança, ella trahiu, quanto mais a esse soldadinho de chumbo!...

E ria de contentamento, como si já estivesse vingado do seu rival.

* * *

Fallecêra uma parenta de Astrogildo, rica, e lhe legára toda a sua fortuna. O rapaz recebeu a communicação alegremente. Não o seduziu, em absoluto, o valor da herança. Seduzia-o a esperança de, rico, poder vingar-se de Clelia e de seu pae. Além da importancia em dinheiro, ainda deixára a parenta do rapaz terras em Soccorro, logarejo pequeno mas de fertil solo, proximo do Recife. Para lá se dirigira o herdeiro, sem demora, logo após a posse legal de todos os bens. Encontrou tudo desordem. A casa de morada estragada, o terreno não cultivado. Alliciou trabalhadores com bons salarios e adquiriu materiaes de lavoura, e se poz a explorar o solo uberrimo, mas inculto. Em breve, a propriedade "Santa Barbara" era falada pela cidade como a synthese da lavoura pernambucana progressista. De timido e cortez que fôra antes, pela sua vida campestre, lutando com homens de varias temperas e caracteres, seus trabalhadores, Astrogildo se transformou em autoritario, de coração rigido.

e da vingança

GUEIRA PINTO

Deixára crescer a barba em suissas e mais ainda um farto bigode lhe dava a apparencia authentica de um legitimo sertanejo pernambucano.

Da sua ex-amada tinha noticias pelos fartos noticiarios que os jornaes publicavam em suas secções mundanas, dando-a como conviva, em companhia do esposo e do pae, dos principaes bailes que se realizavam na cidade, nas altas rodas sociaes. Ao ler os nomes dos seus detestaveis inimigos, Astrogildo rasgava com frenesi os jornaes e punha a pensar em semelhante sorte. Rangia colericamente os dentes e levantava-se de subito da cadeira, passeando com as mãos cruzadas ás costas ao longo do aposento em que estava, olhos fitos no solo, pensamento alado ao passado. Tornava-se livido e fechava ameaçadoramente os punhos, ao mesmo tempo que imitava um estrangulamento demorado, gozando as delicias de uma vingança tardia. Depois cahia em extase e dos seus olhos faiscantes rolavam lagrimas incomprehensiveis. Afastava-se do local para dar ordens no terreiro aos trabalhadores que, occupados em seus misteres, iam e vinham, em actividades febris. Percorria os estabulos, examinava o gado, e acariciava os animaes pequenos que se lhe vinham pôr aos pés.

Tangia de sua imaginação, embora por instantes, o sr. Deodato de Oliveira, sua filha Clelia e seu esposo, Alberico Pitaneo, ex-official do Exercito, que o martyrizavam ha annos, fazendo-o guardar para cada um sua parcella de vingança.

* * *

A noticia de que se installára ha pouco na cidade, em magnifica vivenda, de luxo nababesco, millionario industrial, correu celere de bocca em bocca. Moças casadoiras e solteironas esperançosas ansiavam por conhecer o recem-chegado, "Senhor de Santa Barbara", como logo o cognominaram. Os chronistas mundanos dos jornaes se puzeram em actividade, para expor ao publico o que porventura apurassem sobre o personagem estranho, que, segundo diziam, era um typo excentrico, gastador á farta, e inimigo decidido do matrimonio. Taes noticias augmentaram ainda mais a curiosidade publica, sempre ávida de sensação, creando em torno do "Senhor de Santa Barbara" até lendas inverosimeis. As moças casadoiras e as solteironas esperançosas, ao invés de se dar por vencidas, pelo contrario, recrudesceram suas idéas de assalto ao coração empedernido do "Senhor de Santa Barbara", convictas como estavam de que elle seria domado um dia por uma dessas filhas de Eva que fizeram com que peccasse o pae Adão, levaram de vencida Samsão, etc, etc....

O cuidado do senhor de Santa Barbara ao chegar á cidade foi se informar do que ia pelo commercio, e em particular dos negocios do capitalista Deodato de Oliveira.

Sciente do que julgava necessario, procurou um velho amigo do tempo do collegio ainda, que estava em boas condições financeiras, e, por seu intermedio, travou relações com a alta sociedade. Seu palacete, de luxo oriental, que se destacava dos demais pelo seu esplendor, tapeçarias e outros detalhes, foi logo citado entre os que, viajados, já haviam contemplado no estrangeiro as vivendas dos millionarios celebres. O "Senhor de Santa Barbara" gastava á vontade, proporcionando á sociedade de que já era membro sublimes momentos de prazeres, sempre variados. Os bailes se succediam e os gastos do multi-millionario chegaram ao auge de contractar bailarinas famosas e bellas para rodopiarem loucamente, ao som de orchestras bem organizadas e entre espocar profuso de *champagne* sobre o solo de marmore do palco especial construido em sua vivenda, que mais parecia um paraiso. Então, os finos elementos da sociedade se congregavam. Collos deliciosos, alabastrinos, morenos, pallidos, roseos, adornados com *pendentifs* carissimos; casacas irreprehensiveis, *toilettes* riquissimas, ao par da *feerie* dos salões se cruzavam, dando á casa do "Senhor de Santa Barbara" um aspecto dos festins da realeza romana de outr'ora, perfeitamente modernizada. De uma feita, o mordomo, sisudo e consciente do seu papel, annunciou:

— Industrial Alberico Pitanga... Madame Pitanga..., Coronel Deodato de Oliveira...

O "Senhor de Santa Barbara", que se achava num dos angulos do salão em conversa, ao ouvir o annuncio, estremeceu. Nos seus olhos brilharam relampagos de odio. Foi-lhes ao encontro.

— Clelia! — murmurou, interiormente. — Está um pouco mudada... sim... e aposto em como não me ha de reconhecer.

Feita a apresentação da praxe, o "Senhor de Santa Barbara" não fôra reconhecido. Reconhecera, sim, seus inimigos, e era o que bastava.

Depois, de soslaio, se poz a observar seus inimigos. Clelia mudára um pouco e o senhor Deodato estava mais velho. O ex-official do Exercito, si bem somente o visse uma vez, não mudára quasi nada. Estava joven ainda. Agora elle, sim, obeso, de suissas, bigode farto, e as rugas que, pelas contrariedades e não pela idade, lhe sulcavam a fronte, era irreconhecivel, não havia duvida. O tempo que durou o baile o "Senhor de Santa Barbara" permaneceu taci-

(*Continúa na pag. seguinte*)

A ULTIMA PARTE DA VINGANÇA

(Continuação)

turno, somente contemplando disfarçadamente a ex-amada. O odio, no seu coração, recrudescia.

Mas, apesar de tudo, elle não podia deixar de contemplar embevecido aquelle conjuncto de bellezas que lhe fôra arrebatado ha dez annos passados pelo seu actual possuidor.

Contrahia o semblante, mordendo nervosamente os labios, cedendo a contemplação logar ao odio impetuoso que lhe sangrava o coração. De uma feita, os olhos do "Senhor de Santa Barbara" se encontraram subitamente com os de Clelia. Elle sentiu estremecerem seus membros, porém, reatando o controle de si mesmo, apparentou a mais glacial indifferença. O "Senhor de Santa Barbara", embora quizesse, a cada momento, vendo Clelia, o esposo e o pae, relembrar o passado com todos os seus detalhes e antegozar as delicias de sua vingança — e isso era, realmente, o que mais o alegrava no mundo — não o podia. Seus convivas, que não sabiam o que ia pelo su-consciente do nababo, o interrompiam a miudo. A todos, porém, apesar de tudo, o "Senhor de Santa Barbara" attendia solicitamente, esforçando-se por se manter sereno e — contrastando com o soffrimento do seu espirito — alegre. Quando, alta noite, o "Senhor de Santa Barbara" se viu só, antes de deitar, esteve em uma por uma nas poltronas em que estivéra Clelia, alisando-as e crispando os punhos...

* * *

Todas as noites o "Senhor de Santa Barbara", após se retirarem as pessoas de suas relações, recebia individuos embuçados em capotes. Reunidos, conferenciavam secretamente.

Numa dessas habituaes conferencias, dizia elle a um dos taes que, pelo todo, demonstrava ser arguto, possuidor de vivaz intelligencia:

— Urge, Samuel, que esse veleiro que ha de aqui chegar com um carregamento de madeiras do Paraná para o senhor Deodato naufrague. Não será sua ruina, mas um principio.

— Não tenha cuidados, chefe; já lá a bordo temos um homem preparado para lhe deitar fogo á passagem do navio pelo cabo de Santo Agostinho. Escolhi esse porto por ser proximo do Recife e poderem, desse modo, ir logo os soccorros que, naturalmente, enviarão aos tripulantes. Um incendio a bordo dará melhor resultado do que um naufragio e ainda mais poupraremos vidas de innocentes, não acha v. ex?

— Pois não... pois não...

— E posso affirmar — continuou Samuel — que das madeiras não escapará uma taboinha.

Falava com convicção. O "Senhor de Santa Barbara", após ouvil-o attentamente, esboçou um sorriso de satisfação.

— E tu, Leopoldo, que me dizes dos teus encargos? — perguntou a um typo velhote e calvo.

— Affianço-lhe, chefe, que a especulação com o assucar poderá ser um facto consummado.

Adquirindo v. ex. todo o stock, exclusive o do capitalista Deodato de Oliveira, provocará a baixa repentina do producto e prejudicará as vendas do sr. Oliveira, subindo a grande monta o seu prejuizo, certo como estou de que elle não poderá competir com v. excia.

— Bravos, rapazes!

Faltava falar um terceiro...

— O senhor Pitanga — principiou — deita-se diariamente ás duas da madrugada. No dia em que v. ex. determinar, elle deixará de existir. Todos os planos estão traçados por mim.

— Muito bem, muito bem! — exclamou o "Senhor de Santa Barbara", esfregando as mãos, alegremente. E para o que falou por ultimo:

— Tu, Francisco, aguarda ordens.

* * *

Dias depois, os jornaes noticiavam que, em viagem do Paraná para Pernambuco, á altura do cabo de Santo Agostinho, um grande veleiro se incendiára. As autoridades maritimas, scientificadas da occorrencia, pois o veleiro em questão se communicára por signaes sesmaphoricos com o telegrapho optico de Recife, fizeram seguir a toda pressa, para o local do sinistro, rebocadores, a ver se salvariam ao menos os tripulantes. Salvaram-se, com effeito, os homens que compunham a equipagem do navio sinistrado, mas o carregamento de madeiras que trazia a embarcação incendiada — accrescentavam os jornaes — não lográra escapar á acção do fogo, perdendo-se totalmente. O fogo — frisavam as folhas — irrompeu mysteriosamente, achando o commandante do veleiro que fôra puramente obra do acaso, talvez alguma fagulha desprendida do cachimbo de um dos tripulantes.

Esse accidente, que abalou profundamente, na praça, os negocios do capitalista Deodato de Oliveira, pois, como já viram os

A ULTIMA PARTE DA VINGANÇA

(*Continuação*)

leitoçes, as madeiras lhe pertenciam, abalou não menos o moral do orgulhoso senhor e seu recheado cofre pelo prejuizo soffrido. E mais ainda, o descredito a que iam votando sua firma commercial o tornou sorumbatico, afastando-o assim como ao seu genro e socio e a sua filha, do bucolismo da sociedade e da casa do "Senhor de Santa Barbara", ponto de convergencia da alta sociedade insaciavel de prazeres, que redobrava de offerecimentos de distracções sempre inéditas aos seus innumeros amigos. Ao mesmo tempo que se desenrolavam os acontecimentos narrados, os jornaes, em suas secções economica e financeira, informavam ao publico que certo commerciante, por intermedio de seus representantes, adquirira, na praça, por bom preço, todo o stock de assucar negociavel, exclusive o *stock* vultoso do industrial Deodato de Oliveira, forçando posteriormente a descida do preço do producto e occasionando, desse modo, vultosissimo prejuizo ao capitalista Oliveira, que se via obrigado a reter nos armazens sua quota assucareira e sem alcançar uma sahida salvadora, dando o dilemma a que se via forçado de, ou vender a baixo preço, competindo com o que adquirira a maior parte do *stock*, ou ver entregue á acção destruidora do tempo todo o seu producto armazenado. De qualquer modo—dizia ainda a imprensa — seria de grande monta o prejuizo do senhor Deodato, certo como estavam todos, na Associação Commercial, de que o capitalista que fizéra o quasi *trust* do producto poderia baixar mais ainda seu preço. O senhor Deodato de Oliveira, combalido por tanta desgraça seguidamente, não arredava mais o pé de casa e alheiou-se completamente dos seus negocios, ficando tudo entregue ao seu genro, que, sem grande experiencia da vida commercial, era, mais tarde, ainda assassinado mysteriosamente em seu quarto de dormir e cautelosamente, tanto assim que, comparecendo a policia, não divisára, apesar dos esforços empregados, uma unica impressão digital ou detalhe que pudesse indicar uma pista, ficando o crime envolvido nas malhas intransponiveis de um profundo mysterio. O signo máo que pairava sobre o senhor Deodato de Oliveira era o assumpto obrigatorio de todas as palestras. Uns, lamentavam do fundo d'alma as desditas do orgulhoso millionario; outros, desejavam maiores desgraças: estes, supersticiosos, observavam o cynismo como um castigo, dada a soberba do senhor Deodato de Oliveira; aquelles, scepticos, achavam que tudo não passava de dissabores tão communs na vida da humanidade. O "Senhor de Santa Barbara" mostrava-se hypocritamente desolado. Comparecêra ao enterramento do genro do capitalista e representára admiravelmente seu papel de cynico e vilão, quando, antes de sahir o feretro, debruçado sobre o ataúde, alisara o rosto hirto de Alberico Pitanga, com a mesma frieza com que o mandara exterminar, porem sob um manto de dissimulação. Comparecia diariamente á casa do senhor Oliveira e mais de uma vez lhe offerecêra seus prestimos, que foram recusados pelo altivo millionario. Clelia mostrava-se desolada com as infelicidades que a envolviam, o que alegrava immensamente ao "Senhor de Santa Barbara". No commercio murmuravam acerca dos negocios do senhor Deodato e já previam sua inevitavel fallencia. O "Senhor de Santa Barbara", informado de tudo, minuciosamente, se considerava o homem mais feliz do mundo e, emquanto consolava o capitalista Deodato e sua filha e lhes offerecia seus prestimos, franqueava seu palacete ás pessôas de suas relações para noitadas bacchanicas. Homem terrivel, o "Senhor de Santa Barbara"!

* * *

Quando os jornaes noticiaram a fallencia do ex-multi-millionario Deodato de Oliveira, o "Senhor de Santa Barbara" soltou uma estrondosa gargalhada. Depois se levantou da poltrona em que estivéra sentado e se dirigiu á janella. Era uma manhã maravilhosa, cheia de sol. Branda aragem agitava docemente as folhagens dos arvoredos, e passaros despreoccupados chilreavam alegremente. Empertigando-se, elle encarou o firmamento e, erguendo as mãos, exclamou:

— Deus meu, graças a vós!

Depois, crispando os punhos e rangendo os dentes, accrescentou:

— Estou quasi vingado!

E riu sarcasticamente, emquanto esfregava as mãos, e murmurava:

— Falta unicamente a humilhação della!

Logo no dia seguinte corria pela cidade a noticia de que, em se vendo perdido, na mais absoluta miseria, o industrial Deodato de Oliveira arrebentára os miólos com uma bala, num assomo de loucura. O "Senhor de Santa Barbara", que a principio não acreditára no que diziam, logo que se

(*Conclúe na pag. seguinte*)

A ULTIMA PARTE DA VINGANÇA (conclusão)

certificou do facto, se dirigiu á residencia do suicida. Viu-o, estirado, já, no ataúde — o meio de conducção á sua ultima morada. Fingindo-se penalizado, encaminhou-se a Clelia e lhe externou seu profundo pesar, ao mesmo tempo que se lhe punha ás ordens, ao que a pobre mulher agradeceu sem poder esconder uma pontinha de altivez.

— Resta ainda a filha! — pensava o "Senhor de Santa Barbara", quando, mais tarde, se encontrava em sua casa. — Resta ella, sim! E ella se ha de humilhar a mim. Está na miseria e é do meu programma de vingança humilhál-a. Aquella altivez com que ella me falou no dia em que morreu o pae e em que eu me puz ás suas ordens ha de cessar, sim, ha de cessar! Quem o quer é o terrivel "Senhor de Santa Barbara" — o ridicularizado, desprezado e trahido Astrogildo Vieira de hontem!

* * *

Com effeito, Clelia se via na mais negra miseria. Os restos dos bens de seu pae foram poucos para saldar suas derradeiras dividas. Sem parentes, ella pensava nas pessôas de suas relações mais intimas que a pudessem valer. Subitamente, lembrou-se do "Senhor de Santa Barbara".

— Elle, — pensava — que sempre se mostrou tão nosso amigo; que sempre offerecia seus prestimos ao meu querido pae; que, ainda no dia em que se enterrou meu progenitor, se poz ás minhas ordens, reiterando seus offerecimentos de serviços, não poderá deixar de me soccorrer num transe deste. Devo deixar de lado meu orgulho e me valer de sua protecção, pois que este é o unico caminho que tenho a seguir. E é somente com elle que eu posso contar. Vou procural-o ou, então morrerei de fome.

Quando o creado annunciou ao "Senhor de Santa Barbara" a presença de Clelia em sua casa, elle teve um sobresalto. Seu coração empedernido encheu-se de jubilo. Fel-a entrar.

— Senhor — disse Clelia, ao defrontal-o — como sabe, estou na mais completa miseria. Como o senhor sempre nos offereceu seus prestimos, que até ha pouco foram recusados, e contando unicamente com o senhor, que sempre se mostrou nosso amigo, venho neste momento valer-me do senhor, solicitar sua protecção.

O "Senhor de Santa Barbara" ouviu-o com o senho fechado e coração aos pulos. A Clelia de hontem, orgulhosa, que o trahira, o desprezara, supplice, aos seus pés, pedindo-lhe uma esmola! Sem que a moça visse, elle não poude reprimir um sorriso, que lhe aflorou aos labios. Após, respondeu:

— Senhora Clelia, não me posso negar ao que me pede. Esteja descansada, pois que, emquanto existir o "Senhor de Santa Barbara", não há de passar a menor necessidade. Pode ir para os meus dominios, em Soccorro, e lá tomará, a titulo de minha secretaria, conta dos meus negocios.

Clelia olhou-o, significativamente, exprimindo sua satisfação.

— E demais — accrescentou o "Senhor de Santa Barbara", terrivelmente ironico — a outra, que não fosse v. ex., eu auxiliaria, quanto mais á filha de um homem que sempre fôra meu amigo desde ha dez annos passados.

Clelia fitou-o interrogativamente.

— Desde ha dez annos passados? — inquiriu.

— Sim — proseguiu, serenamente, o "Senhor de Santa Barbara"; — seu pae, o capitalista Deodato de Oliveira, v. ex., a menina Clelia e eu — eu, o pobre trahido e desprezado Astrogildo Vieira!

— Astrogildo! — exclamou Clelia.

Olhou-o fixamente. Não, não era possivel.

O "Senhor de Santa Barbara", Astrogildo Vieira, não!

— Amava-a muito, Clelia. Amava-a desde criança. Consentiu em que eu a pedisse em casamento. Meu pedido foi ridicularizado e regeitado por seu fallecido pae. Chamada á minha presença, disse que eu fôra ousado em lhe solicitar a mão, e confessou que não me amava, lembra-se?...

— Oh! Sim...

— ... para casar mais tarde com Alberico Pitanga! E agora, supplice, me solicitar protecção. Como este mundo dá voltas, Clelia!

Ferida profundamente com as palavras cortantes do "Senhor de Santa Barbara", Clelia ergueu-se da cadeira e, após reflectir um instante, coordenando as idéas, pensando nas infelicidades que foram desabando sobre si e os seus desde que apparecêra na cidade o "Senhor de Santa Barbara", ligando tudo ao que acabára de ouvir, teve o presentimento de que o causador de toda a sua ruina não fora outro senão o "Senhor de Santa Barbara"!

E como, ingenua, ella ainda lhe fôra aos pés, julgando seu amigo, solicitar sua protecção! Suas faces se ruborizaram. Encarando-o com a physionomia transformada pelo odio, o "Senhor de Santa Barbara", rodou sobre os calcanhares e, sem proferir palavra, indignada, retirou-se do seu palacete, vencida e humilhada!

. . . .

Cumprira-se a ultima parte da vingança terrivel e implacavel do "Senhor de Santa Barbara"!

— Minha mulher tem o mal costume de não se deitar senão depois das tres da manhã.
— E por que não se deita antes?
— Porque me fica esperando...

Um ligeiro cumprimento

Quando damos de cara com uma pessoa com quem não desejamos falar, livramo-nos com um breve "Adeus!"......

O mesmo succede com os males do estomago, quando se administra, a tempo, o unico remedio efficaz e seguro; o unico medicamento recommendado por meio seculo de uso continuo em todas as clinicas, em toda a parte.

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

EXIJA SEMPRE O FRASCO COM O ROTULO EM PORTUGUEZ!